Patrícia Garcia Nicoli

"Ferdinand Denis e o Projeto Indianista Romântico Brasileiro"

1910001389

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de São José do Rio Preto

PATRÍCIA GARCIA NICOLI

"FERDINAND DENIS E O PROJETO INDIANISTA ROMÂNTICO BRASILEIRO"

Orientadora: Profª Drª Norma Wimmer

São José do Rio Preto – SP
2005

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de São José do Rio Preto

PATRÍCIA GARCIA NICOLI

"FERDINAND DENIS E O PROJETO INDIANISTA ROMÂNTICO BRASILEIRO"

Inst. de Biociências, Letras e Ciências Exatas - UNESP
BIBLIOTECA
S. J. Rio Preto
T. 1385/05

Dissertação apresentada ao Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Campus de São José do Rio Preto, para a obtenção do título de Mestre em Letras (Área de Concentração: Teoria da Literatura).
Orientadora: Profª Drª Norma Wimmer

São José do Rio Preto – SP
2005

82.091
N644f

04/04/2005
Doação
R$ 33,00
AUTOR(A)
076/2005
115/05

80210007

Nicoli, Patrícia Garcia.
Ferdinand Denis e o projeto indianista romântico brasileiro / Patrícia Garcia Nicoli – São José do Rio Preto : [s.n.], 2005
202 f. : il. ; 30 cm.

Orientador: Norma Wimmer
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual Paulista. Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas

1. Literatura comparada. 2. Indianismo (Literatura). 3. Denis, Ferdinand , 1798-1890. I. Wimmer, Norma. II. Universidade Estadual Paulista. Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. III. Título.

CDU – 82.091

"Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos, e não tivesse amor, seria como o metal que soa ou como o sino que tine.
E ainda que tivesse *o dom de* profecia, e conhecesse todos os mistérios e toda a ciência, e ainda que tivesse toda a fé, de maneira tal que transportasse os montes; e não tivesse amor, nada seria"

1 Coríntios 13: 1,2

unesp

AGRADECIMENTOS

A DEUS, que nos deu a vida e condições para chegarmos onde estamos.

À Família, pelo apoio, carinho e amor dispensado, sempre integral e incondicional.

À Drª. Norma Wimmer, orientadora, paciente, dedicada, responsável e, principalmente uma grande amiga, em todas as horas.

Ao Prof. Dr. Peter James Harris, que tão gentilmente redigiu a versão em inglês do resumo aqui inserido.

Aos membros da Banca, que tão atenciosamente analisarão o assunto aqui abordado.

Aos funcionários do IBILCE, por disponibilizarem os instrumentos necessários às nossas pesquisas.

Aos funcionários da seção de Atendimento à Distância da Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro, por localizarem e permitirem a microfilmagem da obra *Scènes de la Nature sous les Tropiques et de Leur Influence sur la Poèsie, Suivies de Camoëns et Jozé Índio*, de Ferdinand Denis.

Aos amigos, que tanto apoio e interesse demonstraram no decorrer deste "trabalho".

DEDICATÓRIA

"Dedico o presente trabalho a meus pais, por seu apoio e amor, mantendo-me sempre firme diante das dificuldades, por meio de intensos incentivos a fim de continuar minha "caminhada" até o objetivo almejado; aos meus irmãos, por seu carinho e auxílio; e a meus amigos, pela "força" oferecida."

NICOLI, Patrícia Garcia. FERDINAND DENIS E O PROJETO INDIANISTA ROMÂNTICO BRASILEIRO. Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP), campus de São José do Rio Preto – SP, 2005.

RESUMO

Com a independência do Brasil, em 1822, o panorama nacional sofreu diversas alterações. Desenvolveu-se uma intensa busca por modelos que propiciassem o surgimento de uma literatura *tipicamente brasileira*, o que consolidaria a noção de *identidade nacional*, importante instrumento para o delineamento ideológico da nova nação.

O movimento romântico, em curso na Europa, veio oferecer a novidade almejada por intelectuais e artistas brasileiros.

Surge, neste contexto, um crítico bastante importante: Jean-Ferdinand Denis, francês que, tendo viajado por parte do Brasil durante três anos, publicou livros sobre o país e seus autores. Apontou, inclusive, um *caminho* que poderia levar, em sua opinião, à construção de uma *literatura nacional*, exemplificando suas sugestões no episódio indianista de sua autoria, intitulado *Os Maxacalis*.

Através da presente pesquisa pretendeu-se verificar os ideais apregoados pelo autor francês, constatar sua ocorrência no episódio *Os Maxacalis*, e verificar sua permanência ou não em duas obras brasileiras: *I-Juca Pirama,* de Gonçalves Dias e *O Guarani*, de José de Alencar.

Este trabalho situa-se no campo de estudos da literatura comparada e, para seu desenvolvimento lançou-se mão dos métodos comparativistas.

Procurou-se demonstrar a importância de Ferdinand Denis para a formação do romantismo brasileiro, e sua contribuição para a configuração do nosso indianismo romântico.

PALAVRAS-CHAVE: Ferdinand Denis, Romantismo, indianismo, identidade nacional, Literatura comparada.

NICOLI, Patrícia Garcia. FERDINAND DENIS AND THE "INDIANIST" PROJECT IN BRAZILIAN LITERATURE. Dissertation of Master's degree presented to Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP), campus of São José do Rio Preto, State of São Paulo, Brazil, 2005.

ABSTRACT

When Brazil gained its independence, in 1822, the nacional panorama underwent a number of changes. An intense search began for models which would favour the rise of a *typicallu Brazilian* literature, which would consolidate the notion of a *national identity*, an important instrument in the ideological shaping of the new nation.

The Romantic movement, under way in Europe, offered precisely the new development so ardently sought by Brazilian artists and intellectuals.

It was in this context that a highly important critic arrived on the scene: Jean-Ferdinand Denis, a Frenchman who, after travelling through a part of Brazil for three years, published

books about the country and its authors. In his writing he pointed out a *path* wich, in his opinion, could lead to the construction of a *national literature*, giving examples of his suggestions in his "indianist" text *Os Maxacalis*.
It has been the aim of the present study to examine the ideas preached by the French author, to check their occurrence in *Os Maxacalis*, and to ascertain the extent to which they are present in two Brazilian works of literature: *I-Juca Pirama*, by Gonçalves Dias, and *O Guarani*, by José de Alencar.
This study is situated in the field of comparative literaty studies, and use was therefore made of comparative methodology.
An attempt has been made to demonstrate the importance of Ferdinand Denis in the development of Brazilian Romanticism, and his contribution towards the configuration of Brazilian Romantic "indianism".

KEY WORDS: Ferdinand Denis, Romanticism, "indianism", national identity, Comparative Literature.

ÍNDICE

0. INTRODUÇÃO.....01

I. A INDEPENDÊNCIA POLÍTICA E A PROBLEMÁTICA DO HERÓI NACIONAL.....03

II. UM BRASILIANISTA FRANCÊS: FERDINAND DENIS.....11

III. UM EPISÓDIO INDIANISTA: *OS MAXACALIS*.....35

IV. GONÇALVES DIAS E FERDINAND DENIS.....80

V. JOSÉ DE ALENCAR E FERDINAND DENIS.....103

VI. CONCLUSÃO.....133

VII. REFERÊNCIAS.....139

VIII. BIBLIOGRAFIA CONSULTADA.....141

unesp

IX. ANEXO I: *OS MAXACALIS*.....146

X. ANEXO II: *I-JUCA PIRAMA*.....167

XI. ANEXO III: QUADRO FÔNICO DE *I-JUCA PIRAMA*.....178

0. INTRODUÇÃO

Vários autores estrangeiros contribuiram, com suas obras, para a constituição da literatura brasileira. Dentre eles, escolheu-se, na presente pesquisa, o trabalho do francês Jean-Ferdinand Denis, notadamente duas obras referentes ao Brasil: *Scènes de la nature sous les tropiques et de leur influence sur la poèsie, suivies de Camoëns et Jozé Índio* e o *Resumo da história literária do Brasil*.

Ferdinand Denis pregou e utilizou, ele mesmo, a temática indianista como forma de distinção da literatura brasileira em relação às obras cuja temática não se diferenciava daquelas de origem portuguesa.

A utilização de seus preceitos por autores brasileiros, especificamente Gonçalves Dias, em *I-Juca Pirama* e José de Alencar, em *O Guarani*, compõem juntamente com a análise do episódio indigenista *Os Maxacalis*, o "corpus" da presente pesquisa, apresentada em 6 capítulos.

O primeiro capítulo fornece noções gerais sobre os reflexos da independência política do Brasil na formação do romantismo

brasileiro e a problemática da *escolha* do herói nacional; o segundo capítulo aborda a vida e as obras do escritor francês Ferdinand Denis.

No terceiro capítulo apresentamos a confrontação dos preceitos de Denis com seu seu episódio indianista *Os Maxacalis*; as idéias ali expostas nortearão as análises comparativas desenvolvidas no quarto e quinto capítulos, abordando *I-Juca Pirama* e *O Guarani*, respectivamente.

No sexto capítulo serão apresentadas as conclusões da pesquisa.

São nossas as traduções das citações extraídas das obras: *Scènes de la nature sous les tropiques et de leur influence sur la poèsie; suivies de Camoëns et Jozé Índio* (Ferdinand Denis); *Rêve exotique: images du Brésil dans la littérature française 1822-1888* (Jerzy Brzozowski); *Atala* (Chateaubriand); *Nous et les autres* (Tzvetan Todorov). As citações foram atualizadas e adaptadas para facilitar a leitura.

As citações da obra *Os Maxacalis* foram extraídas do livro publicado por Jean-Paul Bruyas, traduzido por Maria Cecília Queiroz de Moraes Pinto.

I. A INDEPENDÊNCIA POLÍTICA E A PROBLEMÁTICA DO HERÓI NACIONAL.

Em 1822, o Brasil teve sua Independência proclamada. Entretanto, essa *independência* só seria realmente sentida pelos brasileiros caso eles pudessem romper com a antiga Metrópole. Era necessário desvendar sua própria *origem*, desvincula-lá da portuguesa, e descrevê-la em uma forma nova, representar a independência em vários níveis. Diz Antonio Candido que "afirmar a autonomia no setor literário significava cortar mais um liame com a mãe Pátria (1964, p.309, v.I)". Para configurar essa ruptura, os intelectuais brasileiros buscaram identificar-se com os primeiros proprietários desta terra, buscando suas verdadeiras *raízes*; "reconhecer tradição literária no Brasil significava dar carta genealógica aos jovens, amparando no passado as suas tentativas (CANDIDO, ibidem, p. 310)".

As nações européias contavam com uma *tradição literária*, amparada na Idade Medieval. O Brasil, por ser um país jovem, não conseguiria retroceder tanto na história, afinal não possuíamos tradição medieval ou greco-romana. Houve, então, a necessidade da

descoberta de um *herói nacional*, de uma figura *tipicamente* brasileira, que demonstrasse as peculiaridades de um povo, e que as revelasse ao resto do mundo. Era necessária a invenção de um herói que possuísse todas as qualidades imprescindíveis à constituição histórica de um povo bravo, forte e guerreiro: alguém equiparável aos heróis gregos, romanos e cavaleiros medievais. Mas, para representar este herói era preciso reapresentar a natureza tropical sob uma nova *ótica*, que se pretendia bem diferente daquela até então utilizada, fundamentada no rigor clássico.

Demarcada a perspectiva nacionalista a ser buscada, pareceu necessário a determinação de uma nova "arte poética" a ser seguida. Seria importante considerar que, durante a primeira parte do século XIX europeu, principalmente, vários autores demonstraram, voltando seu *olhar* para o novo, grande interesse por paisagens exóticas e culturas desconhecidas.

Neste sentido, os europeus desejavam alargar sua imaginação, e as novas terras descobertas, devido à sua distância e contraste, propiciavam o *lugar* ideal para esse *florescimento imaginativo*:

> (...) o exotismo seria um modo de representação à parte, que difere do fantástico, pois ele supõe a existência real daquilo que é descrito: no entanto, o leitor recebe uma impressão que se assemelha àquela inerente ao fantástico, ou seja, uma "surpresa com relação à riqueza de um mundo maior e mais complexo do que aquele que possamos imaginar".[1]

[1] "*(...) l'exotisme serait un mode de représentation à part, qui diffère du fantastique, car il suppose l'existence réelle de ce qu'on décrit: pourtant le lecteur subit une*

A escolha do índio como representante da brasilidade, entretanto, não deixava de conter certa ambigüidade, consideradas as perspectivas filosóficas ou antropológicas até então conhecidas: divergências acerca do caráter do índio permeavam o conhecimento que dele se tinha. Alguns viam nele apenas um ser inferior, igualando-o aos animais, devido à sua *falta de civilização*. Para Renan, por exemplo, os povos indígenas americanos constituíam uma raça inferior, juntamente com os negros e os selvagens da Austrália. Le Bon, seguindo Renan, também os colocava num patamar inferior, afirmando que, "são 'capazes de rudimentos de civilização, mas apenas de rudimentos'; são 'bárbaros cuja inferioridade cerebral os condenaria para sempre à barbárie' " [2].

Le Bon acreditava, assim como Renan, no extermínio das raças inferiores pelas superiores, aceitando que esse processo fosse, inclusive, acelerado: " a experiência prova que todo povo inferior colocado na presença de um povo superior está fatalmente condenado a desaparecer rapidamente" [3].

Entretanto, outros pensadores procuravam nos silvícolas traços de coragem e da bondade natural, por não terem sido corrompidos pela *civilização*. Rousseau apregoava que o "estado selvagem", teria sido aquele no qual o homem gozaria sua maior

---

impression qui côtoie celle qui est propre au fantastique, à savoir, une 'surprise face à la richesse du monde plus grande et plus complexe que celle que nous pouvions imaginer' ". (STOFF *apud* BRZOZOWSKI, 2001, p. 62)

[2] *"(...) elles sont 'capables de rudiments de civilisations, mais de rudiments seuleument'; ce sont 'de barbares que leur infériorité cérébrale condamnait à ne jamais sortir de la barbárie' ".* (LE BON *apud* TODOROV, 1989, p. 131)

[3] *"L'experience prouve que tout peuple inférieur mis en présence d'un peuple supérieure est fatalement condamné à bientôt disparaître".* (LE BON *apud* TODOROV, 1989, p. 130).

felicidade. Tal estado não correspondia à primitividade, mas a um momento intermediário entre a ausência de conhecimentos, equiparável ao estado dos animais, e a "civilização", que transformara o homem num ser miserável.

Rousseau afirmava que,

> Este período de desenvolvimento das faculdades humanas, ponto intermediário entre a indolência do estado primitivo e a petulante atividade de nosso amor-próprio, deve ter sido a época mais feliz, e a mais duradoura. Quanto mais refletimos sobre isso, percebemos que este estado era o de menor suscetibilidade a revoluções, o melhor para o homem, e do qual ele não deveria ter saído, a menos que por um acaso funesto.[4]

Utilizando-se desta teoria, o problema da escolha do índio como herói nacional estaria solucionado, pois havia o respaldo filosófico necessário para a sua eleição como representante humano da construção de um passado histórico literário da nação.

A escolha do índio, habitante local, implicava a exclusão do negro, do branco e do mestiço. O negro não era considerado *pessoa*, e sim *objeto* que os portugueses compravam. Não poderia portanto, representar o herói nacional. Além disto, encontrava-se,

---

[4] *"Cette période du développement des facultés humaines, tenant un juste milieu entre l'indolence de l'état primitif et la pétulante activité de notre amour-propre, dut être l'époque la plus heureuse, et la plus durable. Plus on y réfléchit, plus on trouve que cet état était le moins sujet aux révolutions, le meilleur à l'homme, et qu'il n'en a dû sortir que par quelque funeste hasard "*. (ROUSSEAU *apud* TODOROV, 1989, p. 321-313)

segundo a opinião de alguns filósofos da época, em um patamar inferior ao do indígena. O branco representava o "estrangeiro", portanto não era adequado para simbolizar o nacional. O mestiço também era desconsiderado por não constituir uma "raça pura".

Ferdinand Denis, durante sua curta permanência no Brasil, interpretou com perspicácia a realidade política, cultural e literária brasileira e acabou tornando-se um dos maiores divulgadores das *maravilhas dos trópicos*. Sua intensa pesquisa e fascínio pela nação recém-independente foram favoráveis aos interesses dos brasileiros. Reconhecendo que o país possuía uma literatura nacional, dissociada da portuguesa, foi o primeiro a apontar ao mundo essa constatação, fundamentada em suas muitas pesquisas efetuadas durante sua estadia. Demonstrou em seus livros que os brasileiros *deveriam* aproveitar as *coisas de sua terra*, para diferenciar *sua* literatura da portuguesa, uma vez que a utilização da mesma língua propiciava uma confusão com relação à origem das obras. Indicou aos brasileiros um herói nacional, que poderia ser representado pelo índio das florestas tropicais. Na busca das origens, embasada no modelo europeu, encontra-se o *silvícola*, primeiro habitante desta terra, senhor destas paragens antes da chegada dos portugueses;

> a altivez, o culto da vindita, a destreza bélica, a generosidade, encontravam alguma ressonância nos costumes aborígenes, como os descreveram cronistas nem sempre capazes de observar fora dos padrões europeus e, sobretudo, como os quiseram deliberadamente ver escritores animados do desejo patriótico de chancelar a

> independência política do país com o brilho de uma grandeza heróica especificamente brasileira (CANDIDO, 1964, p.20, v.II)

Ferdinand Denis, "realizando uma pregação decidida em prol do *abrasileiramento* da literatura, definiu com precisão as duas temáticas a que seria preciso recorrer: indianismo e paisagem americana" (CHAVES, 1997, p.127). Além de compilar as obras de alguns escritores brasileiros, como efetivamente pertencentes à literatura brasileira, propôs o desenvolvimento dos aspectos nacionais, e o abandono das figuras mitológicas greco-latinas, que, segundo ele,

> foram dirigidas a extremos onde as nações não as podiam bem compreender e onde deveriam ser sempre desconhecidas; não se harmonizam, não estão de acordo nem com o clima, nem com a natureza, nem com as tradições. A América, estuante de juventude, deve ter pensamentos novos e enérgicos como ela mesma, nossa glória literária não pode sempre iluminá-la com um foco que se enfraquece ao atravessar os mares, e destinado a apagar-se completamente diante das aspirações primitivas de uma nação cheia de energia (DENIS, 1968, p.30).

Movidos pela ânsia da total independência da nova nação, pelo ideal de nacionalismo cada vez maior, e sentindo-se encorajados e apoiados por europeus como Denis, intelectuais, escritores e alguns políticos brasileiros começaram a *construir* sua literatura, descobrindo e valorizando as belezas exuberantes de seu país;

unesp

> num País que acabava de se tornar independente e carecia de orientação intelectual, as idéias de Ferdinand Denis repercutiram imediata e intensamente e ditaram os rumos tanto da produção teórico-crítica quanto da criação literária subseqüentes (CHAVES, 1997, p.127).

Seguindo os caminhos desbravados pelo francês, vê-se José de Alencar e Gonçalves Dias erigindo seus aborígenes como heróis. Alencar cria um *bom selvagem* portador de qualidades semelhantes às dos cavaleiros medievais, possuidor de grandes virtudes, sem vícios aparentes. Usa de elementos da natureza brasileira para *ambientar* seus romances, não meramente figurativa, mas desempenhando neles um papel "representativo" da grandeza nacional. Traduz a amplitude do Brasil na majestade e exuberância da flora e da fauna brasileiras. Segundo Antonio Candido e José A. Castello, a presença da natureza na obra de Alencar "é devida, sobretudo, ao uso de metáforas naturais, que fundem a realidade humana na paisagem" (1968, p. 338), o que acaba por tornar indissolúvel "a vinculação entre o homem e as coisas" (ibidem).

Seu herói é capaz dos maiores sacrifícios pelo amor devotado a uma européia, sempre respeitando-a como se fosse um verdadeiro fidalgo português. Seus modos, apesar de apresentarem os traços selvagens, são sempre refinados, mesmo em se tratando de uma criatura das florestas.

O poema *I-Juca Pirama*, de Gonçalves Dias, apresenta aos brasileiros um índio convivendo exclusivamente com

outros silvícolas. O colonizador não é colocado no cenário dos sofrimentos indígenas vivenciados nesse poema. Numa visão diferente da apresentada por Denis, Gonçalves Dias expõe alguns costumes indígenas como, por exemplo, o ritual antropofágico. Seu índio, idealizado, só possui os dilemas próprios à sua comunidade, pois não são abordados, em momento algum, os conflitos originados pelo contato com os europeus.

Por amor a seu pai, o índio de Gonçalves Dias é capaz de se humilhar perante seus inimigos, pedindo pela preservação de sua vida, algo inaceitável e vergonhoso segundo os costumes dos silvícolas.

Estamos, portanto, diante de três representações de um mesmo herói nacional, o aborígene brasileiro, que tendo sido escolhido pelos autores das referidas obras, visa oferecer ao nosso público sua *origem mítica*, elo propiciador da configuração da *tradição literária*, elemento necessário para o reconhecimento, por parte dos outros países, da existência de uma *literatura nacional*.

II. UM BRASILIANISTA FRANCÊS: FERDINAND DENIS.

Com a vinda da família real portuguesa, em 1808, para o Brasil, sucessivas modificações transformaram o país.

Ao abrir os portos às "nações amigas", D. João VI intensificou o comércio, favorecendo, dessa maneira, o intercâmbio, não só de produtos, mas também de idéias. A nação emergente ia traçando seus contornos, tanto na estética urbana quanto nos costumes, que se assemelhavam, cada vez mais, aos da Europa, notadamente da França.

O número de imigrantes franceses, estabelecidos no Rio de Janeiro, transformava algumas ruas, como a do Ouvidor e do Ourives, em verdadeiras "Françaas", devido ao grande número de lojistas franceses que lá se instalaram. Em março de 1816, chega ao Brasil, a Missão Artística Francesa, composta por um grupo de pintores, escultores e arquitetos, chamados por D. João VI, com o objetivo de fundar uma Academia de Belas-Artes, a qual propiciaria o desenvolvimento das atividades artísticas no Brasil.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

Em julho do mesmo ano, o jovem parisiense Ferdinand Denis embarca no Havre, com destino ao Brasil. Segundo filho de uma família burguesa arruinada economicamente pela Revolução Francesa, ele não teve condições de freqüentar o ensino secundário. Seu pai era tradutor do Ministério do Exterior e desejava que o filho seguisse a carreira diplomática; para isso matriculou-o na École de Jeunes de Langue (Escola de Línguas para Jovens), embrião da futura École des Langues Orientales (Escola de Línguas Orientais), onde aprendeu rudimentos de turco. Homem culto (compreendia inglês, italiano, espanhol e português; traduzia alemão, e tinha noções de holandês, sueco, dinamarquês, grego moderno e polonês), ele possuía uma grande biblioteca na qual o jovem podia complementar seus estudos e apreciar os relatos de viagens e as descrições de terras distantes que lhe inspiravam o desejo de viajar e conhecer *pessoalmente* as longínquas terras de riquezas abundantes.

A situação financeira da família piorou quando, por razões de saúde, o pai perdeu o emprego, o que fez o jovem Denis tomar a decisão de viajar para Goa e Bengala, onde um amigo da família o ajudaria, empregando-o como comerciante.

Foi por isso que Jean-Ferdinand Denis, em 1816, aos dezoito anos, chegou ao Brasil. Sua intenção era a de achar, no Rio de Janeiro, um navio que o levasse a Goa. Dificuldades materiais acabaram por fazê-lo ficar no país por três anos, dos quais seis meses no Rio de Janeiro, e mais de dois anos na Bahia, onde conseguiu um emprego de secretário numa agência consular.

Em 1819, seu "protetor", Plasson, adido consular da França na Bahia e amigo da família, é substituído por Berthon. Este não

quis mantê-lo como secretário da agência consular, propondo-lhe um emprego como funcionário em uma de suas lojas, função que Denis recusou.

Em uma tentativa de encontrar os tesouros do Novo Mundo, o futuro escritor se aventura, como representante de Plasson, em uma *transação comercial* no vale médio do Jequitinhonha. Era a oportunidade de penetrar no interior do Brasil, explorar aquelas regiões onde a natureza se mostrava mais esplendorosa, e conhecer "pessoalmente" aquilo que lera nos "relatos de viajantes" como os de André Thevet, Jean de Léry, Príncipe Maximiliano de Neuwied, Saint-Hilaire, Humboldt. Com o fracasso da *operação comercial*, Denis decide abandonar o Brasil e voltar à França. Apesar de não ter feito fortuna, Denis, aos vinte e um anos, levaria consigo uma grande *bagagem* de impressões da qual ele saberia tirar proveito para redirecionar sua vida.

Em 1822, é proclamada a Independência do Brasil e, com ela, surge a necessidade de libertar, também, a cultura brasileira da dependência portuguesa. Devido à projeção cultural e política da França na época, e também ao intercâmbio crescente entre ela e o Brasil, os escritores trocam o modelo português pelo francês, no qual procuravam o apoio e o reconhecimento de que precisavam:

> Após a vinda da família real, o número de livrarias no Rio de Janeiro aumentou consideravelmente e, além disso, com a eclosão do jornalismo verificada após a independência política, muitas obras francesas, sobretudo coletâneas de poesias e romances, foram impressas em periódicos locais (WIMMER, 2000, p. 131).

Em 1824, Ferdinand Denis resolveu, seguindo os passos de seus antecessores (Bouterwek, Sismondi etc), escrever sobre tudo o que *viu* no Novo Mundo, corroborando suas informações por meio de documentos e de citações de outros viajantes. Afinal, para que os fatos relatados não fossem questionados, estes deveriam remerter a fontes fidedignas, documentos autênticos com informações capazes de suprir inevitáveis deficiências dos instrumentos *não científicos* como a constatação e a memória.

Procurando adequar-se a essas exigências, Denis escreveu seu livro *Scènes de la nature sous les tropiques et de leur influence sur la poèsie, suivies de Camoëns et Jozé Índio*, em 1824, verbalizando o que vinha sendo apenas sugerido por seus predecessores. Declarava, no prefácio, os objetivos a que se propunha em sua obra:

> (...) o de relembrar a influência da natureza sobre a imaginação e o de dar a conhecer aos europeus o partido que eles podem tirar das grandes cenas a respeito das quais têm, as mais das vezes, apenas uma visão imperfeita.[5] (DENIS *apud* ROUANET, 1991, p. 210-211).

Essa influência exercida pela natureza sobre a imaginação já era pregada pela corrente pré-romântica, na França.

---

[5] *"(...) celui de rappeler l'influence de la nature sur l'imagination des hommes qui vivent dans les pays chauds, et celui de faire connaître aux Européens le parti qu'ils peuvent tirer des grandes scènes dont ils n'ont souvent qu'une idée imparfaite."* (DENIS, 1968, p. III).

Madame de Staël, com suas obras *De la littérature considérée dans ses rapports avec les institutions sociales* e *De l'Allemagne*, estabelecia um paralelo entre a literatura e a civilização, defendendo a teoria de Montesquieu sobre a "influência do clima", reencontrada, mais tarde, na base do sistema crítico de Taine. Para eles, o clima exercia uma grande influência sobre a produção literária, que refletia os costumes, a religião e as leis vigentes na sociedade.

Em suas *Scènes*, portanto, Denis descreve a natureza e aponta os benefícios que a poesia poderia extrair dela,

> (...) os temas (...) abordados neste livro respeitam uma hierarquia bem traçada. Em primeiro lugar, e dominando tudo o mais, estão as próprias cenas de uma natureza não européia; em seguida vem o partido que os europeus "amigos da literatura" poderiam tirar de tais informações, em benefício de sua arte; e finalmente, de que maneira isto poderia vir a ser útil também para esses povos que ainda estão na infância. (ROUANET, 1991, p. 222-223).

Denis prevê, então, grandes sucessos para as nações do Novo Mundo, principalmente para o Brasil e para o Peru. Em sua opinião, esses dois países estavam destinados a oferecer, um dia, ao resto da América, modelos de poesia; para isso tinham o clima ideal, uma natureza ativa, uma linguagem nobre e harmônica a garantir seu sucesso. Ressalta o fato de que a alta sociedade do Rio de Janeiro e de Salvador conhecia todos os gêneros literários, estudava as línguas européias,

regozijava-se com a música, e tudo isso com uma disposição natural notável.

Demonstra, no conjunto de sua obra, toda a exuberância e majestade da natureza tropical, em suas palavras, "favorecida por Deus"; uma natureza que oferece tudo aos homens: alimentos, sombra, abrigo e também alguns perigos, facilitando a vida solitária, pois os aborígenes só precisam *colher* os alimentos. Ao contrário, a vida nas cidades, demanda uma união entre os homens, cada qual tendo sobre si a responsabilidade de desempenhar um determinado serviço, destinado ao bem da coletividade.

Essa *facilidade* oferecida pela natureza aos índios, permite-lhes, segundo Denis, entregarem-se à "preguiça" típica do clima tropical, que neles desperta várias idéias poéticas, demonstradas por meio de música, danças e crenças religiosas inspiradas pelos fenômenos naturais.

Ressalta, no entanto, o autor francês que essa "facilidade poética", dos silvícolas, acaba por prejudicar o desenvolvimento de uma literatura. Em sua opinião, em um lugar onde todos são "poetas", torna-se difícil a percepção do "fogo sagrado", que estaria presente apenas em alguns, concepção esta própria do Romantismo.

Dentre várias descrições de plantas e animais, Denis insere em suas *Scènes*, trechos de poemas e descrições de autores como Chateaubriand e Humboldt. Apresenta, também, trechos do poema *Caramuru*, de Santa Rita Durão, ressaltando a capacidade literária dos autores brasileiros, que não tinham seu talento reconhecido pelos europeus face à ausência de relações entre o Brasil e boa parte da Europa.

unesp

Para Denis, o clima e o aspecto da natureza conduziam as idéias poéticas, opinião esta reforçada com dois exemplos antagônicos: relata a idéia poética de uma ilha encantada, no meio de um lago, onde se encontravam mulheres maravilhosas, presente no imaginário dos silvícolas da Flórida, a qual opõe uma previsão muito antiga, dos índios mexicanos, segundo a qual, ao final de um ciclo de cinqüenta e dois anos, o fim do mundo chegaria; o sol não apareceria mais, os gênios do mal devorariam os homens, as mulheres grávidas deveriam ter seus rostos cobertos e ficar presas num local seguro, pois se transformariam em feras que vingariam seus maridos; tudo isso deveria culminar com o sacrifício de um homem para apaziguar os ânimos dos gênios. Essas idéias, segundo Denis, estavam estreitamente ligadas ao ambiente habitado pelos mexicanos, ou seja, ao aspecto aterrorizante das altas montanhas, aos *rugidos* de vulcões, a seus precipícios, às rochas cortadas de uma forma bizarra, de onde escapavam várias cascatas, e às florestas sombrias que os circundavam e impregnavam suas idéias poéticas de uma forma assustadora.

Acreditava Denis, entretanto, que as idéias poéticas dos aborígenes poderiam sofrer profundas alterações quando a *civilização* acabasse por destruir as florestas e os animais, modificando os costumes dos povos subjugados e assemelhando-os aos do *Velho Mundo*. Além disso, demonstra a importância atribuída pelos índios ao amor: seus cantos poéticos eram inspirados pela necessidade de expandir um sentimento profundo, exalar um fogo que os devorava, e não pela preocupação de um reconhecimento por parte dos demais, o que seria modificado, certamente, com a vinda da civilização.

unesp

Percebe, nas índias, uma enorme emotividade, oscilando entre uma profunda melancolia e a mais delirante alegria; nelas reconhece também o *universal* amor materno, demonstrado pelo tratamento carinhoso dispensado aos pequenos. Chama a atenção, ainda, para o fascínio exercido pelos europeus sobre as pobres silvícolas, exemplificando seus resultados funestos pelo trágico fim de Moema, personagem indígena de *Caramuru*.

Afirma Denis, nas *Scènes* que "o clima e o aspecto da natureza têm uma influência direta sobre as inspirações poéticas (...)" [6] e que,

> Os homens podem mudar seus costumes através do contato com outras nações, adotando freqüentemente outros hábitos quando são conquistados; mas que a poesia está longe de sofrer tantas mudanças; sempre lhe sobra aquele caráter que se relaciona ao aspecto dos espaços ou ao grau de exaltação produzido pelo clima. [7]

Enfatizando sua convicção acerca desta estreita relação entre a natureza, o clima e o temperamento dos povos, o escritor francês aponta a fragilidade dos índios fora de seu ambiente natural;

---

[6] *"Le climat et l'aspect de la nature ont une influence directe sur les inspirations poétiques (...)."* (DENIS, 1824, p. 02)

[7] *"Les hommes peuvent changer leurs habitudes par leur contact avec d'autres nations, ils adoptent souvent d'autres usages quand ils ont été conquis; mais la poèsie est loin de subir autant de changemens; il lui reste toujours ce caractère qui tient à l'aspect des lieux ou au degré d'exaltation produit par le climat"*. (ibidem).

neste sentido, cita o exemplo dos silvícolas levados para a Europa[8]; desterrados, estes não compreendiam, por viver em "eterna primavera tropical", o outono e o inverno europeus, julgando assim estarem presenciando a morte da natureza. Diante de tão aterrorizantes e incompreensíveis transformações, eles permaneciam prostrados e suas forças esvaíam-se,

> Se quisermos forçá-lo a morar por muito tempo longe de seus desertos, seu corpo se enfraquece, seu olhar se torna lânguido, sua voz agonizante, cada um de seus suspiros é uma acusação; ele clama ao tribunal da divindade contra os homens que o retém a fim de participar de uma civilização cujas leis o assustam; ele morre em um curto espaço de tempo, porque suas mágoas são muito vivas perdurando por vários anos. Devolva esse selvagem aos seus campos, o espetáculo que se apresenta aos seus olhos o anima repentinamente. Ele aspira o perfume das florestas, e desperta como de um terrível pesadelo, ele admira o esplendor das flores e seus olhos retomam sua antiga vivacidade; ele ouve o canto dos pássaros e sua voz se eleva alegremente aos ares. [9]

---

[8] Os colonizadores europeus tinham por hábito levar "amostras" das coisas que encontravam no "Novo Mundo" para a Europa; incluindo "exemplares" humanos, juntamente com animais e vegetais.

[9] *"(...) si l'on veut le contraindre à demeurer long-temps loin de ses déserts, son corps s'affaiblit, ses regards deviennent languissans, sa voix est mourante, chacun de ses soupirs est une accusation; il appelle au tribunal de la divinité les hommes qui le retiennent pour lui faire partager une civilisation dont les lois l'épouvantent; il meurt au bout d'un court espace de temps, parce que ses regrets sont trop vifs pour durer pendant des années. Ramenez ce sauvage dans ses campagnes, le spectacle qui se présente à ses regards le ranime tout-à-coup. Il aspire le parfum des forêts, et se réveille comme d'un songe pénible, il admire l'éclat des fleurs et ses yeux reprennent*

Denis critica, também, a destruição causada pelos europeus, em nome da *civilização*, das nações que ainda se encontravam na *infância*. Assevera que em locais onde se achavam monumentos naturais, o homem *civilizado* deixa apenas rastros de destruição e sangue. Neste sentido, condena também o flagelo da *escravidão*, mostrando a situação dos africanos, arrebatados de sua pátria e subjugados ao trabalho escravo pelos europeus.

Apesar de lamentar a destruição causada pelos europeus, acreditava o escritor francês que com a *civilização*, o desenvolvimento da agricultura e as particularidades da natureza e do clima do *Novo Mundo*, seria possível o surgimento de novos e grandes impérios; julgava, assim, que o intercâmbio entre Europa e América poderia ser proveitoso para ambas as partes. Por um lado, tal intercâmbio propiciaria novos elementos e sensações aos europeus que, por sua vez, ofereceriam instrumentos necessários ao desenvolvimento desse Novo Mundo, o qual, segundo a idéia dominante da época, encontrava-se na *infância*, contrariamente aos países civilizados e em *idade adulta*. Os jovens habitantes do *Novo Mundo* aprenderiam como se desenvolver, podendo não apenas atingir o patamar em que se encontravam os *mestres*, como, até mesmo, ultrapassá-los, em vista da riqueza de seus elementos naturais.

A comparação do desenvolvimento da sociedade e das letras com as fases da vida de um homem, e que seria mais tarde

---

leur ancienne vivacité; il entend le chant des oiseaux et sa voix s'éléve gaîment dans les airs." (DENIS, 1824, p. 62-63)

retomada por Alencar no Prefácio aos *Sonhos d'ouro*, a *Benção paterna*, parecia justificar a existência de civilizações que não conheciam o *progresso*, e que, por isso viveriam *na inocência* como as crianças. Acreditava-se que as guerras, a escravidão e a miséria dos povos desapareceria conforme as "luzes" da razão crítica fossem se disseminando pelo mundo. Ou seja, contrariamente ao pensamento rousseauniano segundo o qual o homem "primitivo" viveria idilicamente em perfeita felicidade, o aperfeiçoamento gradativo dos povos encontrados em "estado de natureza" lhes proporcionaria atingir a virtude e a felicidade, "bens que deveriam ser buscados, conquistados e construídos pelo próprio homem" (ALENCAR, 1956, p. 38).

Respaldando-se na *maturidade* em que a França se encontrava, Denis exemplificou no final de suas *Scènes*, por meio de dois episódios, os princípios expostos em seu texto. *Palmarès,* um dos episódios, aborda a escravidão e o movimento rebelde dos escravos que fundaram o quilombo de Palmares; no outro episódio, *Os Maxacalis*, Denis resolveu "explorar o rico manancial da vida indígena" (CÉSAR, 1978, p. XXXV), que em sua opinião, ainda não tinha sido devidamente utilizado pelos escritores.

Dirigidas principalmente ao público francês, as *Scènes*, não tiveram a acolhida esperada pelo autor. O crítico Sainte-Beuve, articulista do *Globe*, considerou a idéia principal das *Scènes* "perfeitamente justa", entretanto apontou algumas "falhas", que, em sua opinião, maculavam a obra. Uma delas seria a dificuldade de compreensão das cenas relatadas por Denis, por parte dos europeus, pois nem todos tinham condições de entender aquilo que lhes era *estranho*, e

que os obrigava a procurar informações complementares para uma percepção global dos quadros dos trópicos, *pintados* por ele.

Aprimorando as idéias expressas nas *Scènes* e, considerando os *conselhos* de Sainte-Beuve, Denis escreve o *Résumé de l'histoire littéraire du Portugal, suivi du Résumé de l'histoire littéraire du Brésil*, em 1826, dirigida agora, principalmente ao público brasileiro, um público capaz de compreender suas idéias. Este, por sua vez, necessitava de um suporte para ser reconhecido no "Velho Mundo". Nessa relação recíproca de necessidades, Denis encontrou o *filão* por meio do qual escoaria todas as riquezas cognitivas que adquirira durante sua estadia no Brasil.

No *Résumé*, Denis encarou como sua, a "tarefa (...) de fornecer aos brasileiros os princípios a partir dos quais estes deveriam desenvolver a sua própria literatura e, juntamente com isto, revelar-lhes o Brasil que *deveria ser visto*". (ROUANET, 1991, p.221). Durante sua estadia no Brasil, procurou cercar-se de todas as informações possíveis sobre o país e seus escritores, analisando as obras encontradas. Possuía, portanto, material suficiente, dentro do possível, para desempenhar a tarefa a que se tinha proposto. O *Résumé* apresentou uma inovação: distinguia a *literatura brasileira* da *literatura portuguesa*, sendo o seu objetivo maior "o de rastrear todos os passos e todos os aspectos que pudessem vir a configurar uma *tradição literária nacional brasileira*". (Idem, ibidem, p. 232)

Denis aconselhou os brasileiros a servirem-se de uma temática própria, que propiciaria sua distinção da literatura portuguesa, já que o fato de ser utilizada a mesma língua por ambas as literaturas dificultava a dissociação da origem das obras. A temática indianista era

perfeita para configurar a *originalidade americana*. Como nação independente, insistia Denis, o Brasil necessitava obter sua independência literária, a fim de se libertar por completo de sua antiga metrópole.

Considerava o escritor francês que as peculiaridades do clima, a exuberância da natureza e o tipo de educação ministrada aos brasileiros, propiciariam "disposições naturais para receber impressões profundas" (DENIS, 1968, p. 33), além da particularidade relativa à formação do "povo brasileiro", resultado da fusão de três raças: índio, negro e branco, em relação às quais Denis já tinha opinião formada. O índio era visto pelo escritor como portador de uma imensa melancolia, transmitida até mesmo por seu olhar, com toda sua energia voltada à liberdade.

> O americano ouve com melancolia, uma tristeza imensa lhe transluz no olhar; se fala, é em voz baixa, com um acento lastimoso nas palavras; raramente se anima, retendo a energia no fundo da alma, que é toda pela independência, pela liberdade que reina nas florestas. (ibidem, p. 35)

O negro detinha também uma grande imaginação, idéias em abundância, inconstância de sentimentos e certo calor da alma, presente, assim como no índio, em seu olhar.

> O negro necessita abandonar-se ao calor de sua imaginação, precisamos acompanhar-lhe o pensamento; a rapidez de suas palavras não lhe basta à abundância das idéias; com os gestos, excita os expectadores, a voz se lhe dispara numa gargalhada, os olhos acesos denunciam o calor que lhe vai n'alma. Inconstante nos sentimentos, mas sempre crédulo, o sobrenatural embeleza-lhe as narrativas; dá vida, com as tradições poéticas da terra natal, à nova pátria. Sem dúvida, geme ainda à lembrança dos infortúnios passados, mas, apesar das dores da escravidão, o presente, arrebatando-lhe o ardor da imaginação o conduz e desvia-lhe os olhos do futuro (...) (DENIS, 1968, p. 35-36).

O branco, orgulhoso de sua raça, que dominava as demais, criava novas tradições, mantendo, contudo, o amor à sua primeira pátria. Este, apesar de apresentar em suas narrativas novas tradições, continuava zelando sempre pelas antigas crenças.

> (...) o branco, que partilha amiúde o trabalho daqueles dois homens, orgulhoso de pertencer à raça dos dominadores, cria-se tradições novas, mas retém as dos velhos tempos; o seu pensamento vagueia algumas vezes sobre as bordas daquele Tejo por ele jamais visto; sua imaginação pertence à pátria: nas suas narrativas, nos seus cantos, mistura-se a história de ambos os países. (ibidem, p. 36)

unesp

Ressalta Denis, na miscigenação, a reunião dessas qualidades. No mameluco (branco + índio), percebe o impulso de independência, que o leva à exaltação de sua pátria, uma alma enérgica, como a do branco, e a melancolia herdada do silvícola.

> Quanto ao filho de mãe indígena, possui não sei que impulso de independência, que o leva a sentir a necessidade de exaltar, antes de tudo, a sua pátria; busca aventuras no meio da floresta; tem a perseverança do branco e a coragem do homem acobreado: sua alma é enérgica e seu espírito melancólico; desta raça saírão grandes coisas. (DENIS, 1968, p. 36)

No mulato (negro + branco), estão presentes o entusiasmo, a rapidez do pensamento, uma grande imaginação e suscetibilidade à paixão, qualidades estas originárias do negro; do branco a herança é uma grande coragem e a perseverança em atingir seus objetivos.

> O filho de pai europeu e mãe negra, o mulato, recorda o árabe nos traços, na cor e no caráter: o amor, exaltando-lhe a alma, torna-o entusiasta; pensa com rapidez, tem a imaginação colorida, o coração arrebatado. É poeta, tal como a natureza o criou. (ibidem)



Para Denis, a miscigenação favoreceria a produção literária brasileira, graças a sua grande heterogeneidade. O que para alguns era considerado elemento indicativo de uma *fraqueza racial* é tido pelo francês como um fator positivo, que propiciaria aos brasileiros destacarem-se na produção artística.

Aponta G. César, no prefácio de sua tradução do *Resumo da história literária do Brasil*, o entusiasmo de Denis pelas observações do viajante luso-inglês H. Koster, notadamente aquelas referentes à atuação do negro em nosso teatro, e o reconhecimento do mameluco como herói em grande parte de nossas lendas poéticas.

Segundo Denis, para um conjunto de obras ser considerado produção literária, estas deveriam apresentar um elemento comum que aparecesse reiteradamente em textos diversos de autores variados. O índio poderia ser, nesta concepção, o herói nacional típico, o elemento distintivo de uma *tradição literária*, e configurador de uma literatura. Em seu *Résumé*, ele apresenta a análise de algumas obras cujo elemento comum é o índio, concluindo que este, em nenhuma delas, foi bem aproveitado; entretanto esta presença, segundo ele, não deixa de indicar certa *tradição* e o leva a pressupor que:

> (...) a recordação de sua grandeza selvagem cumulará a alma de orgulho, suas crenças religiosas animarão os desertos, os cantos poéticos, conservados por algumas nações, embelezarão as florestas. O maravilhoso, tão necessário à poesia, encontrar-se-á nos antigos costumes desses povos, como na força incompreensível de uma natureza constantemente mutável em seus fenômenos (...) (DENIS, 1968, p. 31)

No Capítulo II de seu *Résumé*, o autor oferece uma "descrição sumária de alguns poetas" brasileiros, cujas obras estariam localizadas nos primórdios da literatura brasileira, dos séculos XVII e XVIII. Dentre os nomes citados estão os de Bento Teixeira Pinto, Manuel Botelho de Oliveira, João Mendes da Silva, Antônio José etc, figurando como exemplo dos primeiros esforços brasileiros na construção de uma literatura.

O terceiro capítulo da mesma obra é dedicado ao poema épico *Caramuru*, de José de Santa Rita Durão. Denis o analisa, oferecendo alguns trechos aos leitores e apontando o que considera falha: "As pessoas conhecedoras da História do Brasil hão de perceber que Durão não soube tirar partido da oportunidade excepcional que lhe haviam propiciado as aventuras de Diogo Álvares Correia" (Idem, ibidem, p. 61), sugerindo o que considerava ideal: que o autor desse destaque "ao heroísmo da mulher de Diogo" (Idem, ibidem, p. 62). Ele acreditava que teria sido mais proveitoso que a índia Paraguaçu fosse a personagem principal e a descrição da natureza e das aventuras ocorridas no Brasil ocupassem maior espaço. Ou seja, considerava primordial a utilização dos elementos, tanto cênicos quanto humanos, originários do Brasil; e que estes sobressaíssem em relação aos elementos portugueses.

O quarto capítulo apresenta a análise, acompanhada também de alguns trechos, de outro poema épico, *O Uraguai* de Basílio da Gama. A seu respeito afirma Denis não ter tirado o autor todo o partido possível do fato histórico, mas "à representação da intrepidez selvagem e da astúcia de Cacambo não falta originalidade" (Idem, ibidem, p. 71). Lamenta, ainda, a falta de um "painel mais completo do

interior das Missões" (Idem, ibidem, p. 73), que possibilitasse a iniciação nos segredos daquela civilização.

Mais uma vez, a crítica do francês situa-se, também, em relação ao exíguo aproveitamento da figura do índio.

Em seu estudo sobre autores brasileiros Denis descreve ainda algumas características como a propensão à musicalidade, a heterogeneidade do povo brasileiro e a exuberância da natureza. A música, observa ele, era

> (...) cultivada em todas as situações, ou antes, fazia parte da existência do povo, que tornava agradáveis, cantando, os seus lazeres, e chegava a esquecer as preocupações inerentes ao trabalho pesado, todas as vezes que ouvia ligeiros acordes de guitarra ou de bandolim (DENIS, 1968, p. 89).

Ainda com relação à musicalidade brasileira, relata que era "ordinariamente sobre a noite que começavam tais concertos improvisados: então, sons fugitivos se misturavam, se aproximavam, se afastavam, demonstrando-vos que toda a gente se entregava ao mesmo prazer" (Idem, ibidem, p. 89).

Cita ainda alguns oradores e historiadores brasileiros, alguns praticamente esquecidos atualmente, como por exemplo, Roberto de Jesus, Jacó de Andrade Velosino, Antônio de Leon, Eusébio de Matos, além de Rocha Pitta e Azeredo Coutinho, que se ocuparam em descrever aspectos do Brasil.

unesp

O *Résumé*, juntamente com as *Scènes*, individualizam a produção literária brasileira, até então tratada como uma parcela da portuguesa; os historiadores literários desconsideravam completamente, as diferenças sutis, mas presentes, que pudessem demonstrar uma autonomia da produção artística colonial em relação à metrópole. Interesses políticos dificultavam o *reconhecimento* da autonomia da antiga colônia, por parte dos outros países do mundo. Optando por abordar elementos diferentes dos utilizados por Portugal, favorecia-se a distinção. O exemplo concreto, em sua opinião, de como deveria ser abordada a temática indígena, elemento distintivo, encontra-se nos capítulos XVIII e XIX das *Scènes*, no episódio de sua autoria, *Os Maxacalis*.

Antonio Candido, no 1° volume da *Formação da literatura brasileira*, considera a obra de Denis um marco na formação de nosso romantismo, percebendo nas *Scènes* um "tratamento sistemático das impressões despertadas pela natureza do Brasil, com intuito puramente literário" (1964, p.289). Afirma que,

> (...) coube a Ferdinand Denis, (...) iniciar – embora em nível modesto – a história da literatura brasileira e lançar as bases teóricas do nosso nacionalismo romântico. O seu *Résumé de l'histoire littéraire du Brésil* traça uma linha de Bento Teixeira Pinto a Borges de Barros, Aires do Casal, Azeredo Coutinho, reconhecendo a existência de uma literatura brasileira. Mas para que esta se constituisse realmente, julgava necessário desenvolver os aspectos nacionais. Neste sentido, propõe a rejeição da mitologia greco-latina que, fundando-se na

> simbolização da natureza, não pode corresponder à do Novo Mundo, sugere a descrição desta e o aproveitamento, como tema, tanto do índio quanto dos primeiros colonos. (ibidem, p. 310-311).

Mais adiante, com relação ao episódio dos *Maxacalis*, considera sua filiação a Chateaubriand, e o aponta como a primeira tentativa de ficção indianista, de influência decisiva entre os brasileiros.

Em *Presença da literatura brasileira*, Antonio Candido e José A. Castello observam vagos pronunciamentos pré-românticos e algumas sugestões renovadoras na produção de José Bonifácio de Andrada e Silva, Almeida Garrett e Ferdinand Denis, concluindo que estes levaram à "elaboração de programas de reformas literárias" (1968, p.255) e a formação de juízos críticos sobre a produção artística brasileira.

Em sua *Introdução à literatura brasileira*, Alceu Amoroso Lima assevera que o interesse despertado pelas literaturas do Mediterrâneo e do Atlântico nos críticos das velhas culturas germânica, francesa e inglesa, era a expressão clara da revolução intelectual que ia provocar o romantismo. Com relação ao Brasil, três críticos deveriam, em sua opinião, se destacar como representantes dos novos ideais: Bouterwek, Sismondi e Denis, aos quais poderiam ser acrescentados todos aqueles viajantes ingleses que vieram ao país, no início do século XIX, demonstrando o interesse que as nações americanas despertavam na velha Europa.

Lima afirma que estava reservada a tarefa de considerar, pela primeira vez, a literatura brasileira como um todo

independente, à Ferdinand Denis, incurso na mesma corrente de idéias de Bouterwek e Sismondi, cujas considerações acerca da literatura começavam a dominar todo o campo intelectual europeu. Ele destacou, pela primeira vez, a literatura brasileira, tomando-a como objeto de consideração independente da literatura portuguesa. Analisando as obras dos autores brasileiros, Denis teria percebido que os modelos greco-romanos não favoreciam as manifestações espontâneas do espírito desse povo, formulando, no início do seu "Resumo histórico", os famosos conselhos aos poetas brasileiros, constitutivos do programa de um romantismo "*avant la lettre*",

> (...) o Brasil experimenta a necessidade de ir beber inspirações poéticas a uma fonte que verdadeiramente lhe pertença, cedo nos dará as obras-primas desse primeiro entusiasmo que atesta a juventude de um povo.
> Se essa parte da América adotou uma língua que a nossa velha Europa aperfeiçoara, deve rejeitar as idéias mitológicas devidas às fábulas da Grécia: usadas por nossa longa civilização, foram dirigidas a extremos onde as nações não as podiam bem compreender e onde deveriam ser sempre desconhecidas; não se harmonizam, não estão de acordo nem com o clima, nem com a natureza, nem com as tradições. A América, estuante de juventude, deve ter pensamentos novos e enérgicos como ela mesma; nossa glória literária não pode sempre iluminá-la com um foco que se enfraquece ao atravessar os mares, e destinado a apagar-se completamente diante das aspirações primitivas de uma nação cheia de energia.
> Nessas belas paragens, tão favorecidas pela natureza, o pensamento deve alargar-se

> como o espetáculo que se lhe oferece; majestoso, graças às obras-primas do passado, tal pensamento deve permanecer independente, não procurando outro guia que a observação. Enfim, a América deve ser livre tanto na sua poesia como no seu governo. (DENIS, 1968, p. 30-31)

Só dez anos mais tarde esse programa seria *conscientemente* lançado como ideal de libertação literária.

Antônio Soares Amora assegura que Ferdinand Denis "foi *sabidamente,* entre os franceses, e quiçá entre os europeus, o *mais importante* brasilianista e lusitanista da primeira metade do século XIX" (1967, p. 58), afirmando que "*ninguém conheceu tão bem* os países ibéricos e a América meridional, particularmente Portugal e Brasil" (ibidem), como esse francês.

Maria Helena Rouanet, em *Eternamente em berço esplêndido*, afirma ter sido "natural que Ferdinand Denis acabasse adquirindo o estatuto de *fonte de consulta,* não apenas para os viajantes que lhe sucederam ou para os chamados 'Americanistas', mas também para os brasileiros que tencionassem estudar a história, a geografia, a literatura ou o 'desenvolvimento da civilização' " (1991, p. 139), já que foi um dos primeiros europeus a escrever sobre o Brasil no século XIX.

Ferdinand Denis escreveu *Os Maxacalis*, como um episódio romanesco, inserido no livro *Scènes de la nature sous les tropiques, et de leur influence sur la poèsie; suivies de Camoëns et Jozé Índio*, em 1824, cinco anos após sua partida do Brasil.

Conforme afirmado anteriormente, Denis era um ávido leitor. Além de ter lido inúmeros relatos de viagens a lugares

exóticos publicados em seu país, procurou, durante sua estadia no Brasil, ter acesso às obras brasileiras e portuguesas que abordavam essas *terras ignotas*. Elogiou a Biblioteca Pública do Rio, e a dos beneditinos, na Bahia, onde pôde encontrar pesquisas curiosas sobre o Brasil.

Ele conseguiu reunir material suficiente para escrever um livro acerca de sua viagem pelo interior do país, no entanto, acreditava não possuir uma técnica capaz de exprimir esse material. Não faltavam a incentivá-lo, entretanto, exemplos como o de Bernardin de Saint-Pierre, contatos familiares com Le Vaillant[10], um viajante ilustre, a leitura em sua infância de relatos de viagens e seus contatos com figuras de relevo, como Garat[11], Thurot[12], Guinguené[13], Salaville[14], que o auxiliaram a "ganhar a vida com a pena de escrever" (BRUYAS, 1979, p. LVI), como desejava.

Inspirado possivelmente na leitura de obras como *Atala,* de Chateaubriand, e *Paul et Virginie,*de Bernardin de Saint-Pierre, Denis decide acrescentar às *Scènes*, o episódio d'*Os Maxacalis.* Além de verter para o francês, textos brasileiros[15], publicou em 1864 os relatos de viagem do Padre Yves d'Evreux, *Voyage dans le nord du Brésil fait*

---

[10] Ornitologista.
[11] Dominique Joseph, conde – político e escritor francês. Escreveu as *Considérations sur la Révolution Française*.
[12] Professor do Colégio de França.
[13] Especialista em literaturas meridionais. Principal redator da *Décade Philosophique* e autor da *Histoire Littéraire de l'Italie*.
[14] Antigo colaborador de Mirabeau.
[15] *Lettres de Pedro Vaz de Caminha sur la découverte du Brésil, XVIe. siècle* (1821); *Notice sur les Capitaineries de Para et de Solimoëns, au Brésil, Extrait de la Corografia Brasilica, ou relation historique et géographique du royame du Brésil* (1821); *Notice sur la province de Mato Grosso, Extrait de la Corografia Brasilica* (1821); *Notice sur la province de Sainte-Catherine (Brésil), Extrait des Annales maritimes et coloniales* (1847).

unesp

durant les années 1613 et 1614; e com apoio em suas pesquisas resolveu escrever ele mesmo sobre esse país do "Novo Mundo" [16].

[16] *Le Brésil, ou Histoire, moeurs, usages et coutumes des habitants de ce royaume*, juntamente com M.H. Taunay (1821-22); *Résumé de l'histoire du Brésil et de la Guyane* (1825); *Résumé de l'histoire littéraire du Portugal, suivi du Résumé de l'histoire littéraire du Brésil* (1826); *Voyages dans l'intérieur du Brésil* (1831); *Histoire géographique du Brésil* (1833); *Brésil* (1837); *Une Fête brésilienne célébrée à Rouen en 1550, suivie d'un Fragment du XVIe. siècle, roulant sur la théogonie des anciens peuples du Brésil et des poésies en langue tupique de Christovam Valente* (1850); *Des Ornements de la lèvre inférieure en usage chez quelques peuples de l'Amerique* (1850); *Arte Plumaria. Les Plumes, leur valeur et leur emploi dans les arts au Mexique, au Pérou, au Brésil, dans les Indes et dans l'Océanie* (1875); *Quelques notes sur la 2ème. édition de l'Historia geral do Brasil du vicomte de Porto-Seguro* (1877); *Rapport sur quelques ouvrages de lingüistique brésilienne publiés en ces dernier temps* (1877); *La Bibliothèque Nationale de Rio-de-Janeiro* (1878); *Du Goût des Brésiliens pour la musique* (1878) e *Histoire de l'éloquence et de la poésie des nations américaines* (1891).

III. UM EPISÓDIO INDIANISTA: *OS MAXACALIS*

O acaso permitiu que Denis encontrasse, em suas andanças pelo Brasil, um chefe maxacali , razão pela qual o autor optou por esta tribo para representá-la em seu episódio romântico. O seu contato com um representante daqueles índios e a ausência de relatos acerca de sua comunidade, não mencionada pelos cientistas viajantes, pelo menos pelos mais conhecidos, favorecia seu aproveitamento literário, permitindo ao autor uma maior liberdade de criação.

O cenário apresentado foi parcialmente percorrido por Denis, quando se aventurou no interior do Brasil, na qualidade de agente comercial da mal sucedida exploração de Plasson para a qual tinha sido convidado. Esta, apesar de fracassada, ofereceu-lhe mais elementos sobre o Brasil para sua história. É o caso da descrição de alguns usos e costumes, apresentados no decorrer da narrativa, aos quais acabou acrescentando outros, colhidos nos relatos de viajantes.

Além de usos e costumes dos índios, Denis abordou questões que acreditava serem importantes, e que vinham sendo constantemente levantadas: doenças transmitidas pelo contato com os

brancos, o vício do alcoolismo adquirido devido a esse contato, a tendência ao desaparecimento dos valores culturais dos indígenas e sua escravização ou a imposição do trabalho agrícola, além do parasitismo social de algumas tribos e a sua paixão pela liberdade. Esta é uma visão particular de Denis pois tanto a perspectiva do exotismo romântico francês quanto o indianismo brasileiro, são ancorados na figura de um índio virtuoso vivendo em uma natureza idealizada.

O drama central d'*Os Maxacalis* é a história de amor entre Kumuraí, jovem chefe da tribo Maxacali, e Helena, uma portuguesa; todas as aventuras vividas por Kumuraí têm como objetivo a união do casal.

Criado por um português, por desejo de seu pai, Vapubaçu, Kumuraí conta sua história a um europeu, durante uma viagem, realizada por ambos, pelas florestas tropicais. Ele narra como se apaixonou por Helena, filha do ouvidor de São Simão, a quem ofereceu muito ouro, conseguido com enorme sacrifício, na esperança de unir-se à européia. O ouvidor não lhe concede Helena, e Kumuraí sofre. Keroê, grande guerreiro e amigo de Kumuraí, acompanhado de outros guerreiros, rapta a moça. No confronto, Keroê morre, mas seus amigos conseguem levar Helena para a tribo.

Lá, Helena suplica ao jovem chefe que a leve de volta ao pai. Ao vê-la chorando, ele a devolve, mas, mesmo assim, o ouvidor não o aceita como genro. A família de Helena abandona a cidade, às escondidas, para evitar a união dos dois. Ela envia uma carta a Kumuraí, na qual declara sua paixão e lhe pede que continue vivendo, mostrando-lhe a possibilidade de se unirem em uma outra vida, por ele ter-se convertido ao cristianismo.

Entre os dramas secundários, mostrados no decorrer do desenvolvimento do drama central, observa-se o problema dos índios *expulsos* de seu lugar de origem pelos colonizadores portugueses, e as conseqüências funestas advindas desse contato, como por exemplo, as doenças trazidas pelos europeus, que dizimavam as populações indígenas. Em decorrência desse convívio, os índios passam a ter novas necessidades, dentre as quais destaca-se o desejo por ornamentos diferentes daqueles por eles produzidos, agora desprezados, além do vício da bebida alcoólica que os leva a embriagarem-se cada vez mais.

Denis aborda também, como drama secundário, a rivalidade entre tribos, bem como a relação destas com o cúpido europeu, decorrente do desprezo por uma mão de obra relutante e, ao mesmo tempo, de sua exploração. Daí questionar-se o autor acerca das conseqüências, para o índio, do contato com a *civilização* e a cética perspectiva de seu futuro.

A narrativa de Denis inicia-se com a explicação da escolha do narrador pelos índios do Brasil como personagens de seu relato:

> Ninguém desconhece os povos que outrora habitavam o Canadá e a Flórida e lembramos ainda com assombro a coragem que eles tantas vezes mostraram contra os inimigos de sua independência. As diversas nações brasileiras fixaram menos a atenção do viajante: ainda hoje, são mal conhecidos os guaicurus, os maxacalis, e os ferozes aimorés, que os portugueses tiveram tanta dificuldade em vencer, quando quiseram

> apoderar-se do belo país por eles ocupado.[17] (DENIS, 1979, p.03)[18].

Em O*s Maxacalis*, Denis contrapõe o *presente* (suas observações quando da viagem à Bahia) ao passado dos indígenas. Da observação do presente resulta o testemunho do autor: categoricamente, ele afirma ter visto: "(...) os restos dessas tribos infelizes a errarem pela terra de seus antepassados (...)" [19] (p. 03). Remetem à sua experiência, também, considerações acerca da decadência e da infelicidade que o contato com os brancos trouxe aos silvícolas:

> (...) eles se debilitam dia a dia e logo terão desaparecido dos lugares onde eram temidos, e seus gritos de guerra não mais farão ressoar as imensas florestas do São Francisco e do Belmonte que, por sua vez, começam a cair sob o machado do infeliz africano.[20] (ibidem)

---

[17] "*Personne n'ignore quels sont les peuples qui habitaient autrefois le Canada et les Florides, et l'on se rappelle encore avec étonnement le courage qu'ils ont déployé tant de fois contre les ennemis de leur indépendance. Les différentes nations Brésiliennes ont moins fixé l'attention du voyageur: l'on connaît à peine encore aujourd'hui les Guaycourous, les Machakalis et ces féroces Aymorès que les Portugais eurent tant de peine à vaincre, lorsqu'ils voulurent s'emparer du beau pays qu'ils occupent*". (DENIS, 1824, p. 130).

[18] Todas as citações são extraídas da obra *Os Maxacalis* de Ferdinand Denis, publicada por Jean-Paul Bruyas. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1979, traduzida por Maria Cecília Querioz de Moraes Pinto.

[19] "*(...) les restes de ces tribus malheureuses errer dans le pays de leurs ancêtres*" (DENIS, 1824, p.130).

[20] "*(...) tous les jours elles s'affaiblissent, bientôt elles auront disparu des lieux où elles étaient redoutées, et leurs cris de guerre ne feront plus retentir les vastes forêts du San-Francisco et du Belmonte, qui elles-mêmes commencent à tomber sous la hache du malheureux Africain*". (Idem, ibidem).

unesp

Aponta, na seqüência, a razão histórica dessa devastação:

> A história desses povos ofereceria sem dúvida tristes lições à Europa. Nela se poderia ver a felicidade de cem nações, ainda no estado de inocência, sacrificadas ao amor das riquezas, e a verdadeira coragem vencida pelos mais negros artifícios [21] (ibidem).

Entretanto, explica ao leitor que não abordará esses problemas, mas contará apenas a história narrada a um viajante português por um jovem chefe indígena.

Denis considera os efeitos da devastadora colonização portuguesa contrastante com os restos de beleza natural da região costeira localizada entre o Rio de Janeiro e Salvador, sob uma perspectiva bastante européia, centrada na apreciação daquilo que ele julga *pitoresco* e contrapõe à descrição dos índios do litoral a daqueles que viviam nas imensas florestas do interior, ainda em estado de *pureza selvagem*.

O narrador europeu revela a história de Kumuraí por meio de um deslocamento: ela lhe teria sido contada "durante uma longa viagem de navio" (possivelmente à Europa), por um português que conhecera outrora, por ocasião de uma viagem pelo interior da Bahia, o

---

[21] "*L'histoire de ces peuples offrirait sans doute de tristes leçons à l'Europe: on pourrait y faire voir le bonheur de cent nations encore dans l'innocence sacrifiées à l'amour des richesses, et le vrai courage vaincu par les plus noir artifices (...)* " (DENIS, 1824, p. 130-131).

chefe indígena. Deste modo, a narrativa de fatos ocorridos no passado aponta duas vertentes: uma ficcional, com tendência saudosista, autorizada pelo discurso de Kumuraí; a outra, com tendência realista, fundamentada em impressões de viagem e em observações de cientistas viajantes como Spix, Martius, Humboldt, Neuwied, Saint-Hilaire, representada pelo discurso do viajante português.

A "autenticidade" do relato é confirmada pelo fato de ter *ouvido* a história de alguém que, de alguma maneira, a *presenciou*.

As duas narrativas: a do viajante português e a de Kumuraí alternam-se; a primeira constitui-se de impressões colhidas durante o percurso realizado dia após dia; a de Kumuraí (reportada pelo viajante português) vai-se completando em um relato organizado conforme a sucessão das noites até a chegada ao destino. O ponto de partida das duas narrativas é o encontro do português com Kumuraí, durante o velório do capitão-mor da província de Canavieras.

A narrativa do viajante português incorpora muitas das observações de Denis acerca do aspecto grandioso e exótico da natureza tropical, bem como às "harmonias" da paisagem expostas nas *Scènes;* a de Kumuraí remete a toda uma poética indianista, traduzida pela caracterização da linguagem, dos usos e dos costumes dos índios maxacalis.

> Percorrera quase todo o Brasil e falava das diferentes nações que cobrem aquele vasto território, de modo a excitar vivamente a curiosidade. Fez também uma ingênua pintura dos costumes de sua tribo e provou, pelo relato de seus infortúnios, que o poder

> nem sempre é a garantia da felicidade, mesmo entre os simples filhos da natureza. [22] (p. 03)

Denis desenvolve no capítulo II das *Scènes*, intitulado *Aparência de alguns vegetais, características que estes dão à paisagem; proveito que deles pode tirar a poesia* [23], uma série de reflexões acerca da paisagem tropical e de sua adequação à poesia, informando, inicialmente, não ser seu objetivo apresentar ao leitor uma descrição de todas as espécies vegetais que encantam o europeu, mas o de deter-se apenas nas mais típicas (palmeira, bananeira, mamoeiro, bambu, mangueira entre outras espécies de árvores, bem como em um grande número de espécies de arbustos e de plantas). Afirma BRZOZOVSKI, em *Rêve exotique:* images du Brésil dans la littérature française 1822-1888, que:

> (...) a evocação de animais, plantas e frutos, sobretudo no 'falar indígena' ou com algumas expressões portuguesas incrustradas aqui e ali, contribuem com a pintura da cor local necessária. Observemos ainda que a predominância do reino vegetal nestas evocações é estreitamente ligada à imagem de Brasil edênico enquanto que a intervenção dos animais, quando não é

---

[22] "*Il avait parcouru presque tout le Brésil, et parlait des différentes nations qui couvrent ce vaste territoire, de manière à exciter vivement la curiosité. Il fit aussi une peinture naïve des moeurs de sa tribu, et prouva par le récit de ses infortunes que le pouvoir n'est pas toujours le gage du bonheur, même parmi les simples enfans de la nature.*" (DENIS, 1824, p. 131).

[23] "*Aspect de quelques végétaux; caractère qu'ils donnent au paysage, parti que peut en tirer la poésie"*(Idem, ibidem, p. 09)

> simplesmente um elemento decorativo ou uma figura de dominação, (...), é um sinal de perigo, de uma grande intromissão de forças maléficas (...) [24]

Quanto às palmeiras, elas parecem ocupar posição de destaque na seleta flora descrita por Denis que transcreve, ao descrevê-las, um trecho de um poema atribuído a Castel, entusiasta do exótico. Sua descrição é minuciosa com tendências científicas, entretanto, pode-se perceber a poetização dos elementos que compõem as espécies. O que se assemelha à primeira vista a um discurso científico, é, na verdade, uma descrição poética dos componentes das plantas. Convém levar em conta que as designadas palmeiras reais teriam sido trazidas das Antilhas ao Brasil por D. João VI para a inauguração, em 13 de junho de 1808 do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, conhecido então como Horto Real. Dentre as palmeiras ditas brasileiras incluem-se a carnaúba, o babaçu e o buriti, bastante admirados por Denis; as duas últimas espécies são comuns na região à qual remete a narrativa *Os Maxacalis* e poderiam, portanto, ser as espécies por ele observadas. Nas *Scènes*, Denis considera, um pouco à maneira de Chateaubriand e de Bernardin de Saint-Pierre, confessadamente seus mestres:

---

[24] "*(...) l'évocation des animaux et des plantes, des fruits surtout, avec le 'parler indien' ou quelques expressions portugaises incrustées ça et là, contribuent à peindre une couleur locale nécessaire. Remarquons encore que la prédominance du régne végétal dans ces évocations est strictement liée avec l'image du Brésil édénique, tandis que l'intervention des animaux, quand elle n'est pas simplement un élément décoratif ou une figure de domination (...), est signe du danger, de l'intrusion massive des forces du mal (...)*" (BRZOZOWSKI, 2001, P. 175).

> De todas essas árvores, a palmeira é aquela que reúne o que há de mais gracioso e majestoso: variada em sua folhagem como em seus produtos, parece que a natureza a destinou a embelezar todas as paisagens, evitando assim a uniformidade. Assim que ela emerge do seio da terra como um fascículo de verdura, protege com suas folhas as flores mais modestas; logo, subindo orgulhosamente pelos ares, ela domina todas as outras árvores. Ela cresce com tanta majestade que os homens a proclamaram a rainha das florestas. [25]

Pode-se observar na descrição presente nas *Scènes*, a tendência à apresentação da *cena*, proposta naquele título: a palmeira se oferece ao olhar do leitor em sugestivos quadros, que, no entanto, poderiam adequar-se a cenários de vários tipos de narrativas ambientadas nos trópicos.

O autor constrói um "cenário paradisíaco" no qual colocará suas personagens. Ao leitor, é oferecida uma *representação* de um universo até então pouco conhecido. Com suas descrições poéticas, Denis oferece a seus leitores uma verdadeira *viagem* aos trópicos.

N'*Os Maxacalis*, as palmeiras assumem o efeito cênico ansiado por Denis, de certa maneira imprescindível à composição da paisagem tropical sob a perspectiva européia:

---

[25] "*De tous ces arbres, le palmier est celui qui réunit le plus de grâce et de majesté: varié dans son feuillage comme dans ses productions, il semble que la nature l'ait destiné à embellir tous les paysages, en évitant l'uniformité. Tantôt il s'élève du sein de la terre comme une gerbe de verdure, et il protège de ses palmes les fleurs les plus modestes; tântot, montant orgueilleusement dans les airs, il domine sur tous les autres arbres. Il s'élance avec tant de majesté, que les hommes l'ont proclamé le roi des forêts.*" (DENIS, 1824, p. 09).

> Era uma cabana um pouco menor do que as outras, situada às margens do rio e cercada pela natureza mais risonha e fértil; palmeiras elegantes, grandes sapucaias, cobertas de lianas e balançando no ar a folhagem de um rosa brilhante, limitavam a vista a uma distância pequena (...)[26] (p. 06).

No mesmo capítulo das *Scènes*, retomando observações de Humboldt, Denis associa a forma da bananeira à da palmeira e ressalta haver entre ambas uma harmonia que satisfaz o olhar. As bananeiras indicariam ainda – e aqui o autor recorda Bernardin de Saint-Pierre – a abundância a reunir todos os homens em um ideal de tranqüilidade e felicidade.

Afirma Denis, nas *Scènes* também, que as bananeiras se assemelham às palmeiras: "Existe, com efeito, entre estes dois vegetais uma harmonia que satisfaz os olhares; e no entanto eles nem sempre crescem nos mesmos lugares"[27]. Estas são contrastadas com a forma do mamoeiro e dos bambuzais:

> O aspecto do mamoeiro isolado dos outros vegetais tem algo de singular e bizarro, que quase exclui a beleza; ele se harmoniza, no

---

[26] *"C'était une chaumière un peu plus vaste que les autres, située sur les bords du fleuve, et environnée de la nature la plus riante et la plus fertile; des palmiers élégans, des vastes sapoucayers couverts de lianes et balançant dans les airs leur feuillage d'un rose éclatant, bornaient les regards à quelque distance (...)"* (DENIS, 1824, p. 136).

[27] *"Il y a, en effet, entre ces deux végétaux une harmonie qui satisfait les regards; et cependant ils ne croissent point toujours dans les mêmes lieux."* (idem, ibidem, p. 14).

unesp

> entanto, com a paisagem de uma forma agradável aos olhos; forma um feliz contraste, por sua imobilidade, com os movimentos flexíveis da palmeira e do bambu.[28]

Os bambuzais, inclusive, fornecem matéria-prima às construções indígenas, como destacado n'*Os Maxacalis*: "(...) o bambu selvagem, a palmeira forneciam material para nossas habitações humildes (...)" [29] (p. 09).

Denis povoa sua pequena narrativa com várias espécies de plantas e frutas da floresta, algumas originárias da Índia, como o algodoeiro, as colocíntidas, o jambeiro; outras, da África, como os aloés. A maioria, entretanto, é originária do Brasil: amendoins, bambus, bromélias, copaíbas, lianas, mandiocas, mangarás, mimosas, palmitais, paus-d'arco amarelos, sapucaias e trepadeiras.

Parece muito importante, também, em *Os Maxacalis*, o olhar do viajante europeu sobre a paisagem coincidir, muitas vezes, com a lembrança do discurso do chefe indígena e de sua percepção da natureza.

Seria interessante observar, neste sentido, descrições atribuídas ao português e outras, atribuídas ao relato de Kumuraí.

Deste modo, iniciada a jornada coletiva, o grupo atravessa primeiramente uma natureza cuja imagem dominante era, sob a perspectiva do estrangeiro, a da desolação: "(...) naquele triste deserto

---

[28] *"L'aspect du papayer isolé des autres végétaux a quelque chose de singulier et de bizarre, qui exclut presque la beauté; il s'harmonie cependant avec le paysage, de manière à flatter les regards; il forme un heureux contraste par son immobilité avec les mouvemens flexibles du palmier et du bambou".* (DENIS, 1824, p. 17).

[29] *"(...) la canne sauvage, le palmier fournissaient les matériaux de nos simples habitations (...)"* (Idem, ibidem, p. 141).

unesp

onde os olhos espantados observavam, com pavor, uma vasta porção de floresta atingida por horrível esterilidade e apresentando apenas troncos enormes despojados de qualquer folhagem"[30] (p.08). O narrador insere, atestando a veracidade do descrito, a seguinte nota de rodapé: "Essa floresta seca existe realmente e sua esterilidade vem talvez da passagem subterrânea das águas do mar"[31] (p. 08).

Mais adiante, nas proximidades do Belmonte, o viajante observa:

> De todos os lados, árvores velhas como o mundo limitavam nossos olhares, mas suas flores eram tão variadas quanto sua folhagem e os olhos não se cansavam de admirar as formas que ostentavam. Algumas vezes, uma trepadeira de flores azuis coroava um palmital elegante e copaíbas imensas, juntando em cima seus galhos enormes, formavam uma arcada natural, sob a qual se via brilhar uma multidão de colibris cintilantes das mais vivas cores.[32] (p. 16)

---

[30] *"(...) ce triste désert, où l'oeil étonné considérait avec effroi une vaste portion de forêt frappée d'une affreuse stérilité, et ne présentant que des troncs énormes dépouillés de tout feuillage"* (DENIS, 1824, p. 140).

[31] *"Cette forêt desséchée existe en effet, et sa stérilité vient peut-être du passage souterrain des eaux de la mer"* (Idem, ibidem, 1824, p. 140).

[32] *"Des arbres, anciens comme le monde, bornaient de tous côtés nos regards; mais leurs fleurs étaient aussi variées que leur feuillage, et l'oeil ne pouvait se lasser d'admirer les formes qu'ils affectaient. Quelquesfois une liane à fleurs bleues couronnaient un palmiste élégant, et de vastes copahibas, joignant au-dessus leurs branches énormes, formaient comme une arcade naturelle, sous laquelle on voyait briller une foule de colibris scintillans des plus vives couleurs"*. (ibidem, p. 154).

Portanto, a caracterização das árvores tropicais, bem como a presença da palmeira "coroada" por uma "guirlanda azul"; vastas "copaíbas" formando "arcadas naturais"- sugerem a perspectiva do europeu, do civilizado, sobre a natureza *selvagem*. Por outro lado, a multidão de colibris coloridos animando o quadro aponta certa idealização romântica da paisagem, confirmada pela seqüência: "Há na natureza uma harmonia que as palavras não conseguiriam exprimir. O animal feroz deserta quase sempre as paisagens alegres e a águia prefere os rochedos estéreis aos campos cultivados (...)[33] (ibidem).

Mais tarde, nova *cena* da natureza; o viajante português desvenda aos leitores outro *espetáculo*:

> Uma espécie de canal natural, inteiramente seco naquela época, apresentava aos nossos olhos uma estrada sem fim, plantada com árvores majestosas: lianas que a elas se enlaçavam até o cume tornavam a cair em longas guirlandas de verdura e vinham cobrir de flores as colocíntidas selvagens que atapetavam a areia (...)
> O sol ia desaparecer quando decidimos desembarcar; os raios moribundos douravam ainda o cimo das florestas (...). Em breve, só era visível no horizonte uma barra brilhante que se confundia entre as nuvens de fogo, mas esse espetáculo durou apenas alguns instantes; tonalidades alaranjadas, cinzentas e lilases apareceram pouco a pouco num céu azul (...)[34] (p. 30).

---

[33] *"Il y a dans la nature une harmonie que les paroles ne sauraient exprimer. L'animal féroce fuit presque toujours les rians paysages, et l'aigle préfère ses rochers stériles aux campagnes cultivées (...)"* (DENIS, 1824, p. 154).

[34] "*Une espèce de canal naturel, entièrement desséché à cette époque, présentait à nos regards une route sans bornes plantée d'arbres majestueux: des lianes qui*

Novamente a associação às formas européias na primeira parte da citação: "guirlandas" verdes, flores "atapetando" a areia; na segunda parte a descrição do pôr do sol parece compor um *quadro* tipicamente romântico.

Kumuraí também percebe a composição cênica da natureza que o cerca sob a mesma perspectiva do europeu: a paisagem que ele visualiza ao dirigir-se, na companhia de Helena, para a cidade não difere essencialmente daquela vista pelo viajante português; nela pode-se notar a romântica integração da natureza com o estado de espírito das personagens:

> Dessa vez estava feliz pelos obstáculos que amiúde retardavam nossos passos e, se lianas agitadas pela brisa da manhã vinham balançar suas flores sobre a fronte virginal, eu me inclinava para ela com embriaguez e as afastava lentamente. O sabiá, o bem-te-vi, o feiticeiro, a araponga pareciam chegar de todos os lados para encantar nossa viagem e meus tristes pressentimentos eram dissipados por seus cantos de amor.[35] (p. 35).

---

s'étaient élancées jusqu'à leur sommet, retombaient en longues guirlandes de verdure, et venaient couvrir de fleurs les coloquintes sauvages dont le sable était tapissé (...)
"Le soleil allait disparaître lorsque nous nous décidâmes à débarquer: ses rayons mourans doraient encore la cime des forêts (...) Bientôt on ne vit plus à l'horizon qu'une barre éclatante qui se confondait parmi des nuages de feu; mais ce spectacle ne dura que quelques instans; des teintes d'orange, de gris et de lilas parurent peu à peu sur un ciel d'azur (...)" (DENIS, 1824, p. 174-175).

[35] *"Cette fois j'étais heureux des obstacles qui souvent ralentissaient nos pas, et si des lianes agitées par la brise du matin venaient balancer leurs fleurs sur son front*

A idéia romântica da "virgem", representando a pureza é advinda do pensamento europeu. Um índio brasileiro não se prenderia a um detalhe como esse, uma vez que em seus costumes, era considerado normal o fato de a mulher manter relações com outros índios, desde que não fosse casada.

Ao comparar os efeitos da devastadora paixão de Kumuraí à queda, em meio a floresta, de uma grande árvore, arrastando todas ao seu redor e criando uma imensa clareira, Denis parece cometer certo engano ao considerar "emboaba" um tipo de árvore:

> Nunca viu, disse ele observando minha surpresa, um emboaba soberbo, tenuemente seguro por suas raízes, desprender-se lentamente da colina, rolar de repente e arrastar com estrépido as árvores que o cercavam? Assim derrubou-me a adversidade: as paixões minaram minha existência e só a dor conserva-me a vida.[36] (p. 31).

---

virginal, je me penchais vers elle avec ivresse et je les écartais lentement. La sabia, le bemtivi, le feticeiro, l'araponga semblaient arriver de toutes parts pour charmer notre voyage, et mes tristes pressentimens étaient dissipés par leurs chants d'amour" (DENIS, 1824, p. 183-184).

[36] *"N'avez-vous jamais vu, me dit-il en remarquant ma surprise, un emboaba superbe, faiblement attaché par ses racines, se detacher lentement de la colline, rouler tout-à-coup et entraîner avec fracas les arbres qui l'entouraient? Ainsi m'aura renversé l'adversité: les passions ont miné mon existence, et je ne tiens plus à la vie que par la douleur."* (Idem, ibidem, p. 176-177).

Emboaba era o apelido, dado pelos índios, nos tempos coloniais, aos portugueses e brasileiros, que, procedendo de outras regiões, entravam pelo sertão em busca de minas de ouro e pedras preciosas. É uma palavra originada do tupi, e designa uma ave com pernas cobertas de plumas; a imagem da ave era atribuída aos portugueses devido às suas botas altas.

A imagem representada pelo raio que acaba por decidir o *destino* de uma árvore e, conseqüentemente de toda a vegetação ao seu redor, visa *justificar* a força do amor. Kumuraí, assim como a árvore, é atingido pela paixão, que destrói não somente a ele (como o emboaba), mas acaba por prejudicar toda a sua tribo, como a vegetação circundante ao emboaba.

Justifica-se sua resignação em aceitar seu *destino*, ou seja, a impossibilidade de união com a européia, por uma decisão *superior*, como o raio enviado pela natureza, ideologicamente comparando-se o colonizador europeu às forças *inevitáveis e incontroláveis* da natureza. Ao índio cabe apenas resignar-se com o *inevitável*.

Também elementos da fauna compõem a natureza exótica admirada por Denis.

Ao rugir dos animais ferozes o escritor francês associa a sensação de mistério e temor em relação à natureza selvagem:

> Quando o jaguar e a pantera negra soltam seus rugidos, eles enchem a floresta de um ruído majestoso, mas que provoca uma

> inquietude. Os animais dóceis, escutando-os, se calam rapidamente, como se temessem misturar suas vozes àqueles acentos de dominação [37].

O temido felino descrito nas *Scènes* compõe, também, a fauna d'*Os Maxacalis*, sendo ali subjugado pela coragem dos índios, da qual passa a ser metáfora: "Em breve, latidos terríveis informaram que um jaguar tinha sido desentocado. Os ecos repetiam seus horríveis rugidos e os gritos dolorosos dos cachorros que imolava à sua raiva" [38] (p. 29).

Dentre as aves, Denis destaca a acauã, uma vez que, o canto desse pássaro era considerado, pelos índios, revelador de maus presságios: "Escutei, durante a noite, o canto plangente do acauã; o mensageiro dos espíritos falava-me de meus pais e pressagiava muitos males"[39] (p. 11).

Sua floresta é povoada também por répteis como a jararaca, a serpente e o jacaré.

Quanto a algumas das práticas abordadas pelo viajante português, estas remetem, possivelmente, à vivência de Denis; observações acerca dos hábitos dos índios, que podem ter sido, inclusive, presenciados pelo francês, bem como a leituras dos textos dos viajantes,

---

[37] *"Quand le jaguar et le tigre noir poussent leurs rougissemens, ils remplissent la forêt d'un bruit majestueux; mais qui fait naître l'inquiétude. Les animaux paisibles en les entendant se taisent tout-à-coup, comme s'ils craignaient de mêler leurs voix à ces accens de domination."* (DENIS, 1824, p. 43).

[38] *"Bientôt des aboiemens terribles nous apprirent qu'un jaguar avait été lancé. Les échos répétaient ses horribles rugissemens et les cris douloureux des chiens qu'il immolait à sa rage."*. (Idem, ibidem, p. 172-173).

[39] *"J'ai entendu pendant la nuit le chant plaintif du Macahuan; ce messager des âmes me parlait de mes pères, et me présageait bien des maux"*. (ibidem, p. 145).

principalmente aos textos do Padre Aires de Casal, às obras do Príncipe de Neuwied e à de Saint-Hilaire. São relatados alguns costumes da tribo Maxacali, no decorrer da narrativa, tais como a entoação do hino da manhã, utilizado para celebrar o sol que liberta o homem da escuridão:

> No dia seguinte, os cantos dos guerreiros nos acordaram: entoavam o hino da manhã. Conservavam o costume de seus antepassados e dir-se-ia estarem celebrando o sol que se livrava lentamente das nuvens que o cercavam, para derramar suas ondas de luz sobre as vastas florestas do Belmonte. [40] (p. 16)

Esse costume, conforme Kumuraí relata ao narrador, já era praticado antes da chegada dos europeus. Os índios acreditavam que a entoação desse *agradecimento* forneceria coragem aos guerreiros, tornando-os temidos pelos inimigos. Pode ser percebida uma espécie de religião exposta neste costume, dirigida aos gênios benfazejos, ou seja, a entidades do bem, a fim de obter a concessão da coragem necessária para sobreviver aos combates travados contra os inimigos.

Verifica-se a deturpação de alguns costumes com a inserção de vícios advindos dos europeus, como por exemplo, o hábito de trocar diversos objetos por aguardente de cana.

---

[40] *"Le lendemain, les chants des guerriers nous réveillèrent: ils entonnaient l'hymne du matin, ils ont conservé cet usage de leurs ancêtres, et l'on aurait dit qu'ils célébraient le soleil se dégageant lentement des nuages qui l'entouraient, pour répandre ses flots de lumière sur les vastes forêts du Belmonte".* (DENIS, 1824, p. 154)

Outras tribos são citadas pelo autor, na narrativa: guaicurus, mambarés, bucuris, capoxos, caiabavas, goiás, caiapós, araris, patachos, aimorés ou botocudos e maxacalis.

Os maxacalis, botocudos, capoxos e patachos eram encontrados na Bahia, podendo, eventualmente, ter sido vistos pelo autor. Já as informações sobre as demais tribos foram, provavelmente, recolhidas nas obras dos autores supracitados. Os guaicurus, mambarés, bucuris e caiabavas eram do Mato Grosso; os goiás e caiapós, de Goiás; e os araris do Rio de Janeiro.

A tribo dos guaicurus aparece várias vezes n'*Os Maxacalis*, e é apresentada como menos selvagem que a dos botocudos, por não praticar rituais antropofágicos. Estes teriam aprendido a domar cavalos, e a confeccionar seus ornamentos com grãos de ouro e de prata, pintando braços e pernas com urucu e jenipapo. São tidos como exemplo a ser seguido, quando Vapubaçu demonstra à sua tribo, a possibilidade de adotarem os costumes estrangeiros, sem alterar os de seus antepassados: "(...) o exemplo dos guaicurus, nossos antigos inimigos, que adotaram os costumes estrangeiros, sem mudar os de seus pais." [41] (p. 10-11).

Os caiabavas, informa Denis, cultivavam algodão e amendoim, sendo este último a sua fonte principal de alimentação; enfeitavam seus lábios com pedaços de resina brilhante, pintavam-se com urucu e trajavam roupas longas, fiadas por suas mulheres com o algodão que cultivavam.

---

[41] "(...) *l'exemple des Guaycourous, nos anciens ennemis, qui avaient adopté les usages des étrangers sans rien changer à ceux de leurs pères.*" (DENIS, 1824, p. 144).

unesp

Quanto aos caiapós, Denis relata apenas o uso de sua arma mais conhecida, o pesado tacape, muito temido pelos portugueses; já os botocudos, segundo o autor, encontravam-se ainda em estado bárbaro, cujos ornamentos grotescos, como por exemplo, o botoque usado nos lábios e orelhas, davam testemunho.

As demais tribos são apenas citadas, não se demorando o autor em aspectos mais detalhados sobre as mesmas.

É da tribo Maxacali que surgirá o herói da narrativa. Essa tribo, segundo Denis, encontrava-se, por ocasião da visita do viajante português, em um estágio menos selvagem do que a dos botocudos, pois utilizavam vestimentas e portavam ornamentos menos grosseiros, o que para os europeus era uma *marca* de *civilidade*. Classificavam os índios de acordo com sua maior ou menor aceitação e adaptação aos costumes por eles impostos. Os indígenas que não trajavam nenhuma espécie de roupa, e se enfeitavam com artefatos por eles mesmos produzidos eram considerados "bárbaros". Quanto mais adaptado aos costumes europeus, "menos bárbaros" eles pareciam ao olhar europeu.

> Nação 'autóctone entre todas', os maxacali representam o Brasil profundo, os povos que reinavam nas florestas antes da conquista, forçados a se aproximarem dos portugueses e degradando-se nesse contato, são o exemplo dos perigos da 'aculturação'; desprovidos da ferocidade dos botocudos e reduzidos a um grupo minúsculo, permitem ao escritor uma comovente descrição dos costumes indígenas, uma descrição patética

> da condição do índio (BRUYAS, 1979, p. LXXVII)

A estória narrada por Kumuraí traz a linguagem do índio aculturado, e seu discurso é semelhante ao utilizado pelo europeu. A maior diferença entre a fala do índio e a do português que com ele viaja, é a utilização de nomenclatura de caráter científico pelo último, principalmente com relação à flora, recurso através do qual Denis parece *autenticar* seu texto.

A narrativa de Kumuraí propõe um longo recuo, voltando-se para a origem (mítica) da tribo, com suas raízes na região do Mato Grosso, sua errância por diversos territórios até sua instalação junto às terras conquistadas pelos portugueses, em Capibaribe. Este é o local, em que Kumuraí, já chefe da tribo, viverá o encontro que mudará toda a sua vida.

O discurso de Kumuraí apresenta algumas digressões de caráter antecipativo, como por exemplo, a sua conversão ao cristianismo: "Vendo, pois, que era cristão, eu quis saber onde recebera o batismo e compreendi que a perda do capitão-mor não era o único motivo de suas mágoas (...)" [42] (p. 09).

Em uma outra antecipação, percebe-se que o chefe indígena não acatará o conselho do mais velho ancião de sua tribo: "Por que não escutei, então, aquelas palavras de sabedoria! Talvez me restasse

---

[42] *"Voyant donc qu'il était chrétien, je voulus savoir où il avait reçu le baptême, et j'appris que la perte du capitan-mor n'était pas la seule cause de ses chagrins (...)."*(DENIS, 1824, p. 142).

ainda a esperança e eu não teria apressado o momento de minhas dores (...)" [43] (p. 19).

O tempo da narrativa algumas vezes apresenta-se marcado por expressões que traduzem a certeza do tempo decorrido, como por exemplo, "no dia seguinte"[44] (p.08), "após duas horas" [45] (ibidem), "vários anos transcorreram"[46] (p.12), outras vezes são utilizadas noções incertas, como "um dia" [47] (p. 11), "voltei ainda uma vez" [48] (p. 15), "semanas inteiras" [49] (p. 12), "alguns dias" [50] (p. 25), não marcando cronologicamente o tempo decorrido.

Às vezes, um fato aparece narrado numa seqüência de dias: "(...) trinta guerreiros lamentaram-se durante três dias sobre sua sepultura; no quarto dia, ergueram no lugar uma cúpula de verdura (...)" [51] (p. 13).

A corajosa expedição de Kumuraí, em busca de tesouros para o ouvidor também é colocada em dias; demonstrando quão distante os índios foram: "(...) apenas ao cabo de 5 dias de caminhada contínua, começamos a entrar em terras desconhecidas" [52] (p. 22), continuando "cerca do nono dia, encontramos uma tribo de patachos, que

---

[43] *"Que n'écoutai-je alors ces paroles de sagesse! L'espoir me resterai peut-être encore, et je n'aurais pas hâté le moment de mes douleurs (...)."* (DENIS, 1824, p. 160).
[44] *"le lendemain"* (Idem, ibidem, p. 139).
[45] *"après deux heures"* (ibidem).
[46] *"plusieurs années s'écoulèrent ainsi"* (ibidem, p. 147).
[47] *"un jour"* (ibidem, p.146).
[48] *"je retournai encore"* (ibidem, p. 152).
[49] *"des semaines entières"* (ibidem, p. 147).
[50] *"quelques jours"* (ibidem, p. 171).
[51] *"(...) et trente guerriers se lamentèrent pendant trois jours sur sa fosse; le quatrième, ils y élevèrent un dôme de verdure (...)"* (ibidem, p. 148).
[52] *"(...) ce ne fut qu'au bout de cinq jours d'une marche continuelle, que nous commençâmes à entrer dans des terres inconnues"* (ibidem, p. 164-165).

disputou conosco a passagem" [53] (ibidem), e que "um dia depois, começamos a penetrar numa floresta profunda (...)" [54] (ibidem), concluindo que "(...) após três dias de marcha, chegamos ao fim da viagem (...)" [55] (p. 23).

Oferece, o autor, como baliza do tempo, a informação de que Canavieras era uma "povoação recém-fundada pelo governo para proteger o comércio de Minas Novas" [56] (p. 05), mostrando também, quem habitava essa povoação: "colonos, pretos, selvagens, reunidos pela dor, acompanhavam um caixão que seria depositado na igreja da aldeia (...)" [57] (ibidem), reafirmando a época colonial na qual a história narrada tem lugar.

O andamento[58] da narrativa, às vezes torna-se rápido, avançando no tempo, evitando períodos em que nada de essencial tenha ocorrido: "vários anos transcorreram assim (...) [59] (p. 12), ou "alguns dias se passaram ainda sem que eu pudesse decidir-me a tomar um partido (...)" [60] (p. 25), nesse caso, configurando a dificuldade da decisão que Kumuraí deveria tomar.

---

[53] *"vers la neuvième journée, nous rencontrâmes une tribu de Patachos qui nous disputa le passage"* (DENIS, 1824, p. 165)

[54] *"(...) a une journée de là nous commençâmes à pénétrer dans une forêt profonde (...)"* (ibidem).

[55] *"(...) après trois jours de marche, nous arrivâmes au but de notre voyage (...)"* (DENIS, 1824, p. 166).

[56] *"(...) petit bourg nouvellement fondé par le gouvernement pour protéger le commerce de Minas-Novas"*. (ibidem, p.133).

[57] *"(...) des colons, des noirs, des sauvages, réunis par la douleur; accompagnaient un cercueil que l'on allait déposer dans l'église du village (...)"* (ibidem, p. 134).

[58] Conforme Benedito Nunes, *O Tempo na Narrativa*. São Paulo: Ática, 1988.

[59] *"(...) plusieurs années s'écoulèrent ainsi (...)"* (DENIS, 1824, p. 147).

[60] *"(...) quelques jours s'écoulèrent encore sans que je pusse me décider à prendre un parti (...)"* (ibidem, p. 171).

unesp

Outras vezes, os fatos são alargados em sua narração, imprimindo uma certa lentidão à narrativa:

> Caçava um dia na floresta e perseguia um tapir quando escutei o ruído de muitos cavalos que avançavam em minha direção à cidade. Deveria ter ficado junto a meus caçadores e não correr ao encontro de todos os males. Mas, vencido pela curiosidade, fui ver os viajantes. Jamais encontrara nas solidões um cortejo tão brilhante e tão numeroso; chamei meus guerreiros, eles juntaram-se a mim e compartilhavam meu espanto, quando vi uma jovem senhora transportada por pretos numa bela rede. Seus olhos fixaram-se em mim com doçura, depois ela se pôs subitamente a sorrir vendo um pobre selvagem admirá-la como a uma divindade; eu a segui sem pronunciar uma palavra, seu olhar me atraía, já não podia mais fugir dela. [61] (p. 13).

Detalhados e compassados ou superficiais e rápidos, os fatos se alternam, concatenando-se harmoniosamente em sua

---

[61] "*Je chassais un jour dans la forêt, et je poursuivais un tapir, lorsque j'entendis le bruit de plusieurs chevaux qui s'avançaient vers le chemin de la ville. J'aurais dû rester avec mes chasseurs, et ne pas courir au-devant de tous les maux; mais je me laissai vaincre par la curiosité, et je fus voir les voyageurs. Jamais je n'avais rencontré dans nos solitudes une suite aussi brillante et aussi nombreuse: j'appelai mes guerriers, ils me joignirent, et ils partageaient mon étonnement, lorsque j'aperçus une jeune dame portée dans un riche hamac par des noirs. Ses yeux se fixèrent sur moi avec douceur; puis elle se prit tout-à-coup à sourire en voyant un pauvre sauvage l'admirer comme une divinité, je la suivis sans prononcer une seule parole; ses régards m'attiraient, je ne pouvais déjà plus la fuir.*" (DENIS, 1824, p. 148-149).

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

composição melódica, apresentando uma duração (*durée*) breve quando superficiais, e longa nos detalhados.

O espaço em que se localiza a história é bem definido geograficamente, situando-se na Bahia, próximo à capitania de Porto Seguro. A viagem relatada, ou seja, o itinerário percorrido pelo chefe indígena e pelo viajante português corresponde àquele visitado por Denis. Este espaço abre-se em direção a Minas Novas, ou seja, rumo sul, ao atual estado de Minas Gerais. Aqui são citados alguns rios, que norteiam essa trajetória.

Desse trajeto bem definido geograficamente o narrador fornece indicações precisas no início da narrativa. A viagem vai de Belmonte até Salto Grande, mesmo itinerário percorrido por Ferdinand Denis, em sua expedição comercial ao vale médio do Jequitinhonha. As *Lettres*[62] de Denis mostram que esse percurso foi feito em um mês, com a primeira carta, datada de 17 de agosto de 1819, escrita em Belmonte e a última, de Salto Grande, em 17 de setembro do mesmo ano.

A andança da tribo Maxacali, chefiada pelo pai do herói, é narrada por ele, em seus desabafos com o jovem português. A tribo era oriunda da "(...) vasta província de Mato Grosso (...)" [63] (p. 10), e conduzida por Vapubaçu, pai de Kumuraí, atravessara "(...) vastas regiões e só decidimos para nas Mantiqueiras, não longe dos estabelecimentos portugueses, dos quais esperávamos obter ajuda para o

---

[62] *Lettres familières et Fragments du Journal intime de F. Denis à Bahia* (1816-1819), de Leon Bourdon. Coimbra, Separata de "Brasília", vol. X.

[63] *"(...) vaste province de Mato Grosso (...)"* (DENIS, 1824, p. 143).

novo tipo de vida que iríamos adotar" [64] (ibidem). A crença na agricultura como principal forma de desenvolvimento é afirmada durante todo o episódio. Ela é sugerida pelo narrador e por Helena, desejada por Vapubaçu e aceita por Kumuraí como único meio de manter a união e felicidade da tribo.

Denis coloca o próprio índio desejoso de mudanças. Ele não só aceita os *conselhos* europeus como *pede* ao colonizador que o *ajude* a se transformar. O europeu coloca na boca do *oprimido* o desejo de *redenção*. Justifica-se a *aculturação* do aborígene em atendimento aos seus pedidos. O silvícola percebendo as facilidades que o europeu possui, acredita que pode melhorar sua vida por meio dos ensinamentos do branco, como por exemplo, a utilização da agricultura como meio de subsistência.

A ação se passa, predominantemente, em espaço aberto, tendo a floresta como cenário das aventuras descritas na narrativa. Como exemplo de local fechado, são mencionadas as cabanas construídas pelos índios, durante a viagem, como abrigo noturno.

Os espaços fechados, que esporadicamente aparecem na narrativa, são vistos sempre de fora, ressaltando-se os aspectos da natureza circundante.

Com relação à toponímia, o autor cita nomes de povoados, rios, montanhas e lagoas. Cita a então província do Mato Grosso, de onde teriam vindo, originariamente, os maxacali. Os rios citados são o São Francisco, o Doce, o Salsa, o Pardo, o Mucuri, o São

---

64 "*"(...) des vastes pays, et nous ne nous décidâmes à nous arrêter que dans les Mantiqueiras, non loin des établissemens des Portugais, dont nous voulions obtenir des secours, dans le nouveau genre de vie que nous allions adopter."* (DENIS, 1824, p. 143-144)

Mateus, o Sambabaia, o Paraguai, o Negro e o Uhubu. Apresenta também as serras dos Aimorés, Mantiqueiras, Douradas, Tabocas e Pariris, e, ainda, o morro de Cachoeirinhas. As vilas são Belmonte, Canavieiras, Capibaribe e São Simão. Ao todo são vinte e dois topônimos diferentes.

Se o trajeto percorrido pelas personagens é real, e foi feito em parte pelo autor, a expedição de Kumuraí a um lugar no qual o ouro e as pedras preciosas brotam em abundância, é fictício, assim como a localização da caçada ao jaguar. Situando-a às margens da lagoa Juparanã, o autor comete um lapso, uma vez que esta localiza-se cerca de 450 km mais ao sul do lugar percorrido pelas personagens. Ao mencionar a nascente do rio Paraguai e a Montanha dos Pariris, relatados por um dos guerreiros de Kumuraí, Denis comete outro engano. Referia-se à Serra do Pari, porção da dos Paricis, tribo indígena encontrada neste local, pelos portugueses, na região do Mato Grosso.

O índio apresentado por Denis não é um retrato fiel da realidade, mas um herói lapidado, feito para agradar ao intelecto europeu.

O silvícola de Denis se porta como um verdadeiro cavalheiro europeu, uma maneira eficiente para evitar o grande *estranhamento* que um retrato mais aproximado de como realmente eram os aborígenes dos trópicos causaria ao público francês.

A floresta tropical brasileira foi bem explorada por Ferdinand Denis, os animais, as aves e as plantas que compõem "as cenas da natureza sob os trópicos", apenas nominados no episódio d'*Os Maxacalis*, foram descritos nos capítulos anteriores ao episódio, no decorrer de todo o livro, propiciando um conhecimento não muito profundo, mas suficiente para a compreensão do episódio. Durante toda a obra, o autor cita várias fontes confiáveis, nas quais, segundo ele, os

unesp

leitores mais interessados poderiam procurar subsídios para propiciar um bom entendimento da realidade tropical.

Quanto à história de Kumuraí, esta parece sugerir alguma associação a textos de autores europeus publicados anteriormente: *Atala* (Chateaubriand), *Paulo e Virgínia* (Bernardin de Saint-Pierre) e *O Último dos Moicanos* (Fenimore Cooper).

Denis apresenta o jovem indígena de maneira semelhante àquela utilizada por autores estrangeiros com relação aos índios norte-americanos:

> A figura do jovem chefe dos maxacalis impressionara-me: sua estatura era mais elevada do que a dos outros índios, o andar altivo; os olhos fulgurantes anunciavam coragem e, entretanto, um ar de profunda melancolia dava-lhe uma expressão que não se poderia descrever bem. Os cabelos negros estavam alisados com cuidado e caíam em tranças sobre os ombros; um simples calção de pano branco, uma camisa de algodão azul, amarrada em volta dos rins por um cinto de pele, era toda sua roupa; e ele segurava na mão um arco menor do que aqueles que habitualmente usam os homens das outras nações indígenas. [65] (p. 07).

---

[65] "*La figure du jeune chef des Machakalis m'avait frappé: sa stature était plus haute que celle des autres Indiens; sa démarche fière, ses yeux étincelans annonçaient le courage; et cependant un air de mélancolie profonde y ajoutait une expression qu'on ne saurait bien décrire. Ses cheveux noirs étaient lissés avec soin et tombaient en tresses sur ses épaules; un simple caleçon de toile blanche, une chemise de coton bleu attachée autour de ses reins par une ceinture de peau, formait tout son vêtement; et il tenait à la main un arc plus petit que ceux que portent ordinairement les hommes des autres nations indiennes*". (DENIS, 1824, p. 138).

No tocante à altura dos índios brasileiros há divergências entre os viajantes, alguns os descreveram como de baixa estatura, e outros relatavam que eram bem altos. Nesse caso, Denis optou por atribuir ao seu herói uma alta estatura, "mais elevada do que a dos outros", tentando demonstrar dessa maneira, a sua *diferença* em relação aos seus companheiros. O "andar altivo", mostra que o jovem não se sentia *inferior* aos portugueses presentes na cerimônia, demonstrando que ele *conhecia* esse ambiente, não temendo, portanto, o contato com os europeus.

O jovem tinha sido educado por um português, atendendo a um pedido de seu pai, Vapubaçu,

> Eis meu filho, disse-lhe, será um dia um bravo guerreiro, mas não quero para ele a felicidade dos índios, porque agora eles só a encontram nas bebidas de fogo que tiram a razão. Darei ouro, irei procurar pedras preciosas, e ele viverá perto de ti e tu o olharás como a um filho.[66] (p. 11-12).

Kumuraí foi exposto, portanto, aos costumes europeus, desde a infância: "(...) os hábitos dos estrangeiros não me agradavam; não podia acostumar-me a um repouso contínuo e a

---

[66] "*Voilà mon fils, lui dit-il; ce sera un jour un brave guerrier, mais je ne veux pas pour lui du bonheur des Indiens, puisqu'ils ne le trouvent plus maintenant que dans vos boissons brûlantes qui égarent leur raison. Je te donnerai de l'or, j'irai te chercher des pierres brillantes, il vivra près de toi, et tu le regarderas comme un fils.*" (DENIS, 1824, p. 146).

lembrança de nossas florestas arrastava-me, por vezes, para bem longe de uma cidade onde tudo me lembrava a escravidão" [67] (p. 12).

Escolheu, dentre as artes e ensinamentos oferecidos pelo português, aquilo que queria aprender: domar cavalos e manejar armas. Vivendo na cidade, pôde constatar por si mesmo, o caráter e os artifícios dos europeus, tentando se manter imune às facilidades por eles oferecidas. Para ser bem-quisto livrava as florestas vizinhas de animais ferozes, temidos pelos viajantes. Mas, quando seu protetor faleceu, preferiu sua independência a tornar-se escravo.

Quando seu pai, Vapubaçu, falece, resolve abandonar a cidade e voltar para sua tribo, assumindo seu lugar de chefe:

> Foi a minha vez de ser proclamado chefe, como meu pai o fora após a morte de meu avô; e a minha tribo começou a prosperar, pois eu fizera aliança com os portugueses contra meus inimigos e meus guerreiros tinham decidido cultivar a terra [68] (p. 13).

Kumuraí é apresentado como herói, entretanto, um herói que possui fraquezas: coloca sua tribo em perigo, demonstra indecisão, recebe orientações do Conselho da tribo, o que o torna mais verossímel, uma vez que demonstra não ser um *super-homem*, mas sim

---

[67] *"(...) les usages de ces étrangers ne me plaisaient pas; je ne pouvais m'accoutumer à un repos continuel, et le souvenir de nos forêts m'entraînait quelquefois bien loin d'une ville où tout me rappelait l'esclavage."* (DENIS, 1824, p. 146).

[68] *"Je fus proclamé chef à mon tour, comme mon père l'avait été après la mort de mon aïeul, et ma tribu commença à prospérer, car j'avais fait des alliances avec les Portugais contre mes ennemis, et mes guerriers s'étaient decides à cultiver la terre."* (Idem, ibidem, p. 148).

um *homem,* portador de virtudes e fraquezas. Suas virtudes surgem de seus infortúnios, advindos das relações mantidas com os europeus.

No dia seguinte ao funeral, o narrador procura Kumuraí para seguir com ele, parte da viagem; "disse, ao ver-me, que estava satisfeito por ter a mim como companheiro de viagem e que eu podia considerar seus caçadores como se fossem meus." [69] (p. 08).

Ao acamparem, o narrador percebe a tristeza de Kumuraí. Aproxima-se para tentar consolá-lo. Kumuraí inicia, então, a narração de sua história: conta ao europeu a origem de sua tribo, como seu pai resolveu deixá-lo na cidade para ser educado por um português, quando e porque voltara para sua tribo, e, finalmente, o motivo de todos os seus males: a visão da européia, escoltada por um cortejo tão brilhante e numeroso, como nunca tinha visto antes. Admirou-a como a uma divindade, seguindo-a, atraído por seu olhar.

Ouvindo-a dizer que estava com sede, Kumuraí corre para lhe atender: "(...) desapareci imediatamente e fui procurar na floresta um desses cálices naturais que a bromélia forma com suas folhas grandes e que o orvalho enche todos os dias de água fresca e límpida" [70] (p. 13).

Vibrando de alegria quando ela, em retribuição ao seu gesto, lhe oferece um presente, um colar de pérolas azuis, que para ele valia por todas as riquezas da cidade. Jurou não deixá-lo nunca mais.

---

[69] *"(...) il me dit en m'apercevant, qu'il était satisfait de m'avoir pour frère de voyage et que je pouvais regarder ses chasseurs comme s'ils étaient les miens."* (DENIS, 1824, p. 139).

[70] *"(...) je disparus aussitôt, et je fus chercher dans la forêt une de ces coupes naturelles que le bromélia forme de ses larges feuilles, et que la rosée emplit tous les jours d'une eau fraîche et limpide."* (Idem, ibidem, p. 149).

Ouvindo-o falar português, Helena se surpreende, e lhe responde: "(...) tua gratidão vale bem mais do que meu presente" [71] (p. 14).

Depois desse encontro, Kumuraí nunca mais seria o mesmo, afinal, descobrira o amor: "Meus guerreiros cantam a beleza de suas mulheres, mas elas nunca me fizeram experimentar algo semelhante, não, o que sinto, minha alma o revela pela primeira vez; ela me faz conhecer prazeres que receio e penas que têm sua doçura." [72] (p. 14).

Ele tem então um objetivo, ganhar o coração de Helena. Reúne vários presentes (flores, frutos e grãos), para oferecer ao novo ouvidor, pai de Helena, e desdenha os enfeites europeus que um de seus guerreiros lhe oferece como ornamento para sua entrada na cidade. Kumuraí quer mostrar sua força selvagem e seu orgulho de filho da natureza.

Entretanto, seus presentes foram desprezados, uma vez que não eram ouro. Volta à floresta a fim de reunir, então, os presentes que os europeus adoram: ouro e pedras preciosas.

Levando essas oferendas, foi muito bem recebido. Mas, para Helena, Kumuraí ofereceu outro tipo de presente: "(...) a doçura deve unir-se à doçura, e apresentei-lhe duas rolinhas com manchas de um azul brilhante." [73] (p. 15).

---

[71] *"(...) ta reconnaissance vaut bien plus que mon présent".* (DENIS, 1824, p. 150).
[72] *"Mes guerriers chantent la beauté de leurs femmes; mais elles ne m'ont jamais rien fait éprouver de semblable; non, ce que je ressens, mon âme me le révèle pour la première fois, elle me fait connaître des plaisirs que je redoute, et des peines qui ont leur douceur."* (ibidem).
[73] *"(...) la douceur doit s'unir à la douceur; et je lui présentai deux tourterelles tachetées d'un brillant azur."* (ibidem, p. 152).

A partir desse momento, Kumuraí visita Helena quase todos os dias. Ao pai, ele levava ouro, e à filha, não media esforços para conseguir os presentes mais mimosos que a natureza poderia oferecer. Desafiava rios, frágeis galhos, todos os obstáculos surgidos diante de si, apenas para oferecer-lhe algo que nenhuma outra poderia ter. Ao se aproximar de sua amada, todos esses sofrimentos eram esquecidos.

O amor de Kumuraí foi crescendo: "Aos poucos, minha paixão cresceu e meus desejos não conheceram limites. Quis ser amado. Um olhar bondoso não mais satisfazia a meu coração e eu teria dado a vida por uma palavra de ternura" [74] (p. 17).

E as diferenças que existiam entre eles, angustiavam o índio: "Ai de mim! Tinha refletido, pensado na diferença que havia entre o destino dela e o meu." [75] (ibidem).

Desesperado, faria de tudo para tentar diminuí-las, não hesitaria em permitir que suas florestas fossem abatidas, cedendo lugar às colheitas dos europeus, se isso representasse sua adequação às leis da civilização. Assim como o "emboaba" que devastadoramente arranca tudo a sua volta, mais uma vez a paixão se mostra avassaladora; sua intensidade justificaria todos os atos, inclusive o de permitir a destruição de suas florestas, caso pudesse unir-se a Helena.

Movido por um sentimento de inferioridade face às habitações européias, incendiou sua cabana, tão desprezível ela lhe parecera, mandando seus guerreiros escavarem uma gruta, nos rochedos

---

[74] *"Insensiblement ma passion s'accrût, et mes désirs ne connurent pas des bornes. Je voulus être aimé; un regard de bonté ne suffisait plus à mon coeur, et j'aurais donné ma vie pour une parole de tendresse."* (DENIS, 1824, p. 155).

[75] *Hélas! j'avais réfléchi, j'avais pensé à la différence qui existait entre sa destinée et la mienne."* (ibidem).

unesp

mais altos que encontrassem. Ele procurava a grandeza e a superioridade da natureza para sobrepujar a sensação de inferioridade.

Seu amor cresceu tanto que ele resolveu se declarar:

> Foi-me impossível ocultar dela por mais tempo o fogo que me devorava; um dia ela notou minha agitação e eu disse-lhe: Porque sou apenas um pobre índio, pensas que não sei distinguir entre a doçura e a beleza? Eu te amo, Helena, porque o som de tua voz me faz estremecer de felicidade e meus guerreiros dizem, em seus cantos, que só são felizes quando ouvem a voz de suas amadas.[76] (p. 17).

A declaração de Kumuraí não foi surpresa para Helena, entretanto, esta lhe disse que só poderiam ser amigos: "Kumuraí, disse-me ela, se queres conservar a amizade, evita falar em amor" [77] (p. 17).

O amor que o consumia era tão forte que ele, audaciosamente, propôs conseguir muitas riquezas para o ouvidor, caso ele consentisse em ceder-lhe Helena em casamento. Uma palavra de Helena, e todos os seus temores seriam dissipados, dando-lhe a coragem e o incentivo necessários para essa perigosa empreitada.

---

[76] "*Il me fut impossible de lui cacher plus long-temps le feu qui me dévorait; un jour, elle remarqua mon agitation, et je lui dis: Parce que je ne suis qu'un pauvre Indien, penses-tu que je ne saches point distinguer la douceur et la beauté; je t'aime, Héléna, car le son de ta voix me fait tressaillir de bonheur; et mes guerriers disent dans leurs chants qu'ils ne sont heureux qu'en entendant la voix de leur maîtresse.*" (DENIS, 1824, p. 156).

[77] "*Koumourahy, me dit-elle, si tu veux conserver l'amitié, garde-toi de me parler d'amour*" (ibidem, p. 157).

O ouvidor, surpreso, não hesitou em prometer o que o índio acabara de pedir. Apesar dos protestos de Helena, que temia por sua vida, Kumuraí, esperançoso, decidiu aventurar-se na procura das riquezas que lhe dariam seu maior tesouro.

Voltando à tribo, reúne os anciãos e pede para lhe indicarem o lugar dessas riquezas. O mais velho dos guerreiros o adverte, lembrando os engodos praticados pelos europeus, afirmando-lhe que não conseguiria casar-se com Helena, tornando-se, além disso, motivo de zombarias.

Outros três anciãos resolveram ajudar o jovem índio, e cada um lhe indicou um lugar onde possivelmente encontraria essas riquezas, mas todas ficavam em lugares distantes.

Keroê, um jovem caçador, "(...) temível pela coragem e destreza (...)" [78] (p. 21), indicou a Kumuraí, um lugar mais próximo, onde poderiam achar a riqueza almejada.

A empreitada foi muito difícil, Kumuraí, juntamente com Keroê e alguns caçadores, enfrentaram muitos obstáculos: longas caminhadas; embates com uma tribo patacho, onças e jaguares; pântano; serpentes, que apesar de repugnantes, transformaram-se em alimento. Acabaram por chegar, finalmente, no lugar das riquezas: "Nas torrentes que desciam pelo vale, rolavam mais tesouros do que jamais os portugueses poderiam reunir. Apareciam à superfície da terra, no fundo das águas, no cimo dos rochedos." [79] (p. 23). Depois de juntar riquezas

---

[78] *"(...) qui s'était déjà rendu redoutable par son courage et par son adresse (...)"*(DENIS, 1824, p. 163-164)

[79] *"(...) les torrens qui descendaient dans la vallée roulaient plus de trésors que jamais les Portugais n'en ont pu réunir; ils paraissaient à la surface de la terre, au fond des eaux, sur la cime des rochers."* (ibidem, p. 166-167).

que achava suficientes para apaziguar a cupidez do ouvidor, Kumuraí e seus caçadores enfrentaram, novamente, vários obstáculos até sua volta. Seus caçadores queriam livrar-se do peso inútil que carregavam e, Kumuraí esforçava-se, ao máximo, para convencê-los a manterem suas cargas.

No dia seguinte à sua chegada, apresenta-se ao ouvidor com todas as riquezas. O ouvidor, entretanto, disse-lhe que ele precisava ser cristão para poder casar-se com Helena. Mais uma vez, Kumuraí submete-se às exigências do ouvidor: "Para me decidir ao sacrifício, bastou rever Helena. Desprezei de novo a voz dos anciãos e, em breve adotava a religião cristã." [80] (p. 24).

O vaticínio do ancião estava correto, o ouvidor enganara Kumuraí, não lhe concedendo a mão de Helena, mesmo após seu batismo. Depois de sofrer esse duro golpe, desencantou-se de tudo:

> A partir daquele instante, não quis mais viver; desprezei o poder que tinha sobre os guerreiros e pensei que podia pôr um fim a meus sofrimentos, entrando no deserto onde a morte não tardaria a alcançar-me. [81] (p. 24).

---

[80] *"Pour me décider à faire ce sacrifice, il me suffit de revoir Héléna; je méprisai de nouveau la voix des vieillards, et j'eus bientôt adopté la réligion chrétienne."* (DENIS, 1824, p. 169).

[81] *"Je ne voulus plus dès ce moment de l'existence; je méprisai le pouvoir que j'avais sur mes guerriers, et je pensai que je pouvais mettre un terme à mes souffrances en m'enfonçant dans le désert, où la mort ne tarderait pas à me frapper."* (ibidem, p. 169).

Resolve, inclusive, abdicar da chefia da tribo. Como não consegue controlar sua própria vida, acredita que só poderá atrair desgraças aos seus índios. Sofre com a idéia de separar-se dos amigos e da antiga cabana de seu pai, mas esses laços são vistos como um tormento a mais em sua aflição.

Entretanto, os anciãos não aceitam sua renúncia. Kumuraí continua triste, e fica sabendo que Helena também sofre por ele.

Numa noite de tempestade, Kumuraí vê, entre os relâmpagos, Helena, carregada por seus guerreiros. Keroê, não suportando mais a tristeza de seu amigo, resolve raptar Helena. Aproveitando-se da comitiva que a levaria para outra cidade, Keroê e seus guerreiros, audaciosamente, lutam com os portugueses, conseguindo raptar Helena. No entanto, Keroê é abatido pelos portugueses. Os guerreiros, entretanto, levaram Helena para a tribo: "Kumuraí, disse-me ela, é a confiança que me trouxe aqui, pois a morte poderia ter-me subtraído à violência e só te teriam entregue um corpo inanimado, se eu não conhecesse tua alma generosa." [82] (p. 32).

Helena pede que Kumuraí a devolva a seu pai. O sofrimento do índio aumenta, assim como a chuva que cai durante essa cena: seu grande amor, finalmente, ao seu alcance, o sacrifício de seu amigo, e Helena lhe pede que a devolva. Sobrepujando todo o seu amor, ele aceita seu pedido, privando-se de todas as esperanças de felicidade. Deve elevar-se acima dos homens para conseguir abrir mão da tão almejada felicidade, a fim de atender a todos os desejos de sua amada.

---

[82] *"Koumourahy, me dit-elle, c'est la confiance qui me conduit ici, car la mort aurait pu me soustraire à la violence, et l'on ne t'aurait livré qu'un corps inanimé, si je n'avais pas connu ton âme généreuse."* (DENIS, 1824, p. 178).

Ela passa a noite na tribo, por causa da tormenta, mas, Kumuraí a respeita: "(...) meu respeito é mais forte do que meu amor e com uma única palavra podes afastar-me." [83] (p. 33).

Ao amanhecer, Kumuraí cumpre sua promessa, e a leva de volta à cidade. O ouvidor fica feliz em rever a filha, e Helena, aproveitando-se do fato, confessa seu amor por Kumuraí, pedindo-lhe que recompense o índio por tão nobre gesto, consentindo em sua união matrimonial.

O ouvidor, apesar de comovido, pede um tempo para refletir sobre esse assunto, e Kumuraí perde suas esperanças, ficando indignado, mas Helena lhe pede calma, e confessa-lhe que se tivesse nascido índia, teria sido mais feliz. Pede a Kumuraí que se afaste e vença sua dor, pois aflige-se ao lembrar sua responsabilidade na privação da feliz tranqüilidade do chefe maxacali.

Esta foi a última vez que Kumuraí viu Helena. O ouvidor fugiu, escoltado por um grande cortejo, de São Simão, com sua filha, levando consigo todos os presentes oferecidos pelo índio. Depois de alguns dias, Kumuraí recebeu uma carta enviada por Helena, incentivando-o a continuar vivendo. Ele pede à pessoa que lhe entregou a carta para ler, pois não quis aprender essa arte. É a mesma carta mostrada ao narrador, ao qual ele pede para lê-la mais uma vez.

Na carta ela o consola, declara seu amor e lhe mostra a possibilidade de uma união futura, numa outra vida:

---

[83] *"(...) mon respect est plus fort que mon amour, et d'un seul mot tu peux m'éloigner."* (DENIS, 1824, p. 179).

> (...) não tema que o tempo suavize um sentimento que não depende, nem de nossos usos, nem de nossos costumes, nem de minha vontade. Para mim, meu amigo é um ser diferente de todos os homens, o filho da natureza que a civilização não pôde corromper. Desprezo esta civilização de que tanto nos orgulhamos, porque o amo. O tempo não concede longos dias àqueles que o fizeram mais rápido pelo ardor funesto de seus sentimentos; hei de precedê-lo talvez no túmulo, mas lá chegarei menos dolorosamente, se pensar que é para revê-lo. Quando nos quiseram desunir, eu o aproximei de nossa religião para associá-lo a uma felicidade eterna. [84] (p.38).

Ressalta Denis, por meio da "declaração de amor" feita por Helena, a integridade moral do índio, afirmando que este não tinha sido corrompido pelas benesses oferecidas pela civilização. Encontra-se o índio aqui, naquele estado "intermediário" entre a primitividade e a corrupção da civilização; estando portanto, no estágio que Rousseau considerava como a época mais feliz e duradoura do desenvolvimento das faculdades humanas, ou seja, um estado "ideal" para a felicidade do homem.

---

[84] *(...) ne craignez point de peindre ma tendresse, elle est à vous, et pour moi elle est même un devoir; ne redoutez pas que le temps affaiblisse un sentiment qui ne tient, ni à nos usages, ni à nos moeurs, ni à ma volonté; vous êtes à mes yeux un être différent de tous les hommes, vous êtes l'enfant de la nature que la civilisation n'a pu corrompre. Cette civilisation dont nous sommes si fiers, je la méprise, car je vous aime. Le temps ne laisse point de longs jours à ceux qui l'ont rendu plus rapide par l'ardeur funeste de leurs sentimens; je vous précéderai peut-être dans la tombe; mais j'y descendrai avec moins de douleur en songeant que c'est pour vous revoir. Quand on voulut nous désunir, moi je vous réunis à notre religion, ce fut pour vous associer à un bonheur étérnel.* " (DENIS, 1824, p. 189-190).

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

Mais uma vez reforça a idéia da redenção humana por meio da submissão ao cristianismo, oferecendo ao aborígene a possibilidade de alcançar uma "felicidade eterna", configurada em uma união *futura* com sua amada, por meio de sua *conversão* à religião do colonizador.

Sua história comoveu o narrador, mas, estavam chegando ao fim do percurso comum, e logo se separariam. Kumuraí se queixa que não encontrará mais um amigo capaz de compreendê-lo, e lhe pede para não se esquecer dele.

Kumuraí é o protagonista da história, um índio, lapidado pelo autor, com o intuito de não parecer muito *estranho* aos olhos do público francês. São evitados, no texto de Denis, temas como a *nudez* indígena e os *rituais antropofágicos* não usuais na tribo do herói.

Ele sabe falar português, comporta-se como um cavalheiro, é corajoso e destemido, honrado e respeitoso. Atravessa os obstáculos mais difíceis, corre muitos riscos, tudo por amor.

Helena, portuguesa, filha do ouvidor, é vista inicialmente como uma *divindade* pelo índio. Recebe apenas presentes mimosos da natureza, não se interessando pelas riquezas. Seu amor por Kumuraí vai crescendo, entretanto, ela espera o consentimento de seu pai para poder casar-se e ser feliz, não querendo desobedecê-lo.

O ouvidor é o antagonista de Kumuraí. O português o ludibria várias vezes, e acaba, finalmente, saindo às pressas e às escondidas, da cidade, para evitar essa união. Ele utiliza sua própria filha como meio de enriquecer. Consciente do interesse do índio por sua filha, ele parece concordar com a união do casal. Permanece nesta estratégia

até adquirir riquezas suficientes, quando então, "foge" da cidade, levando sua filha.

Keroê, amigo de Kumuraí, tenta auxiliá-lo de todas as formas possíveis, tendo concebido, inclusive, um plano que poderia trazer a felicidade ao seu amigo, e que acaba por custar-lhe a vida.

Mesmo possuidor de tantas qualidades e atributos morais, o herói de Denis não consegue unir-se à sua amada. A diferença racial, mesmo amenizada pelo autor, está presente. O amor, este grande sentimento, que é demonstrado por meio de grandes sacrifícios a que se submetem os heróis, não consegue vencer a mentalidade dominante na época da publicação do episódio.

O amor justifica todos os atos do silvícola, entretanto esse mesmo amor o destrói, uma vez que ele submete-se, voluntariamente, a todas as exigências do colonizador, visando à concretização desse amor. Em paga, consegue apenas ser explorado e subjugado com maior facilidade.

A *estranheza* presente na diferença deveria ser amenizada para que a obra não fosse recusada pelo público a quem se destinava, "para a Europa, *ver* a América *equivalia* a *domesticá-la*, através da adequação de uma realidade estranha aos parâmetros do conhecido" (ROUANET, 1991, p. 72).

Denis conclamava os escritores brasileiros, nas *Scènes,* e no seu *Résumé,* a exaltarem a natureza; rejeitarem as idéias mitológicas greco-latinas; utilizarem os elementos humanos originários dos trópicos, as coisas que os cercam e seus costumes,

> (...) à paixão do índio pela liberdade, que nele sobrevive, corresponde a aspiração brasileira da independência. Ontem, os rebeldes da Inconfidência escolheram como emblema de sua luta um índio quebrando grilhões; amanhã, o Brasil vai procurar na exaltação do aborigem a justificação histórica, ideológica, de sua nova altivez (BRUYAS, 1979, p. CXXIII).

N'*Os Maxacalis* pode-se ver um índio como herói e a natureza exuberante da América, com suas peculiaridades, como cenário de suas aventuras.

> (...) com seu herói, Denis oferece a sua época, um testemunho exemplar sobre o índio, porque remete pelo menos à situação concreta de tal tribo tanto quanto a uma natureza teórica do homem americano. A experiência do viajante, somada a sua confiança nas 'vantagens da civilização', equilibrou nele a atração exercida pelo mito do Bom Selvagem. A aventura de Kumuraí, entretanto, empresta relevo impressionante à nobreza indígena como também à possibilidade teórica de felicidade, em situação próxima ao estado de natureza (Idem, ibidem, p. CXXXIX).

Ao começar a narração do drama principal, a voz que descreve a viagem e seu cenário, é a do narrador português, que, viajando com o chefe maxacali, é o ouvinte do relato de seus infortúnios.

Os sofrimentos do herói são narrados por ele mesmo, uma vez que a causa principal de seus desgostos acontecera há cerca de

dois anos antes de seu encontro com o narrador português. Em seu relato, várias vozes se levantam para lembrar suas agruras: a de Helena, de Keroê, dos anciãos da tribo e a de Vapubaçu, porém, todas elas estão sendo *citadas* pelo narrador português.

Ao utilizar a natureza tropical como cenário das aventuras de um índio, elevado à condição de herói, ilustrava Denis, em sua opinião, o *ideal estético* apregoado por ele mesmo, nas *Scènes* e no *Résumé*. Entretanto, Denis a descreveu de uma forma mais *técnica* do que *poética*. Excetuando-se o reflexo das emoções da personagem principal na natureza, colocadas em forma de fenômenos naturais, como as tempestades por exemplo; a sua função era meramente decorativa.

O autor francês sugeriu aos brasileiros, em seu *Résumé*, que abandonassem os modelos europeus, e utilizassem os elementos nacionais, como uma forma de *libertação* literária. O seu *modelo*, entretanto, não era *tipicamente brasileiro*, uma vez que a temática indianista já vinha sendo usada por autores estrangeiros. Seu índio se assemelhava fisicamente ao índio norte-americano, suas características psicológicas lembravam muito a dos cavaleiros medievais, e não as de um indivíduo primitivo como os que Denis provavelmente encontrou em sua viagem pelo Brasil. O seu índio foi *idealizado* atendendo a padrões europeus.

Ao mesmo tempo que conclamava os brasileiros a rejeitarem modelos europeus, Denis lhes oferecia o seu *modelo*, que muito se assemelhava a *Atala*, de Chateaubriand. Chamava-lhes a atenção com relação ao aproveitamento dos elementos brasileiros, mas utilizava-se de um índio completamente diferente do índio brasileiro, e finalmente, no que diz respeito à natureza tropical, não transmite aqueles

ardorosos sentimentos, que ela poderia, em sua opinião, propiciar aos estrangeiros, colocando-a apenas como *cenário*.

Permanece, portanto, o próprio *modelo*, um pouco distante dos ideais apregoados por seu autor; entretanto, suas opiniões, sugeridas nas *Scènes* e reiteradas no *Résumé*, deram o *aval* ao povo brasileiro para aventurar-se na literatura, utilizando seus próprios elementos de uma maneira original, a fim de construir a *literatura nacional brasileira*.

Pode-se considerar, no entanto, que ao escrever *Os Maxacalis*, Denis, utilizando os princípios expostos em suas *Scènes*, e que foram, posteriormente, reiterados no *Résumé*, exemplificou, em sua opinião, como *deveria ser* a verdadeira literatura brasileira. Utilizando-se de uma nova forma de expressão e de *visão* do mundo, o Romantismo; com um herói original, o índio; em um cenário *exótico* para os estrangeiros mas, familiar e próprio aos brasileiros, a natureza tropical, Denis demonstrou não haver necessidade de copiar modelos tradicionais para criar uma literatura. Além de relatar as origens da tradição literária brasileira, ao analisar os primeiros indícios, ainda tímidos, dessa *originalidade americana*, Denis sugeriu o *caminho* a ser trilhado para atingir a tão almejada *brasilidade*. Servindo-se de elementos peculiares ao Brasil, foi além, demonstrando a criação de uma literatura nacional apoiada em valores brasileiros, e não mais fiel à tradição colonial portuguesa, no sentido de copiar o que vinha e como vinha da Metrópole, e sim, utilizar os elementos da própria ex-colônia e uma nova forma de expressá-los.

Esse novo modo ainda mostrava a importância da Europa no âmbito cultural, uma vez que, o próprio Denis era europeu, e

unesp

sugeria aos brasileiros que se "libertassem" dos modelos vindos de fora. Seu índio fôra lapidado, a natureza era mostrada em seu aspecto exótico e pitoresco, as histórias traziam implicitamente opiniões sobre o cristianismo, a agricultura e a submissão dos índios ao jugo europeu, de uma forma que os justificassem; tudo isso contribuia para incutir no pensamento dos habitantes do Novo Mundo as tradições desenvolvidas pelo Velho Mundo.

Apesar de apresentar todas essas contradições e problemas, Ferdinand Denis efetivamente ofereceu sua contribuição para a configuração do projeto indianista romântico brasileiro.

unesp

IV. GONÇALVES DIAS E FERDINAND DENIS.

Em 1851, surge no cenário nacional o poema *I-Juca Pirama*, inserido no livro *Últimos cantos*, de Gonçalves Dias. Como Ferdinand Denis, o poeta brasileiro também apresenta como herói nacional o indígena.

Segundo Alfredo Bosi, em *História concisa da literatura brasileira*, Gonçalves Dias foi "o primeiro poeta autêntico a emergir em nosso Romantismo" (1970, p.104). Na perspectiva de Gonçalves Dias, a imagem do índio podia perfeitamente se unir à glória dos colonos que, habitando no Brasil, tornavam-se senhores das terras.

Bosi afirma ainda que "a lírica de Gonçalves Dias singularizava-se no conjunto da poesia romântica brasileira como a mais literária, isto é, a que melhor exprimira o caráter mediador entre os pólos da expressão e da construção" (ibidem, p.109).

Antonio Candido, no 2º volume da *Formação da literatura brasileira*, aponta a semelhança do indianismo de Gonçalves Dias ao medievismo coimbrão, o qual ele acredita tê-lo influenciado, levando-o a "*aplicar* à pátria o mesmo critério de pesquisa lírica e heróica do passado" (1964, p.83). Afirma ainda que Gonçalves Dias

procurava mostrar o índio de uma forma *geral*, independentemente de sua personalidade, representando o indígena integrado em sua tribo e seus costumes. O verso de Gonçalves Dias, "incorporando o detalhe pitoresco da vida americana ao ângulo romântico e europeu de visão, criou uma convenção poética nova" (ibidem, p.84), que proporcionava uma nova maneira de "sentir" os "velhos temas da poesia ocidental" (ibidem). Têm-se em *I-Juca Pirama* uma visão sentimental do heroísmo e da generosidade do silvícola, do amor filial e dos reflexos de seus atos, tendo em vista a preservação desse grande amor.

Com relação ao poema *I-Juca Pirama*, Antonio Candido afirma ser ele "bem romântico pela concepção, tema e arcabouço" (ibidem, p.86) e ter "uma configuração plástica e musical que o aproxima do bailado" (ibidem) e que este teria sido "talvez, o grande bailado da nossa poesia, com cenário, partitura e riquíssima coreografia, fundidos pela força artística do poeta" (ibidem).

Antonio Candido e José A. Castello, em *Presença da literatura brasileira*, consideram a poesia indianista de Gonçalves Dias como "antevisão lírica e épica das nossas origens, revigorando as intenções nacionalistas do Romantismo" (1968, p.306). Afirmam ainda que Gonçalves Dias foi o primeiro poeta romântico brasileiro "a se identificar imediatamente com a sentimentalidade de seu povo e a dar um exemplo fecundo à nossa criação literária" (ibidem).

Em *A literatura no Brasil*, Afrânio Coutinho destaca a diferença que pode ser constatada entre os índios de Gonçalves Dias e os apresentados por outros indianistas. O índio de Gonçalves Dias "seria índio mesmo, e não índio de cartão postal. Era o índio que havia nele e

era o índio que ele conheceu, desde menino, e reconheceu no Rio Negro, que ele compreendeu e defendeu" (1986, p.72).

Afirma Afrânio Coutinho, sobre o poema *I-Juca Pirama*, tratar-se "realmente, de uma obra-prima, mas como composição poética integral, notável pelo argumento humano, pela carga lírica que encerra, pela linguagem em que foi expresso, pela variedade de ritmo – que muda de uma parte para outra – conforme a situação que traduz" (ibidem, p.84).

José Veríssimo, em *História da literatura brasileira*, assevera que o índio de Gonçalves Dias foi colocado, de fato, como personagem principal, como herói; inovando a posição ocupada até então, ou seja, a de elemento da ação ou dos episódios, como os de Basílio da Gama ou de Santa Rita Durão. Dessa forma, segundo Veríssimo, Gonçalves Dias demonstrou, melhor do que nenhum outro escritor, os sentimentos dos índios brasileiros.

Em *O cânone imperial*, Flávio Kothe afirma que "por intermédio de Gonçalves Dias, o pseudo-bom-selvagem do indianismo serviu também para inculcar um espírito guerreiro, combativo, e agressivo, dentro do paradigma de se projetar nos povos primitivos princípios e atitudes supostos na cavaleria medieval" (2000, p.208).

Na opinião de Kothe, o indianismo "faz a louvação do historicamente fracassado como se este fosse um vitorioso, como se representasse uma cultura superior e não tivesse sido aniquilado pelo colonizador português, como se não estivesse em andamento um modo de produção que substituiria aquele que havia substituído o modo tribal" (ibidem, p.213), afirmando, ainda, que, apresentado como um "progresso", esse novo modo de produção acarretaria aos índios, na

verdade, uma "dupla regressão", ou seja, voltariam novamente a ter seu modo de produção substituído, e continuariam sendo identificados com o castigado e oprimido descrito pela religião cristã; como se essa situação fosse capaz de conduzi-los ao "paraíso". O colonizador português, por meio de sua religião, justificaria todos os acontecimentos. Os sofrimentos infligidos aos indígenas pelos próprios colonizadores seriam capazes de conduzi-los à salvação, ao paraíso; ou seja, todos esses fatos seriam inevitáveis, "pré-determinados" por uma "força superior".

Kothe assevera ainda, no mesmo livro, que o poema *I-Juca Pirama*, de Gonçalves Dias, "assume um tom grandiloqüente e arrogante, oco e vazio feito um tambor" (ibidem), com a finalidade de "camuflar a falta de profundidade da ação e do pensamento" (ibidem).

Ferdinand Denis, em *Os Maxacalis*, mostra rapidamente a situação devastadora em que se encontram as tribos indígenas, entretanto, é favorável à implantação da agricultura, afirmando que esse "novo modo de produção" poderia trazer grandes vantagens aos silvícolas. Seu índio, apesar de reconhecer os defeitos dos colonizadores, submete-se aos seus desejos, inclusive renegando suas crenças e *convertendo-se* ao cristianismo. Mesmo mantendo certo *respeito* aos seus costumes e crenças, o índio sofre uma inadequação, tanto em seu meio original, quanto no produzido pelo contato com o europeu, tornando-se, portanto, o *oprimido* que precisa da redenção. A seu modo, Denis demonstra os *caminhos* que deveriam ser trilhados pelos aborígenes, a fim de amenizarem essas diferenças.

Afirma Maurício César Alves Pereira, em sua dissertação de Mestrado *Ritmo na poesia indianista de Gonçalves Dias* que "o índio gonçalvino surge como criação artística, mito literário,

unesp

distante da realidade mas à altura dos heróis medievais criados pelos europeus" (p. 10), e ainda que, a lírica do poeta "singularizava-se no conjunto da poesia romântica brasileira como a mais literária, isto é, a que melhor exprimiu o caráter mediador entre os pólos da expressão e da construção" (ibidem).

O poema *I-Juca Pirama*, segundo a análise de Maurício Pereira (1984), apresenta estrofes isopolares[85] na primeira, quarta e oitava partes; homeopolares[86] nas segunda e décima partes e cursos rítimicos isopolares[87] nas terceira, quinta, sexta, sétima e nona partes.

Segue a transcrição da parte rítmica de uma análise do poema, feita por Maurício Pereira, em sua dissertação de Mestrado, fornecendo-se, em anexo, cópia completa do quadro fônico por ele estabelecido.

> O quadro fônico mostra, na primeira parte (versos 1 a 48), oito estrofes em versos dodecassílabos compostos, travadas por rimas totais conforme o esquema distributivo A A B C C B. O eixo rítmico principal se localiza na 11ª sílaba, e o secundário, determinando uma cesura medial perfeita, na 5ª sílaba. Acontecem algumas anti-ritmias: no 5º verso da terceira estrofe, no 1º verso da 5ª estrofe. Pausas melódicas internas, além da cesura, surgem

[85] Isopolar: conjunto de versos que tem o mesmo número de sílabas métricas. (PEREIRA, 1984, p. 03)

[86] Homeopolar: conjunto de versos que apresentam diferença numérica de sílabas métricas, passando o eixo rítmico por posições diferentes mas, proporcionais. (ibidem)

[87] Cursos Rítmicos Isopolares: indefiníveis como estrofe. (PEREIRA, 1984, p. 66)

na segunda estrofe, na terceira, na quinta e na sétima estrofes.

Na segunda parte (versos 49 a 88), a perspectiva passa de plano geral para planos aproximados e detalhamentos. A focalização externa e interpretativa passa da visão distanciada para a mais participativa. O ritmo, como se pode visualizar no quadro, parece acompanhar essas modificações.

De fato, agora as estrofes são homeopolares e a presença da rima não é tão marcante quanto na primeira parte, uma vez que só incide nos versos curtos, ou seja, os versos pares. Temos assim um eixo rítmico oscilante, ainda que proporcional, já que passa constante e periodicamente pela 10ª e 4ª posições silábicas. Sem dúvida, essa oscilação rítmica conforma-se como imagem quer da intervenção, ora conativa ora emotiva, do narrador, quer do personagem focalizado, no qual o poeta encontra indícios faciais contraditórios que a quinta estrofe sintetiza magnificamente.

A segunda parte encerra ainda particularidades rítmicas expressivas: encavalgamentos na terceira, na quarta, na sexta, na sétima e na décima estrofes, mobilidade das pausas melódicas internas e dos acentos rítmicos e extra-rítmicos.

Na terceira parte (versos 89 a 111), não só deixamos de encontrar estrofes, mas também faltam as rimas. A isopolaridade continua, mas a forte plurirritmia em virtude da ocorrência de acentos rítmicos, extra-rítmicos e até anti-rítmicos, parece sobrepor-se à regularidade do eixo. Em termos melódicos, também não há muita rigidez: as pausas internas, quando acontecem, são erráticas. Entretanto, torna-se possível verificar uma tendência de organização.

Antes de tudo, nota-se haver nessa terceira parte três conjuntos rítmicos, aliás graficamente denotados: o primeiro, com

treze versos, o segundo com quatro versos e o terceiro, com cinco versos. São conjuntos diferenciados não propriamente em virtude da demarcação visual, mas por sua estruturação interna. Assim, o primeiro conjunto tende, no plano intensivo, a uma construção baseada nas sextas e oitavas sílabas, enquanto no plano melódico, a partir do sexto verso, à bimembração típica do verso heróico. Já o segundo se caracteriza pela construção difusa, enquanto o terceiro por uma ordenação intensiva em torno das quarta e sexta sílabas e uma mobilidade melódica cujo pendor é de natureza sáfica.

A quarta parte (versos 112 a 205) está formada de versos hexassílabos que se organizam, no nível de intensidade, pelo esquema de ritmo acentual em 2ª e 5ª sílabas. Melodicamente há uma tendência para o uso de versos inteiriços, sem pausa interna, havendo pouquíssimos casos de bimembração devidos a vocativos e a certos cortes sintáticos. Os vocativos ressaltam o importante vocábulo 'Guerreiros'; os cortes sintáticos também põem em relevo palavras importantes no trecho, como 'escravos', 'mesquinhos', 'Morrer', 'não ignavo', além de certas interrogações retóricas que fecham e reabrem a fala do prisioneiro: 'Qual seja, dizei' e 'Que resta? – Morrer'. Há dois encavalgamentos expressivos: um na penúltima e outro na última estrofe.

A quinta parte (versos 206 a 243) volta a ser expressa em curso rítmico, dominando a plurirritmia e uma variada mobilidade melódica. Trata-se de um alentado curso rítmico, demarcado graficamente em três partes: a primeira do verso 206 ao 229, a segunda compreendendo os três versos seguintes e a terceira, os onze versos restantes. Atendendo, porém, as posições das pausas e dos marcos de intensidade relevante, podemos, como foi apresentado

no quadro, aceitar a existência de sete conjuntos diferenciados.

Essa multiplicação interna mostra um movimento rítmico que se renova por trás da isopolaridade.

Com a sexta parte do poema (versos 244 a 305), observa-se algo semelhante. Há um curso rítmico determinado pela organização isopolar e sem travamento rítmico. Graficamente disposto em cinco blocos, pode ser dividido em 11 partes, conforme visualizamos no quadro fônico. Plurirritmia, certa irregularidade nas posições de pausas melódicas e algumas marcas anti-rítmicas mostram um forte dinamismo.

A sétima parte (versos 306 a 349) continua sendo isopolar, distinguindo-se das duas anteriores apenas pelo fato de o eixo rítmico se deslocar para a sétima sílaba. Trata-se de um curso divisível em cinco blocos, todos plurirrítmicos e atectônicos, sem rimas totais. Também não há organização tectônica no nível melódico em virtude dos versos se apresentarem sem pausa interna, inteiriços em sua quase totalidade.

A oitava parte (versos 350 a 397) está constituída por estrofes isopolares que, no nível intensivo, são morrítmicas, e, no nível melódico, são estruturadas com poucas pausas internas. Voltam as rimas que seguem o esquema distributivo A Ø A B Ø C C B com batida anapéstica (acentos intensivos em 3ª, 6ª e 9ª sílabas), obediência regular às pausas finais, e pouca ocorrência de pausas internas

A nona parte de *I-Juca Pirama* (versos 398 a 440) mostra-se como a mais complexa. Trata-se de um curso rítmico divisível em quatro blocos isopolares, sem distribuição de rimas totais e com rimas parciais acontecendo de modo incidental. Os dois primeiros blocos podem dividir-se internamente, sua complexidade está não

> propriamente nessa possibilidade de divisão, mas numa espécie de desacordo entre o nível intensivo e o nível melódico.
> Verifica-se que o primeiro bloco, além de se organizar em torno do eixo rítmico, apresenta, no nível intensivo, um segundo eixo na sexta sílaba. Além disso, até o verso 406, comparece também com freqüência o acento em oitava sílaba. No segundo bloco (versos 415 a 425) tem-se uma outra construção do ritmo de intensidade. Há um movimento marcado pela incidência acentual em oitava sílaba, movimento esse que vai dos versos 415 ao verso 421; um segundo movimento começa no verso 419 e vai até o 425 (combinação de acentos em segunda, terceira e sexta sílabas), de modo que três versos (419,420 e 421) participam do duplo movimento. O terceiro bloco gira em torno da sexta sílaba combinando-se com a oitava e terceira, enquanto o último bloco centraliza-se mais na sexta.
> Examinando, porém, o nível melódico, notaremos uma verdadeira dispersão rítmica, a não ser no caso daqueles três versos do segundo bloco, em que se superpõe o duplo movimento do ritmo de intensidade.
> Finalmente, a última parte (versos 441 a 456):
> Está composta de estrofes homeopolares, com inalterável travação rítmica: A a B C c B. Apesar da homeopolaridade, a base rítmica é uma cláusula de seis sílabas com acentos intensivos em 2ª e 5ª. Diferente das outras partes no plano fônico, também o é no semântico. (PEREIRA, 1984, p. 97-103).

O poema *I-Juca Pirama* relata a estória de um jovem Tupi que, por amor a seu pai, humilha-se perante uma tribo inimiga. O poema mostra em detalhes os preparativos de um ritual antropofágico.

Já na primeira parte do poema pode ser encontrada a descrição do espaço no qual ocorrerá a ação, a floresta tropical:

> No meio das tabas de amenos verdores,
> Cercadas de troncos – cobertos de flores,
> Alteiam-se os tetos d'altiva nação;
> São muitos seus filhos, nos ânimos fortes,
> Temíveis na guerra, que em densas coortes
> Assombram das matas a imensa extensão. [88]
> (p. 82-83)

Também são descritos os aborígenes que participarão da estória, por meio de suas qualidades, enaltecidos em relação a seus inimigos:

> São rudos, severos, sedentos de glória,
> Já prélios incitam, já cantam vitória,
> Já meigos atendem à voz do cantor:
> São todos Timbiras, guerreiros valentes!
> Seu nome lá voa na boca das gentes,
> Condão de prodígios, de glória e terror! (p. 83)

Após essas descrições, inicia-se um discurso narrativo, apresentando o jovem Tupi, personagem principal do poema. Todos os elementos são vistos de uma perspectiva distanciada, como se o narrador desse acontecimento se encontrasse fora do local onde ele se

[88] Todas as citações do poema *I-Juca Pirama* foram extraídas da coleção editada por Manuel Bandeira: *Obras Poéticas de Antônio Gonçalves Dias*, São Paulo: Nacional, 1944.

unesp

passava. A rapidez está presente no ritmo, que se desenvolve alegremente.

Na segunda parte, o foco é mais aproximado: detalhes do ritual antropofágico que está sendo preparado, os costumes indígenas; são expressos em um ritmo mais lento. É demonstrado o sofrimento do prisioneiro, que aguarda seu trágico final, por meio de sinais externos:

> Mas um martírio, que encobrir não pode
> Em rugas faz
> A mentirosa placidez do rosto
> Na fronte audaz! (p. 85)

Repete-se, na 7ª e na 10ª estrofes, a crença dos índios em uma espécie de Paraíso destinado aos heróis:

> (...) além dos Andes
> Revive o forte,
> Que soube ufano contrastar os medos
> Da fria morte. (p. 85)

A terceira parte continua a descrever detalhes da cerimônia antropofágica, agora em um ritmo mais rápido. Nesta parte, o narrador cede sua voz aos timbiras que anunciam a sentença de morte ao prisioneiro e o convidam a se identificar. A linguagem utilizada pelos índios é praticamente a dos *civilizados;* o poeta não lança mão de vocábulos indígenas, expediente que facilita a leitura: " 'Dize-nos quem és, teus feitos canta, / Ou se mais te apraz, defende-te' " (p. 87).

Na quarta parte, o prisioneiro se apresenta, narrando suas proezas e sua coragem, expondo também o triste destino de seu pai; mais uma vez, pode-se perceber que a linguagem é a do *civilizado*. O ritmo, ainda acelerado, gera a impressão de que as palavras são como o *rufar* dos tambores que anunciavam as guerras.

Ainda nesta parte, na 5ª estrofe, ao narrar a situação em que se encontravam alguns índios, vencidos em batalhas, o eu-lírico parece fazer uma tênue alusão aos *conquistadores europeus*:

> E os meigos cantores,
> Servindo a senhores,
> Que vinham traidores,
> Com mostras de paz. (p. 88)

Nas 7ª e 11ª estrofes é ressaltada, por meio da repetição, a frágil condição física em que se encontra o velho Tupi: "Já cego e quebrado, / De penas ralado" (p. 89); e o único apoio que ele possuía em sua existência, o jovem guerreiro Tupi: "Em mim se apoiava, / Em mim se afirmava, / Em mim descansava" (p. 90).

A quinta parte mostra a decisão do chefe Timbira, e a insistência do jovem Tupi em se mostrar digno e honrado, mesmo com toda a tribo inimiga considerando-o covarde. Sua sentença é repetida pelo chefe Timbira por quatro vezes, e ele a justifica por não querer "com carne vil enfraquecer os fortes" (p.92). O ritmo desta parte é mais lento, entrecortado como um diálogo.

A descoberta do estado em que se encontrava o jovem Tupi, pelo indígena cego, é colocada na sexta parte. O velho índio

reconhece, por meio dos sentidos que lhe restam, o tato e o olfato, que o filho teria sido capturado. Também tem lugar o diálogo entre pai e filho acerca do que teria acontecido. O ritmo continua lento. A passagem do tempo entre o desaparecimento e o retorno do filho é expressa pelo velho Tupi da seguinte forma: "Não era nado o sol, quando partiste, / E frouxo o seu calor já sinto agora!" (p. 92), demonstrando que o índio teria demorado praticamente o dia todo em suas aventuras. Apesar de cego, o velho Tupi *vê* e reconhece que seu filho teria sido capturado por outros indígenas. O verbo *ver* é repetido por três vezes, nesta parte, enfatizando a capacidade do velho Tupi em reconhecer o que teria acontecido à sua volta, mesmo faltando-lhe este sentido.

O filho, sem coragem de confessar o que havia acontecido, afirma apenas, reiteradamente, que "nada fez", mas que "(...) souberam da existência / De um pobre velho (...)" (p. 94), que dele dependia.

A sétima parte é iniciada com o discurso do velho Tupi, agradecendo aos Timbiras pela libertação de seu filho. Ressalta o velho índio, sua coragem e bravura, recusando-se a aceitar o que considerava uma "gentileza" dos Timbiras:

> Eu, porém, nunca vencido,
> Nem nos combates por armas,
> Nem por nobreza nos atos;
> Aqui venho, e o filho trago. (p.95)

Em seguida, tem lugar a revelação do que realmente teria ocorrido. Nesta parte, o ritmo novamente se acelera: "Ele chorou de

cobarde; / Nós outros, fortes Timbiras, / Só de heróis fazemos pasto" (p. 96). Mais uma vez é ressaltada a justificativa para a libertação do índio: sua *covardia*, demonstrada por seu pranto diante dos inimigos.

Na oitava parte, devido à descoberta do que ocorreu, o velho Tupi amaldiçoa seu filho. Seu discurso prega uma natureza extremamente inóspita e cruel ao pobre Tupi, que é inclusive, renegado, por ter "chorado na presença da morte". O ritmo sofre uma pequena desaceleração.

Após a maldição do velho, o narrador volta a descrever os eventos. O jovem Tupi atira-se em uma batalha contra toda a tribo inimiga, a fim de ser considerado um bravo guerreiro, digno de sua ascendência e do sacrifício antropofágico. Encontra-se também, nesta nona parte, o reconhecimento de sua bravura pelo Chefe dos Timbiras, e o perdão concedido por seu pai, ao *presenciar* sua coragem. O ritmo é novamente lento.

A fim de demonstrar o alvoroço causado pelo jovem Tupi, na 2ª estrofe encontra-se uma gradação de atos que sugerem essa confusão, e a força demonstrada pelo índio, comparado a um "rochedo vivo":

> A taba se alborota, os golpes descem,
> Gritos, imprecações profundas soam,
> Emaranhada a multidão braveja,
> Revolve-se, enovela-se confusa,
> E mais revolta em mor furor se acende.
> E os sons dos golpes que incessantes fervem,
> Vozes, gemidos, estertor de morte
> Vão longe pelas ermas serranias
> Da humana tempestade propagando

> Quantas vagas de povo enfurecido
> Contra um rochedo vivo se quebravam. (p. 99)

Nesta parte mostra-se a única possibilidade aceitável de pranto para os aborígenes, o choro da alegria: "Corram livres as lágrimas que choro, / Estas lágrimas, sim, que não desonram" (p. 100).

Na décima parte, encontra-se o narrador dessa grande proeza descrita no poema: um velho Timbira, que há muito tempo atrás, presenciou aqueles acontecimentos, e que, a fim de atestar a veracidade de seu relato afirma aos seus ouvintes: "meninos, eu vi" (ibidem). O ritmo, nesta última parte do poema, é rápido e alegre.

O índio de Gonçalves Dias é um dos últimos de sua tribo, praticamente aniquilada pelas guerras travadas com outras tribos.

O guerreiro cuida de seu pai, velho e cego, que dele depende para tudo. Quando cai prisioneiro da tribo dos Timbiras, chora, durante o ritual que terminaria com sua morte. Para os índios, o choro era um sinal de fraqueza, que o tornaria indigno desse festim. Acreditavam os índios que, comendo a carne de um guerreiro, adquiririam sua força e coragem, e as dos seus antepassados, porventura comidos pelo inimigo. Se comessem um fraco, seriam contaminados por sua covardia. O pranto de um guerreiro o tornaria indigno até mesmo da escravidão.

O índio de Gonçalves Dias não é descrito fisicamente, nem individualizado, com relação a sua tribo, existindo apenas, a leve menção a um traço distintivo do herói:

> Descende por certo – dum povo gentil;



> Assim lá na Grécia ao escravo insulano
> Tornavam distinto do vil muçulmano
> Às linhas corretas do nobre perfil. (p. 83)

Comparando-o aos gregos, Gonçalves Dias sugere que apesar da submissão do índio aos conquistadores europeus, sua nobreza persiste, assim como a dos gregos apesar de conquistados pelos turcos.

Os índios de Denis e Alencar, contrariamente, são descritos fisicamente e apresentados como superiores em relação aos seus próprios companheiros, destacando-se em sua tribo.

O ritual da antropofagia é descrito, detalhadamente nos atos preparatórios, evitado pelo poeta, o ato final: o *banquete*. Esse mesmo ritual é abordado, superficialmente em *O Guarani*, de Alencar. Peri vê nesta prática "bárbara", uma forma de evitar a morte de sua amada Cecília, um meio que possibilitará a derrota de toda uma tribo por apenas um homem. Ele quer e aceita participar do festim. Acreditava que envenenado, ao ser devorado pelos inimigos, estes também morreriam sob o efeito letal do veneno. Seu amor por Cecília era tão grande que ele acabaria com sua própria vida, para salvá-la. Em *I-Juca Pirama*, o jovem Tupi deseja livrar-se do sacrifício, mas em prol da vida de seu pai. Humilha-se, o que seria inaceitável para um guerreiro, buscando o único meio possível de fornecer-lhe a liberdade. Esse fato, na verdade, foi um sinal de sua força, uma vez que só um verdadeiro herói seria capaz de tão elevado sacrifício.

Gonçalves Dias inova ao abordar tão detalhadamente um assunto que, para a imagem de Brasil e de herói nacional que se pretendia criar, deveria ser evitado. Denis, por exemplo, menciona a

antropofagia como característica negativa, existente em tribos consideradas pelo autor como mais selvagens, ou seja, tribos que, em sua opinião, encontravam-se em estado "de pura barbárie", completamente isentas de influências européias. Entretanto, a inovação de Gonçalves Dias é comedida, não mostra claramente o ritual, mas enfatiza a finalidade que os índios lhe atribuem. De uma certa maneira, é uma justificativa, tentando *absolver* os índios brasileiros do estigma de *apreciadores de carne humana.* A razão pela qual os indígenas praticavam esse ritual era a de se vingarem dos inimigos que haviam derrotado seus antepassados. Ao digerí-los, acreditavam que sua força e coragem passaria para o vencedor. Desta maneira, apenas os bravos guerreiros tinham o *privilégio* de sofrer este sacrifício, os fracos e doentes eram apenas mortos.

A vida selvagem mostrada pelo poeta, diz respeito apenas às lutas entre tribos indígenas. Ele não aborda claramente, em momento algum, o extermínio de tribos inteiras pelos europeus, deixando suas guerras restritas aos conflitos entre os próprios índios. Parece sugerir, no entanto, veladamente, a perfídia dos colonizadores, que se apresentavam aos indígenas como portadores da paz e da prosperidade, mas na verdade, só lhes traziam destruição e escravidão. Alencar demonstra o contato entre índios e portugueses de uma maneira positiva, configurada no relacionamento entre eles; entretanto, esse mesmo relacionamento falseia uma submissão consentida pelo próprio índio ao seu conquistador, atestada, n'*O Guarani*, por exemplo, por sua devoção, quase religiosa, à Cecília. Denis demonstra esse mesmo fato no relacionamento entre Kumuraí e Helena, mas destaca os artifícios utilizados pelos europeus para ludibriarem os índios. Gonçalves Dias,



elimina essa questão deixando os índios em seu ambiente natural, sem demonstrar seus contatos diretos com a civilização.

Parecia não interessar ao autor *romper* abertamente seus laços com Portugal, ou seja, colocar-se numa postura crítica, apontando as falhas decorrentes da colonização. Portugal era o país no qual havia estudado e se formado, lugar onde havia travado muitos conhecimentos literários. Também não criticaria o governo ou a figura do imperador D. Pedro II, o qual sempre o ajudara, nomeando-o, quando de volta ao Brasil, professor de latim e história do Colégio Pedro II e agraciando-o com o hábito de Cavaleiro da Ordem da Rosa, incumbido de efetuar várias pesquisas para o Governo. Não seria interessante estremecer suas relações com os portugueses, até mesmo devido a sua origem portuguesa. Já Alencar, indispôs-se com D. Pedro II ao ser preterido para o cargo de senador. Apesar disso, não condenaria o governo em suas obras, mantendo seus ressentimentos em âmbito pessoal.

Pelo lado materno de Gonçalves Dias, o índio aflorava em sua veia poética, reivindicando um lugar de destaque na literatura brasileira. Esse índio, representado por ele, não é aquele cavaleiro medieval pagão, que se submeteria a grandes sacrifícios pelo amor de uma européia. Os índios de Denis e Alencar sim, eram capazes dos maiores sacrifícios apenas para agradar às suas damas. Em *I-Juca Pirama,* o índio também se sacrificaria, entretanto, o objeto de sua devoção era seu pai, seu poema se restringe à abordagem do amor filial, seu índio mostra aos leitores sua vida diária, com seus costumes e necessidades, com suas batalhas travadas com inimigos também silvícolas. É uma *luta entre iguais*, não o *massacre* provocado pelos

europeus devido à superioridade de suas armas, e em nome do progresso, da religião e da civilização.

Gonçalves Dias deseja enaltecer os elementos naturais sem compará-los aos estrangeiros; ele não compara uma tribo com outra, nem com os conquistadores, apenas relata o modo de vida selvagem, com seus costumes e lendas.

A natureza, em *I-Juca Pirama,* apresenta-se, inicialmente, agradável e acolhedora. Quando o velho Tupi profere sua maldição contra o filho, ele a conclama a tornar-se completamente inóspita ao índio *covarde*:

> Que a teus passos a relva se torre;
> Murchem prados, a flor desfaleça,
> E o regato que límpido corre,
> Mais te acenda o vesano furor;
> Suas águas depressa se tornem,
> Ao contato dos lábios sedentos,
> Lago impuro de vermes nojentos,
> Donde fujas com asco e terror! (p. 97-98)

Quando o índio se mostra digno, recebe tudo o que necessita da natureza, reforçando a idéia de "paraíso perdido", exposta pelos viajantes europeus; sendo indigno, será por ela punido com grandes obstáculos, dificultando sua sobrevivência.

Gonçalves Dias inovou na forma de sua poesia, fugindo, propositadamente de algumas regras de gramática e de versificação utilizadas pelos escritores da época e servindo-se de elementos brasileiros para construir *sua* literatura brasileira. Seguiu,

portanto, os *ideais* apregoados no *Résumé*, por Ferdinand Denis, do qual era amigo pessoal.

Alencar e Gonçalves Dias se assemelham ao utilizarem o aborígene brasileiro como herói nacional, e ao exaltarem a natureza tropical em todo o seu esplendor e grandiosidade. Entretanto, Alencar coloca seu *índio ideal* convivendo com os colonizadores, enquanto o de Gonçalves Dias limita-se a relações entre silvícolas, pertencentes a outras tribos, porém indígenas. Os conflitos vividos por seus *índios ideais* também diferem entre si. Os de Alencar, originados pelo contato com os brancos; os de Gonçalves Dias, oriundos das rivalidades tribais.

Pode-se dizer que *I-Juca Pirama*, de Gonçalves Dias se adequava ao *modelo* de como deveria ser a literatura brasileira, na opinião de Denis, isto é, uma literatura *inspirada* em fontes próprias.

Os brasileiros, segundo Denis, agraciados com uma exuberante natureza, poderiam utilizá-la em suas obras, exaltando-a. Em seu poema, Gonçalves Dias exalta a natureza, inclusive por ela ter o poder de transformar-se. Denis, n'*Os Maxacalis* também revela esse poder transformador da natureza, que se altera diante do olhar dos índios, ao ser profanada por eles, que tentavam dilapidar suas riquezas para oferecerem aos europeus. A natureza, no poema, retrata os sentimentos das personagens, transformando-se juntamente com as alterações das emoções vivenciadas pelas mesmas.

Ferdinand Denis exaltava os índios brasileiros, como dignos representantes de uma raça corajosa e guerreira. Entretanto, o índio que ele exaltava não era propriamente o indígena brasileiro. Ele modificou, segundo os padrões estéticos europeus, a personalidade e as

ações deste personagem. Com base em uma figura real, utilizada como esboço, Denis constrói o *seu* índio, habitante das selvas mas, que se comporta, por várias vezes, como os europeus. Estes comportamentos podem ser observados, por exemplo, quando o autor coloca o próprio índio exaltando as benesses da agricultura, e vendo-a como único meio possível de garantir a subsistência da tribo. Acreditava o francês, porém, que os brasileiros deveriam utilizar os aborígenes como seus heróis nacionais. Em *I-Juca Pirama,* o jovem Tupi é o herói escolhido por Gonçalves Dias, corajoso, valente, capaz dos mais elevados sacrifícios por amor a seu pai. Todos os personagens do poema são índios, não há nenhum europeu. São relatados o dia-a-dia dos aborígenes, suas lutas e costumes, sob a perspectiva de um silvícola, entretanto, as falas presentes no mesmo, não são típicas de índios, e sim de civilizados. As lutas travadas pelos índios de Gonçalves Dias são disputas por territórios e caças entre os próprios aborígenes. Estes permanecem equilibrados, uma vez que não existe a superioridade bélica, lutam em igualdade de condições.

Gonçalves Dias coloca duas tribos em seu poema: os Tupi, representados pelo jovem guerreiro e seu velho pai; e os Timbira, na figura de uma tribo inteira. As duas tribos apresentam-se niveladas, não sendo apontada nenhuma diferença de *grau de civilidade*, como ocorre nas obras de Alencar e Denis. Alencar também utiliza duas tribos em *O Guarani*, os Guarani, representados brilhantemente por Peri, como mais *civilizados* que os Aimoré, colocados como rudes e grosseiros, verdadeiros *animais*, principalmente por praticarem rituais antropofágicos. Em *I-Juca Pirama* apesar do fato de os timbiras praticarem o ritual, não aparecem como animais, e sim no mesmo nível

Inst. de Biociências, Letras e Ciências Exatas - UNESP
BIBLIOTECA
S. J. Rio Preto
T 1389/05

dos tupis. Denis cita várias tribos, enfatizando a maior *civilidade* dos Maxacali em detrimento da ferocidade apresentada pelos Botocudo, representados como verdadeiros selvagens, igualados aos "animais" ferozes das florestas. Das três obras, apenas no poema de Gonçalves Dias não há a utilização de medições de comportamentos civilizados para classificar os índios.

Ferdinand Denis acreditava que Santa Rita Durão não tenha aproveitado devidamente o heroísmo da índia Paraguaçu, em *Caramuru*, e com relação ao *Uraguai*, elogia Basílio da Gama pela exaltação das qualidades de seu índio. Pode-se perceber que o francês conclamava os brasileiros a transformarem seus índios nas personagens mais importantes de suas obras, *protagonistas* da história do Novo Mundo. Já Gonçalves Dias, ofereceu aos índios brasileiros lugar de destaque, colocando-os não só como protagonistas, enaltecendo suas qualidades, mas como os únicos personagens de *I-Juca Pirama*, chamando toda a atenção dos leitores para os *filhos da selva*, legítimos heróis nacionais do Novo Mundo.

Os heróis de Alencar e Denis, convivendo com os europeus acabam por perder um pouco de suas características próprias, assemelhando-se aos cavaleiros medievais, homens capazes dos maiores sacrifícios por sua amada donzela. O herói de Gonçalves Dias não adquire essa tênue civilidade, luta apenas para sobreviver e manter seu pai vivo. Também é nobre, entretanto sacrifica-se por amor a seu pai, e não à uma dama inatingível. Esse sacrifício será recompensado, seu pai ficará a salvo na tribo inimiga, pois os índios respeitam a sabedoria dos velhos guerreiros, que lutaram segundo seus costumes, honrando sua nação. Peri, de uma certa maneira, consegue atingir seu objetivo,

salvando Cecília. Já o herói de Denis, enfrenta todos os sacrifícios, e sua única recompensa é a expectativa de um encontro com sua amada, numa outra vida. Seu objetivo não foi alcançado, e o pobre índio transformou-se em uma pessoa triste e deslocada, hesitando entre as benesses da civilização e os costumes e tradições indígenas. Não consegue mais se adequar nem à vida selvagem, e muito menos à civilizada. O índio de Gonçalves Dias é poupado desse drama de consciência, de não mais se sentir confortável em sua vida. Ele não é exposto à civilização, por isso permanece fiel às suas tradições, não se importando com as diferenças existentes entre as culturas.

Gonçalves Dias distingue-se dos demais poetas românticos brasileiros por seu conjunto de traços formais e temáticos. Sua semelhança com os demais autores da 1ª geração está "em seu estilo, o apego à harmonia clássica, herdada dos poetas árcades e dos principais românticos portugueses; junto ao seu intuito nacional" (PEREIRA, 1984, p. 13). Difere do mesmo grupo pela "riqueza de expressão e originalidade" (idem, ibidem), o que o aproxima dos poetas da 2ª geração. Afastando-se desses pela "ausência de pessimismo e por sua deliberada resistência à intemperança sentimental, que se aliam às virtudes da estética quinhentista da elegância e do decôro." (ibidem). Ou seja, ele é o "único poeta romântico que consegue aliar, em grande parte de sua obra, o rigor e o vigor, a expressão do sentimento e o equilíbrio da expressão". (ibidem). Contribuiu, assim, com a *formação* da literatura brasileira, demonstrando em suas poesias um grande afeto pela pátria, e tentando repassar esse sentimento aos seus leitores, mostrando *o quanto* os brasileiros deveriam se orgulhar do Brasil.



V. JOSÉ DE ALENCAR E FERDINAND DENIS.

Seguindo a sugestão de Ferdinand Denis, José de Alencar também erigiu o índio brasileiro em herói nacional. As inovações, demandadas pelo novo anseio literário, que visava demonstrar a independência política do Brasil, também na literatura, exigiam um novo modelo, distinto do português. Utilizando o índio como herói, divergia-se do modelo europeu, que apresentava o cavaleiro medieval como um herói bélico, aventureiro, conquistador, empenhado em arriscar sua própria vida por sua pátria. O indígena também era guerreiro, mas limitava-se a combater as tribos inimigas arriscando-se por suas tradições, desprovido do espírito desbravador do europeu. Lutavam por território e comida, submetendo-se muitas vezes ao colonizador, iludidos por seus discursos e presentes, ou submetidos à força por suas armas.

Ferdinand Denis, em *Os Maxacalis*, traz como protagonista um chefe indígena. Em *O Guarani*, José de Alencar coloca como protagonista Peri, índio da tribo dos guaranis, a personificação, no silvícola americano, do herói medieval europeu.

Denis, já em 1826, aconselhava os brasileiros a aproveitarem a exuberância e diversidade oferecidas pela natureza

tropical, utilizando seus elementos para a composição de obras genuinamente brasileiras. Em uma nota de rodapé, da obra *Ubirajara,* Alencar menciona o francês Ferdinand Denis, o que comprova seu conhecimento acerca do brasilianista e sua obra.

> Os tupis eram muito dados à música e à dança.
> Léry fala com entusiasmo da doçura de seus cantos; e Ferdinand Denis, p. 24, afirma não sei com que fundamento que à imitação dos Chataws da América do Norte, certas nações do Brasil gozavam do privilégio de fornecer poetas e músicos aos outros povos, como sucedera com os tamoios entre os tupis. (ALENCAR, 1960, v. III, p. 346)

Quando se encontrava em São Paulo, terminando os estudos preparatórios para a Faculdade de Direito, Alencar se deparou com novos títulos, com os quais nunca tinha tido contato. Naquela época, o acesso aos livros era mais restrito, devido à dificuldades de comunicação do Brasil com a Europa; muito onerosos, constituíam verdadeiro *artigo de luxo*. Ao ir morar com um grupo de estudantes, Alencar teve a oportunidade de usufruir dos acervos de seus colegas. Foi desta maneira que ele teve os primeiros contatos com a obra de Balzac, enfrentando grande dificuldade para compreender a língua francesa. Travou sua batalha e, armado de um dicionário, leu alguns dos romances do autor da *Comédia Humana*. Aventurou-se nas leituras de Alexandre Dumas, Alfredo de Vigny, Chateaubriand e Victor Hugo, estes já com várias obras traduzidas.

Encontrou na escola francesa, o modelo literário pelo qual ansiava. Além da aquisição de novos conhecimentos por meio da leitura dessas obras, Alencar teve a oportunidade de participar de *serões literários* promovidos pelo grupo de estudantes com quem fora morar. Essas palestras foram uma fonte a mais, juntamente com as aulas de filosofia e de história do curso preparatório a *formar* a sua consciência literária. Em 1846 funda, juntamente com seus amigos do curso jurídico, a revista *Ensaios Literários,* a fim de manter seus contatos com a literatura.

Em 1856, Alencar lançou seu primeiro livro, *Cinco minutos*, no *Diário do Rio de Janeiro*, do qual era redator chefe. *O Guarani* saiu, pela primeira vez, também como uma série de folhetins do jornal, em 1857.

Segundo Antonio Candido, no 2º volume da *Formação da literatura brasileira*, *O Guarani* "realiza talvez com maior eficiência a literatura *nacional*, americana, que a opinião literária não cessava de pedir" (1964, p.221). Parecia haver, na opinião do crítico, toda uma expectativa em relação a conveniência do surgimento de um romance de características essencialmente brasileiras. Candido afirma, neste sentido, que Alencar foi o único escritor da literatura brasileira a criar um mito heróico, configurado em Peri. Utilizou o modelo de *índio ideal* elaborado por Gonçalves Dias, ou seja, um silvícola nobre e generoso, capaz de grandes sacrifícios por amor. Esse índio não pratica as selvagerias dos rituais antropofágicos, mostra-se um verdadeiro cavalheiro europeu, detentor de inúmeras virtudes, praticamente sem defeitos. O índio idealizado de Alencar, confrontado com a realidade, mostra-se o representante de uma raça heróica, arraigada nos tempos

lendários, origem da nação brasileira. Aponta, ainda, Candido, o "trabalho de visualização, compondo uma atmosfera de cores, formas e brilhos para celebrar a poesia da vida americana" (ibidem, p.233), presentes n'*O Guarani*.

Em *A literatura no Brasil*, Afrânio Coutinho afirma que o indianismo, em Alencar, estava "estreitamente relacionado com a restauração do mito da infância e do retorno à inocência infantil" (1969, p.25), o que corrobora o pensamento que vigorava à época do início do Romantismo, ou seja, o Novo Mundo encontrava-se na *infância*, tendo um longo caminho a percorrer até atingir a *idade adulta*. Sobre *O Guarani*, Afrânio Coutinho afirma ser um romance bem feito que apresenta uma "sólida estrutura e mesmo ousada arquitetura" (ibidem, p.254), a permitir a afirmativa de que Alencar era "um romancista senhor do seu ofício, dono de uma técnica que não fora antes revelada e, mesmo depois, só seria ultrapassada por Machado de Assis" (ibidem). *O Guarani* traz o "mito do bom selvagem, da pureza do americano, em contraste com a rudeza e ambição desenfreada e sem escrúpulos do branco europeu" (ibidem, p.260).

Alfredo Bosi, em *História concisa da literatura brasileira*, afirma que o "Brasil ideal de Alencar seria uma espécie de cenário selvagem onde, expulsos os portugueses" (1970, p.138), viveriam os brasileiros, num mundo parecido com a "Europa pré-industrial, mas regenerada pela seiva da natureza americana" (ibidem, p.139), clara influência de Chateaubriand no espírito desse paisagista e pintor das letras brasileiras.

José Veríssimo, em *História da literatura brasileira*, afirma que a vontade persistente de Alencar em promover uma literatura

nacional e o esforço empregado para alcançar esse fim fizeram de *O Guarani*, romance indianista que mostra o conflito entre o povo invasor e os silvícolas em seu estado primitivo, ou convivendo com os colonizadores e a exuberância da natureza brasileira; uma obra muito importante, garantindo ao autor um lugar na história da literatura brasileira.

José de Alencar nas cartas sobre *A confederação dos Tamoios*, escritas para comentar o poema de Gonçalves de Magalhães, insiste no fato de o poeta não ter dado o devido tratamento ao índio e à natureza brasileira.

> A pintura da vida dos índios não tem, na minha opinião, a menor beleza; uma página de um viajante qualquer a respeito da vida nômade do deserto é mais cheia dessa poesia da liberdade selvagem do que a parte do poema a que me refiro.
> Demais, o autor não aproveitou a idéia mais bela da pintura; o esboço histórico dessas raças extintas, a origem desses povos desconhecidos, as tradições primitivas dos indígenas, davam por si só matéria a um grande poema, que talvez um dia alguém apresente sem ruído, sem aparato, como modesto fruto de suas vigílias. (ALENCAR, 1960, p. 865-866)

Tais observações já podiam ser encontradas nos escritos de Denis, que aconselhava o aproveitamento dos "elementos brasileiros" em obras de autores nacionais,

> Os americanos não têm feito sempre sentir em suas produções o influxo da natureza que os inspirou; antes da Independência, parecia até pretenderem olvidar a própria pátria para pedir à Europa um quinhão da sua glória. Agora, que têm necessidade de fundar sua literatura, repito: ela deve ter caráter original. (DENIS, 1968, p. 50)

Para Alencar, a pintura que Magalhães faz da vida selvagem é sem beleza, vista por um homem civilizado, quando deveria ser relatada do ponto de vista do filho da natureza. Afirma, também, que a causa da ação do poema é imprópria pois, nos grandes poemas as causas devem ser "um grande infortúnio, ou um sentimento poderoso como a nacionalidade e a religião, ou um acontecimento importante como a descoberta de um novo mundo" (1960, p.867), e não um fato trivial.

Compara as imagens fornecidas por Magalhães com as de Chateaubriand, uma vez que, para ele, o autor francês era tido como guia e exemplo perfeito de como deveriam ser *aproveitados literariamente* a exuberante natureza tropical e seus elementos. Partindo dessa comparação, Alencar demonstra seu exíguo aproveitamento pelo autor brasileiro. As descrições não transmitem, em sua opinião, o *calor* dos trópicos; ao contrário, são frias, ignorando a diversidade de cores e traços presentes na natureza, que, bem aproveitadas, poderiam transformar-se em verdadeiros quadros. Critica, também, a reiteração ou o prolongamento desnecessário de certas imagens, o que acaba por proporcionar um efeito oposto ao desejado pelo autor. Alencar ansiava por novidades, pedia um *novo* modo de ver e descrever o Novo Mundo.

Segundo ele, Gonçalves Dias teria sido o primeiro a ver a *verdadeira* natureza brasileira e seus elementos, apesar de ainda não tê-la representado de modo ideal. Alencar pregava a necessidade de um distanciamento com relação ao objeto observado, o que propiciaria uma visão abrangente. Esse distanciamento proporcionaria ao observador uma imagem do todo, uma vez que a natureza, na sua grandiosidade, não poderia ser *recortada*. Todos os seus elementos teriam, segundo ele, uma função; o recorte prejudicaria a compreensão e o devido aproveitamento do conjunto majestoso da natureza tropical.

Ressalta ainda, Alencar, a utilização aleatória de alguns vocábulos indígenas e citações de costumes indígenas por parte de vários autores, os quais acreditavam que, dessa maneira, estavam explorando a literatura nacional.

Nas cartas, publicadas um ano antes do surgimento d'*O Guarani*, Alencar manifestava-se não apenas em relação à obra de Gonçalves de Magalhães mas, também em relação a outros autores que, segundo ele, não utilizavam a matéria-prima brasileira em seus escritos. Comparando-a a obras de grandes autores como Chateaubriand e Cooper, apontava-lhe certa inferioridade.

> Em tudo pois há poesia, contanto que se saiba vibrar as cordas do coração, e fazer cintilar esse raio de luz que Deus deixou impresso em todas as coisas, como o cunho de seu poder criador; em tudo há o *belo*, que não é outra coisa senão o reflexo da divindade sobre a matéria.
> Mas aqueles que até hoje têm explorado a literatura nacional, em vez de procurar o belo nas coisas, julgam que o acham em

> duas ou três palavras indígenas, em uma meia dúzia de costumes selvagens; e atiram aos leitores essa palavra e esse costume, deixando a cada um a liberdade de ir procurar na sua imaginação a poesia que oculta esse *mito* indecifrado da literatura pátria. (ALENCAR, 1960, p. 886)

Pode-se perceber nessas cartas, prenúncios do que viria a ser *O Guarani*. Aquilo que Alencar sugeria a Magalhães e aos demais autores brasileiros, e que também já havia sido sugerido por Ferdinand Denis em 1826, no *Résumé*, ele mesmo tentou fazer, no ano seguinte, no romance *O Guarani*.

Apresentou o *índio ideal* como herói de seu romance, cujo cenário era a exuberante floresta tropical. Com seu herói, Alencar criaria uma ascendência digna para o povo brasileiro, equiparável à dos reis europeus. Apesar de "selvagem", o índio idealizado por Alencar demonstra nobreza de caráter e sentimentos dignos de verdadeiros cavalheiros. Essas características emprestadas dos europeus tornariam o silvícola superior, propiciando-lhe um elemento distintivo em relação aos seus companheiros. Dessa maneira, ele seria elevado não apenas em relação às tribos inimigas (aimorés, por exemplo), mas também na equiparação com os índios de sua própria tribo. Como o rei se distingue de seus súditos, do mesmo modo o índio ideal se destacaria de seus companheiros.

Mais tarde, ainda em 1857, Alencar vê-se constantemente criticado por um jovem brasileiro recém chegado da França: Joaquim Nabuco.

Trava-se uma *verdadeira guerra* entre ambos, nas folhas do jornal *O Globo*. Nabuco investe ferozmente contra Alencar, em relação à toda a sua obra. Procura defeitos em todos os seus escritos, visando atingir a pessoa do escritor. Entretanto, todas as críticas de Nabuco são neutralizadas por Alencar que, pacientemente, responde às suas queixas. Alencar demonstra o sentimento de dependência das coisas européias que Nabuco, e uma grande parcela do público brasileiro, insistiam em conservar. Mostra que o *seu* público leitor está preparado para a *brasilidade*, enquanto grande parcela da sociedade brasileira se ocupa apenas com o que vem *de fora*, desprezando os valores efetivamente nacionais.

Nabuco tenta destruir cada livro de Alencar, ridicularizando-os todos e mostrando trechos contendo "erros", que, na verdade, são "fabricados" pelo crítico em suas citações, transcritas em fragmentos ardilosamente arranjados, com o fito de desmoralizar Alencar. Seus argumentos prendem-se a conhecimentos anatômicos, farmacêuticos, arquitetônicos etc, demandando dos leitores amplos conhecimentos nas mais diversas áreas.

Alencar responde a todos os seus artigos, refutando-os. Demonstra, nos próprios autores citados por Nabuco como exemplares, os defeitos a ele atribuídos, expondo aos leitores a incongruência das opiniões do jovem folhetinista.

Em *Como e porque sou romancista* (1955), Alencar traça um panorama de sua carreira literária, contando como começou a se interessar por novelas, em sua infância, e a partir destas, por romances. Afirma que ao voltar em viagem ao Ceará não se cansou de admirar as cenas da natureza. Também ali, entregou-se aos prazeres da leitura,

"devorando" os romances de Walter Scott, Cooper, Capitão Marryat; completando ainda o que faltava de Alexandre Dumas e Balzac, e ainda Arlincourt, Frederico Soulié, Eugène Sue, e outros com que se deparava.

Afirma Alencar, em *Como e porque sou romancista*, ter utilizado, na redação do romance, apenas notas de seus "estudos sobre a natureza e os indígenas do Brasil" (1955, p.58) e, não ter cedido, portanto, a sugestões estrangeiras. Tenta demonstrar assim, por meio dessa afirmação, que seu livro não era imitação de Cooper ou Chateaubriand, conforme sugeriu certa crítica, mas um romance criado com base em informações adquiridas em suas pesquisas sobre os índios brasileiros. Ou seja, Alencar acredita não imitar os autores estrangeiros, mas sim utilizar elementos próprios do Brasil, descobertos em sua *garimpagem* por diversas obras que compunham sua fonte investigativa, tais como as de Silva Lisboa, Varnhagen, Gumilha, Gabriel Soares, Aires do Casal, Fr. Veloso, Saint-Hilaire, Simão de Vasconcelos, Lamartinière, Humboldt, Dr. Sigaud, obras que *estudavam* o clima, a natureza e os elementos nativos do Brasil, misturando informações científicas observadas com fatos ficcionais e fantasiosos.

Com relação às reminiscências de Chateaubriand em sua obra, apontada pela crítica, afirma que o autor francês realmente constituía um modelo para a poesia americana, mas que seu mestre teria sido a "esplêndida natureza" (1955, p.58) que o envolvia, e, particularmente, a "magnificência dos desertos" (ibidem) que percorrera em sua adolescência. Sua vivência é utilizada aqui como argumento de convalidação da veracidade de seus textos. Tal afirmação acaba corroborando o pensamento expresso por Ferdinand Denis, em 1826, que era o de deixar a esplêndida e exuberante natureza ser o guia da

inspiração poética dos brasileiros, levando-as a libertarem-se do modelo europeu, inadequado para uma realidade tão diversa.

Justifica a proximidade d'*O Guarani* com as obras de Cooper e Chateaubriand, pela semelhança dos fatos históricos ali apontados, ou seja, o período de conquistas, no qual a raça invasora destrói a raça indígena, não constituindo seu texto, portanto, mera imitação. Ressalta diferenças ao comparar a obra de Cooper à sua, por exemplo, o tratamento lírico e a ênfase sobre a exuberância da natureza brasileira, face à singeleza e parcimônia do romancista americano. Acentua, ainda, a dessemelhança entre seu índio, um ideal poetizado, despido "da crosta grosseira de que o envolveram os cronistas" (1955, p.60), e arrancado do ridículo "que sobre ele projetavam os restos embrutecidos da quase extinta raça" (ibidem), e o de Cooper, apresentado sob um aspecto vulgar, visto de forma realista.

Exaspera-se, Alencar, ao comentar um anúncio, no *Correio Mercantil*, sobre a publicação de *Calabar*, obra portuguesa, apresentada como "uma primeira lição do romance nacional dada aos escritores brasileiros" (ibidem, p.63), que ignorava completamente o fato de que ele, Alencar, ex-redator, já havia "estreado nessa província literária" (ibidem), a do romance indianista, dois anos antes. Mendes Leal, em seu prefácio, supunha que todos os elementos brasileiros eram desconhecidos pelos romancistas, mostrando-se seu *descobridor*. Entretanto, o *Correio Mercantil,* que publicara em 1857 *O Guarani*, simplesmente ignorava sua própria publicação, para colocar como inaugural o livro de um português, quando o outro, certamente *mais brasileiro*, já havia mostrado o caminho aos romancistas pátrios.



No final de *Como e porque sou romancista*, Alencar critica o tratamento dado aos escritores brasileiros, os obstáculos a serem superados para publicar um livro, assuntos que são retomados em *Benção paterna*, prefácio dos *Sonhos d'ouro*, publicado em 1872. Neste prefácio, o autor comenta as dificuldades encontradas para utilizar os elementos originários do Brasil, as relações que cercavam a crítica literária da época, variável segundo bajulações e interesses predominantes da elite política. Alencar, entretanto, era favorável à expansão da literatura nacional, o que significava o abandono do modelo português: "A literatura nacional que outra cousa é senão a alma da pátria, que transmigrou para este solo virgem com uma raça ilustre, aqui impregnou-se da seiva americana desta terra que lhe serviu de regaço, e cada dia se enriquece ao contato de outros povos e ao influxo da civilização? (1960, p.697, v.IV)". Mais uma vez, pode-se encontrar ecos do pensamento de Ferdinand Denis expressos nas palavras alencarianas.

Alencar aponta uma divisão da literatura nacional, baseando-se notadamente em sua obra, a fim de justificar as diferenças apresentadas na utilização dos elementos brasileiros. Em sua opinião, a literatura brasileira se dividiria em três fases: primitiva, histórica (na qual, segundo ele, se encontra *O Guarani*), e a terceira fase, que iniciada após a proclamação da independência do País, ainda estava se desenvolvendo. Para a elaboração dessa fase fazia-se necessário aproveitar as idéias e costumes originários de outros países, e adequá-los à realidade brasileira, a fim de configurar-se a verdadeira literatura nacional.

Apregoa, no mesmo prefácio, que aos poetas, escritores e artistas cabia a função de "polir o talhe e as feições da

individualidade que se vai esboçando no viver do povo" (ibidem, p.700), almejando a independência literária brasileira: "Tempo virá em que surjam os grandes escritores para imprimir em nossa poesia o cunho do gênio brasileiro, e arrancando-lhe os andrajos coloniais de que andam por aí a vestir a bela estátua americana, a mostrem ao mundo, em sua majestosa nudez" (ibidem).

Realça a recusa dos portugueses em aceitar a literatura brasileira, e ressalta que ele, Alencar, jamais cederia aos anseios dos críticos, e não produziria literatura decalcada do modelo europeu. A influência européia a ser evitada era notadamente, a portuguesa. Assim, novamente concordando com Denis, Alencar julgava necessário proclamar a independência literária do Brasil, o que significava romper todos os laços que poderiam produzir qualquer tipo de dependência. Denis, como já visto, utilizou a *cor local* e os elementos brasileiros n'*Os Maxacalis*, entretanto, apresentou-os através da ótica de um francês, o que os adequava de forma, talvez mesmo inconsciente, ao gosto europeu, um gosto oriundo da França de Chateaubriand, e não de Portugal, por isso aceitável aos padrões de Alencar.

Alencar encerra seu prefácio acentuando a diferença existente entre o povo brasileiro e o europeu, que deve, em sua opinião, necessariamente, ser respeitada também na literatura.

Sua percepção da natureza americana aparece pela primeira vez n'*O Guarani*, publicado entre os meses de fevereiro e abril de 1857. Foi um trabalho árduo, pois Alencar tinha sob sua responsabilidade a administração do *Diário do Rio de Janeiro*. Dividia-se entre seus afazeres quotidianos e a escrita do capítulo que deveria sair a cada dia. Seu intuito, ao escrevê-lo, era colocar em prática os conselhos

expressos, por ele mesmo, nas *Cartas sobre a confederação dos Tamoios*.

O Guarani apresenta aos brasileiros um índio, da tribo dos guaranis, como um herói. Peri é o *índio ideal*, de caráter nobre e generoso, capaz dos mais altos sacrifícios para assegurar a felicidade de Cecília. A donzela portuguesa, filha do fidalgo D. Antônio de Mariz, é vista, a princípio, como uma divindade pelo silvícola, que não poupa esforços parra satisfazer seus menores desejos. O índio abandona sua tribo, da qual era o chefe, para dedicar-se exclusivamente à sua senhora. A tranqüilidade da família é ameaçada duplamente. O filho do fidalgo, D. Diogo, mata uma índia aimoré acidentalmente, o que provoca a ira desta terrível tribo. Ao mesmo tempo em que a família de D. Antônio se prepara para um eventual ataque indígena, um motim entre os aventureiros, serviçais do fidalgo, liderado por Loredano, ex-frade italiano que se encontra infiltrado no grupo a fim de arregimentar aventureiros para o seguirem em busca de um tesouro. A família, obrigada a se defender dos dois grupos, passa por momentos muito difíceis. A verdadeira identidade de Loredano é descoberta, ele é preso e os aventureiros decidem guerrear ao lado de D. Antônio. Mas, apesar dos esforços, a batalha parece perdida. Quando os aimorés chegam à casa, D. Antônio explode sua reserva de pólvora, transformando o lugar numa imensa cratera. Cecília é salva por Peri, mas toda a sua família perece na batalha. Para poder salvá-la, Peri deve fazer ainda um último sacrifício, abandonar os deuses de sua tribo e tornar-se cristão, o que faz sem hesitar. No caminho para sua tribo, Peri e Cecília ficam expostos a uma grande tempestade, que alaga toda a floresta. O índio, com um esforço extraordinário, arranca a palmeira onde ele havia colocado Cecília, para

que esta lhes sirva de barco e salve suas vidas, numa retomada do mito indígena de Tamandaré, o "Noé" aborígene,

> A cosmogonia de Thevet traz (...) outra versão do dilúvio (...). Essa nova destruição do mundo foi causada por *Tamendonare*, irritado contra seu irmão *Aricoute*, que lhe havia atirado o braço de um inimigo morto. Nesse instante "bateu tão rudemente na terra a ponto de fazer jorrar uma enorme e alta fonte de água, que em pouco tempo cobriu as colinas e oiteiros e parecia ultrapassar a altitude das nuvens". Fugiram os dois irmãos para as montanhas, a fim de escapar à inundação, achando que o melhor refúgio era o cume das árvores. *Tamendonare* subiu, em companhia de sua mulher, ao píncaro de uma palmeira de nome *pindo*, e *Aricoute*, seguido igualmente da sua, trepou em um jenipapeiro. Quando *Aricoute* desejava saber se as águas haviam baixado, lançava, de tempos em tempos, frutos do jenipapeiro ao pé da árvore. Depois foi a terra repovoada pelos dois manos. (MÉTRAUX, 1979, p. 31)

O drama central deste romance encontra-se na relação do silvícola com a européia.O sentimento que, no início, é de devoção, transforma-se em amor. Cecília, ao conhecer Peri, o teme e despreza. Com o tempo, aprende a respeitar a devoção do índio, tendo-o como seu *escravo*. Com as aflições das batalhas, seu sentimento se transforma em amizade. Após perder sua família, e ver o índio em seu ambiente natural, a amizade se torna amor.

Como dramas secundários são mostrados vários tipos de relacionamentos dos brancos com os indígenas. O fidalgo e sua filha, Cecília, demonstram admiração e respeito por Peri, uma vez que o índio arriscou sua própria vida para salvar a moça. D. Antônio, não fugindo do olhar etnocêntrico característico do século XIX, reconhece em Peri "um cavaleiro português no corpo de um selvagem" [89] (p. 45) e "via nele embora selvagem, um homem de sentimentos nobres e de alma grande" (p. 67). A esposa do fidalgo, D. Lauriana, despreza o índio. D. Diogo, filho do fidalgo, e Sr. Álvaro, apaixonado por Cecília, admiram a sua destreza e coragem, respeitando-o. D. Isabel, filha bastarda de D. Antônio com uma índia, odeia Peri por lembrar-lhe sua origem. Ela sofre por sentir que não pertence à nenhuma das duas raças, sendo desprezada pelos brancos, por causa de sua cor, e pelos índios, por ser filha de seus algozes. As relações amorosas mantidas pelos portugueses com as índias propiciavam uma angústia muito grande às pessoas nascidas dessas uniões, como se pode observar nessa fala de Isabel:

> - Sabeis o que eu sou; uma pobre órfã que perdeu sua mãe muito cedo, e não conheceu seu pai. Tenho vivido da compaixão alheia; não me queixo, mas sofro. Filha de duas raças inimigas devia amar a ambas; entretanto minha mãe desgraçada fez-me odiar a uma, o desdém com que me tratam fez-me desprezar a outra. (p. 146)

[89] Todas as citações de *O Guarani* foram retiradas do livro de José de Alencar, 22.ed, São Paulo: Ática, 1998.

Os aventureiros respeitam Peri em obediência ao fidalgo. Todos esses sentimentos são expostos no decorrer do romance.

A cupidez do branco também é demonstrada no texto. Um frade, em vista de um mapa do tesouro, transforma-se em um bandido, capaz dos atos mais sórdidos para conseguir o que deseja.

Costumes de algumas tribos, como a dos Aimorés, são abordados, referindo-se o autor, a estes índios como "povo sem pátria e sem religião, que se alimentava de carne humana e vivia como feras, no chão e pelas grutas e cavernas" (p. 76); assim como as constantes guerras entre os índios e os colonizadores, ou entre tribos inimigas.

O lugar no qual se passa a história é bem definido, nas florestas do interior do Rio de Janeiro, às margens do rio Paquequer. O fidalgo português, D. Antônio de Mariz, constrói um grande solar, protegido pelos acidentes naturais do relevo,

> (...) via-se à margem direita do rio uma casa larga e espaçosa, construída sobre uma eminência, e protegida de todos os lados por uma muralha de rocha cortada a pique.
> A esplanada, sobre que estava assentado o edifício, formava um semicírculo irregular que teria quando muito cinqüenta braças quadradas; do lado do norte havia uma espécie de escada de lajedo feita metade pela natureza e metade pela arte. (p. 16)

unesp

Além dos obstáculos geográficos, um bando de aventureiros, seguindo as ordens do fidalgo, auxiliavam na proteção do lugar e da família.

D. Antônio é nobre, generoso e exerce grande influência em seus homens,

> (...) fidalgo português de cota d'armas e um dos fundadores da cidade do Rio de Janeiro. Era dos cavalheiros que mais se haviam distinguido nas guerras da conquista, contra a invasão dos franceses e os ataques dos selvagens.
> Em 1567 acompanhou Mem de Sá ao Rio de Janeiro, e depois da vitória alcançada pelos portugueses, auxiliou o governador nos trabalhos da fundação da cidade e consolidação do domínio de Portugal nessa capitania.
> Fez parte em 1578 da célebre expedição do Dr. Antônio de Salema contra os franceses, que haviam estabelecido uma feitoria em Cabo Frio para fazerem o contrabando de pau-brasil. (p. 18)

Ele representa uma figura positiva do colonizador, visto por Alencar com extrema simpatia. Com sua nobreza e generosidade, justifica-se sua *superioridade* em relação aos indígenas e aos aventureiros. Portador de grandes virtudes, não apresenta defeitos, legitimando, dessa maneira, sua posição de colonizador como redentor dos indivíduos que lhe são *inferiores*. Alencar transforma a figura do colonizador em um benfeitor, que procura apenas ajudar aos índios e aos aventureiros. Nem mesmo o fato de ele ter consigo uma filha bastarda é

encarado sob a ótica de um defeito em sua moral. Todos os seus atos sempre são movidos pelos motivos mais nobres, sendo justificadas todas as suas ações. Ele é casado com D. Lauriana, uma senhora muito religiosa, mas cheia de preconceitos, que se volta contra Peri pelo fato de ele ser índio, e, portanto, pagão.

> Quanto ao moral, já dissemos que era uma mistura de fidalguia e devoção; o espírito de nobreza que em D. Antônio de Mariz era um realce, nela tornava-se uma ridícula exageração.
> No ermo em que se achava, em lugar de procurar desvanencer um pouco a distinção social que podia haver entre ela e os homens no meio dos quais vivia, ao contrário, aproveitava o fato de ser a única dama fidalga daquele lugar para esmagar os outros com a sua superioridade, e reinar do alto de sua cadeira de espaldar, que para ela era quase um trono. (p. 40)

Demonstra Alencar, através dessa nobre senhora, a importância atribuída à religião, justificando a *conversão* dos indígenas, e o extermínio de sua cultura, a fim de "civilizá-los". O casal tem dois filhos, D. Diogo, que segue as lições de seu pai, e Cecília, uma jovem meiga e encantadora, vista por Peri como "Nossa Senhora". Vendo em Cecília a imagem de "Nossa Senhora", Peri se submete a todas as suas vontades. É a "conversão" do silvícola à religião cristã, antes mesmo de conhecê-la. Alencar mais uma vez, justifica os atos do processo colonizador como um modo de resgatar as almas pagãs, ocultando de seus leitores os verdadeiros procedimentos utilizados pelos

unesp

catequisadores e colonizadores. Ele afirma, portanto, uma submissão voluntária do indígena ao colonizador, personificado em uma figura angelical.

> Os grandes olhos azuis, meio cerrados, às vezes se abriam languidamente como para se embeberem de luz, e abaixavam de novo as pálpebras rosadas.
> Os lábios vermelhos e úmidos pareciam uma flor da gardênia dos nossos campos, orvalhada pelo sereno da noite; o hálito doce e ligeiro exalava-se formando um sorriso. Sua tez alva e pura como um froco de algodão, tingia-se nas faces de uns longes cor-de-rosa, que iam, desmaiando, morrer no colo de linhas suaves e delicadas.
> (...)
> Os longos cabelos louros, enrolados negligentemente em ricas tranças, descobriam a fronte alva, e caíam em volta do pescoço presos por uma rendinha finíssima de fios de palha cor de ouro, feita com uma arte e perfeição admirável. (p. 32)

Entretanto, essa mesma criatura angelical, às vezes demonstra uma crueldade imotivada no tratamento dispensado a seu servo. E mesmo assim, Alencar se coloca *veladamente* favorável à colonização.

Na casa vivem ainda, D. Isabel, tida como sobrinha de D. Antônio, mas que na verdade, é sua filha, nascida de um relacionamento com uma índia; o cavaleiro Sr. Álvaro, apaixonado por Cecília, e amado por Isabel. Havia, também, o escudeiro e amigo de D. Antônio, Aires Gomes, que cuidava dos aventureiros. Estes eram homens

interessados nas riquezas das florestas, que, em troca de um lugar para morar, ofereciam seus serviços ao fidalgo. Infiltrado neste grupo, encontra-se um italiano, Loredano, a serviço do fidalgo enquanto espera o melhor momento para concretizar seus planos, dentre eles, o de raptar Cecília e torná-la sua amante.

Cecília e Isabel são belezas contrastantes. Cecília, com seus cabelos dourados, olhos azuis e pele branca, produz em Peri, um grande impacto. Ele acredita, na primeira vez em que a vê, estar diante da "Senhora", da qual ele tinha visto a imagem em uma igreja de uma aldeia incendiada pelos índios.

Isabel tem os cabelos negros, olhos escuros e pele bronzeada, mistura de suas origens, européia e indígena, típica brasileira. Odeia Peri, pois ele lhe faz lembrar a raça que quer esquecer. Alencar a descreve como

> (...) o tipo brasileiro em toda a sua graça e formosura, com o encantador contraste de laguidez e malícia, de indolência e vivacidade.
> Os olhos grandes e negros, o rosto moreno e rosado, cabelos pretos, lábios desdenhosos, sorriso provocador, davam a este rosto um poder de sedução irresistível. (p. 33)

O índio Peri é detalhadamente descrito pelo autor:

> Uma simples túnica de algodão (...) apertada à cintura por uma faixa de penas escarlates,

> caía-lhe dos ombros até ao meio da perna, e desenhava o talhe delgado e esbelto como um junco selvagem.
> Sobre a alvura diáfana do algodão, a sua pele, cor de cobre, brilhava com reflexos dourados; os cabelos pretos cortados rentes, a tez lisa, os olhos grandes com os cantos exteriores erguidos para a fronte; a pupila negra, móbil, cintilante; a boca forte mas bem modelada e guarnecida de dentes alvos, davam ao rosto pouco oval a beleza inculta da graça, da força e da inteligência.
> Tinha a cabeça cingida por uma fita de couro, à qual se prendiam do lado esquerdo duas plumas matizadas, que descrevendo uma longa espiral, vinham roçar com as pontas negras o pescoço flexível.
> Era de alta estatura, tinha as mãos delicadas; a perna ágil e nervosa, ornada com uma axorca de frutos amarelos, apoiava-se sobre um pé pequeno, mas firme no andar e veloz na corrida. (p.28).

Alencar apresenta apenas duas tribos em seu romance, a dos guaranis e a dos aimorés. Ele ressalta o caráter agressivo dos aimorés, expresso até mesmo em sua aparência: "(...) um prazer feroz animava todas essas fisionomias sinistras, nas quais a braveza, a ignorância e os instintos carniceiros tinham quase de todo apagado o cunho da raça humana" (p. 218). A expressão "instintos carniceiros" constitui possivelmente uma alusão ao ritual da antropofagia, praticado por várias tribos do Brasil. Referindo-se a esta prática dos aimorés, Alencar denuncia sua visão etnocêntrica herdada da cultura européia. Ele não vê os índios como seres humanos, mas sim como animais ferozes, ferocidade esta expressa inclusive fisicamente em suas fisionomias e

corpos. Aborda, Alencar, o ritual antropofágico dos aimorés, quando Peri elabora um plano audacioso para salvar Cecília e sua família. Conhecedor do costume dos aimorés de fazerem um *banquete* com seus inimigos de guerra, decide se sacrificar, enganando os índios e envenenando-se antes do festim macabro.

> Nenhum traço dos costumes (...) excitou tanto a curiosidade e o interesse dos antigos viajantes como esse de devorarem os índios a seus prisioneiros de guerra. Às perguntas propostas sobre a origem e a finalidade de tão perverso hábito, respondiam os selvagens, invariavelmente, que assim agiam com o fito de vingar a morte de seus pais; era a vingança do sangue o único e exclusivo móvel de suas expedições bélicas, consideradas incompletas se o inimigo não era afinal devorado. (MÉTRAUX, 1979, p. 137)

Peri acreditava que seu corpo envenenado seria capaz de eliminar toda a tribo. Entretanto, seu plano é atrapalhado pelo resgate promovido por Álvaro; a pedido de Cecília, Peri corre a floresta em busca do antídoto que lhe devolve a vida.

O romance é aberto com uma descrição poética do local no qual irá se desenrolar a estória, focalizando principalmente o rio Paquequer:

> (...) Dir-se-ia que, vassalo e tributário desse rei das águas, o pequeno rio, altivo e

> sobranceiro contra os rochedos, curva-se humildemente aos pés do suserano. Perde então a beleza selvática; suas ondas são calmas e serenas como as de um lago, e não se revoltam contra os barcos e as canoas que resvalam sobre elas: escravo submisso, sofre o látego do senhor.
> Não é neste lugar que ele deve ser visto; sim três ou quatro léguas acima de sua foz, onde é livre ainda, como o filho indômito desta pátria da liberdade.
> (...)
> A vegetação nessas paragens ostentava outrora todo o seu luxo e vigor; florestas virgens se estendiam ao longo das margens do rio, que corria no meio das arcarias de verdura e dos capitéis formados pelos leques das palmeiras.
> Tudo era grande e pomposo no cenário que a natureza, sublime artista, tinha decorado para os dramas majestosos dos elementos, em que o homem é apenas um simples comparsa. (p. 15-16)

Nessa descrição do rio, Alencar mostra aos leitores a devastação da paisagem natural, pelo homem, que escraviza até mesmo o rio a fim de servir aos seus propósitos. Compara o rio ao índio e a animais como o tapir e o tigre, este último, símbolo de coragem e força.

A estória é relatada por um narrador heterodiegético, ou seja, aquele que não participa da mesma. Ele é onisciente, sabe inclusive o que se passa na mente das personagens. O tempo da narrativa é bem definido, ela se inicia no ano de 1604, recuando ao ano de 1603 a fim de explicar alguns eventos.

As descrições são abundantes, com locais externos como a floresta, e espaços internos, como o solar do fidalgo. Todas essas

descrições imprimem à narrativa um ritmo lento; a própria floresta apresenta alguns espaços fechados, como a touça de cardos na qual Loredano escondera seu tesouro e se reunia com seus comparsas. Nela pode-se notar a descrição de uma certa *arquitetura*, que lembraria obras da *civilização*, entretanto, mais grandiosas, pois surgiram sem a interferência do homem:

> Apesar de ser pouco mais de duas horas, o crepúsculo reinava nas profundas e sombrias abóbadas de verdura: a luz, coando entre a espessa folhagem, se decompunha inteiramente; nem uma réstia de sol penetrava nesse templo da criação, ao qual serviam de colunas os troncos seculares dos acaris e araribás. (p. 24-25)

Alencar povoa sua floresta com várias espécies animais e vegetais. O índio sabe imitar perfeitamente os sons dos animais da floresta, e também reconhecer a falsidade das imitações dos cúmplices de Loredano.

O índio de Alencar é esperto, nobre, generoso, valente, conseguindo superar todos os obstáculos com que se depara. O autor não aponta defeitos em seu herói, ao contrário do índio de Denis. Kumuraí erra, hesita, pede conselhos aos anciãos da tribo, apesar de não seguí-los, demonstra algumas fraquezas; já Peri tem uma vontade inabalável, faz tudo sozinho, hesita apenas um segundo, não por si, mas por temer que algo aconteça à Cecília.

unesp

Denis descreve várias tribos brasileiras, enquanto Alencar povoa seu romance com apenas duas, os guaranis e os aimorés. Denis relata vários costumes aborígenes, exceto o da antropofagia, que tem o cuidado de evitar, acreditando que isso talvez não fosse muito bem recebido pelos europeus. Alencar dá maior ênfase exatamente a esse ritual indígena, utilizando-o como *arma* de seu herói.

Nas duas estórias são relatadas uma caça à onça. N'*O Guarani*, Peri, sozinho, consegue capturá-la e mantê-la viva; n'*Os Maxacalis*, toda a tribo participa de uma caça ao jaguar, um felino muito feroz, símbolo da coragem para os índios.

Peri abandona sua tribo e, em certo sentido, é aceito pela família de Cecília; Kumuraí continua vivendo em sua tribo; entretanto, sentindo-se humilhado pela grandeza das edificações européias, derruba sua cabana, construindo nova habitação em uma gruta, que manda escavar num dos rochedos mais altos. Peri, ao contrário, dispensa o convite para morar no solar, construindo para si uma simples cabana defronte à janela de Cecília:

> (...) à beira do precipício, via-se uma cabana de sapé, cujos esteios eram duas palmeiras que haviam nascido entre as fendas das pedras. As abas do teto desciam até o chão; um ligeiro sulco privava as águas da chuva de entrar nesta habitação selvagem (p. 17).

Os presentes oferecidos pelos heróis às suas amadas são os mesmos, aves delicadas como os colibris, flores belas e raras, sempre coisas da natureza. Kumuraí só consegue permissão para ver

Helena após entregar a seu pai muitos tesouros. Já o pai de Cecília admira e respeita Peri depois que o índio salvou a vida de sua filha.

Os dois índios submetem-se ao batismo cristão; Kumuraí, ludibriado pelo ouvidor, pai de Helena, aceita ser batizado a fim de casar-se com ela. Seu sacrifício, renunciando aos deuses de seus ancestrais é em vão, pois não era intenção do ouvidor permitir essa união. Peri aceita o batismo para salvar Cecília, pois apenas sendo cristão, D. Antônio lhe confiaria a guarda de sua filha. Seu sacrifício foi recompensado, teve a oportunidade de salvar a vida de sua "senhora".

Além das peripécias que os dois realizam por suas amadas, acabam por provar certas humilhações. Kumuraí chora por amor de Helena, algo inadmissível para o seu orgulho selvagem. Peri, em seu audacioso plano para levar a morte ao acampamento aimoré, ajoelha-se para pedir clemência ao inimigo, pois só assim serviria de "banquete", e poderia finalizar sua manobra, e salvar Cecília e seus familiares. Com esse pedido, Peri deveria ter sido considerado como indigno do sacrifício, sendo, de acordo com os costumes indígenas, rejeitado por seus inimigos, e até mesmo por sua tribo, se esta viesse a saber do ocorrido. Mas, o autor *altera* os costumes, permitindo que mesmo assim Peri prossiga com seus *planos*.

Os dois autores constróem seus heróis e suas estórias com elementos legitimamente brasileiros. O índio de Denis é lapidado para agradar ao público europeu, sua linguagem é praticamente a mesma dos europeus. Alencar nega sua preocupação com o gosto europeu mas, a representação de seu índio sofre certas adaptações que demonstram haver, por parte do autor, um cuidado especial em sua construção. Seu

índio fala de uma maneira poética, com uma linguagem simples, demonstrando seu recente aprendizado do português:

> "Era o tempo das árvores de ouro.
> "A terra cobriu o corpo de Ararê, e as suas armas; menos o seu arco de guerra.
> "Peri chamou os guerreiros de sua nação e disse:
> 'Pai morreu; aquele que for o mais forte entre todos, terá o arco de Ararê. Guerra!'
> "Assim falou Peri; os guerreiros responderam: 'Guerra!'
> "Enquanto o sol alumiou a terra, caminhamos; quando a lua subiu ao céu, chegamos. Combatemos como Goitacás. Toda a noite foi uma guerra. Houve sangue, houve fogo.
> (...)
> "Peri tinha vencido; era o primeiro de sua tribo, e o mais forte de todos os seus guèrreiros. (p. 95)

Ele também possui outras características, como por exemplo um respeito quase religioso por sua amada, comportamento aprendido pelo índio dos costumes apresentados por alguns brancos.

Nas duas obras encontram-se os diálogos dos personagens silvícolas expressos na língua do autor, o que ocorre com o objetivo de facilitar a leitura por parte do público. Mas, pode-se ver nessa *facilidade* a exclusão do *verdadeiro indígena*, que não falava o português, e muito menos o francês. Esse expediente, na verdade, transformava o herói indígena adequando-o, mesmo que indiretamente, ao gosto europeu. Sua voz é "seqüestrada" pelos autores, que colocam na

própria boca do *oprimido* idéias e valores europeus. Vê-se o próprio indígena enaltecer as benesses da agricultura, desprezando seus hábitos nômades e justificar sua conversão forçada ao cristianismo pela devoção a uma dama européia. Todos estes fatos são colocados pelos autores como verdadeiros, sendo corroborados, no decorrer das narrativas, com informações que atestam a veracidade de alguns deles, seja pela oitiva da estória, seja por meio de registros históricos apresentados em notas de rodapé.

As descrições de Denis são de caráter mais ornamental, paisagístico, enquanto em Alencar elas são associadas à ação, uma espécie de justificativa, um pouco à Balzac, da maneira de agir das personagens, locadas naqueles determinados lugares como participantes de tais aventuras. É como se apenas aquelas personagens pudessem vivenciar essas aventuras na paisagem por ele proposta.

Denis denuncia, em sua narrativa, a corrupção e destruição dos silvícolas pelos colonizadores, apontando como única contribuição deste relacionamento dos europeus com os indígenas, o conhecimento e desenvolvimento da agricultura. Alencar não vê a colonização com essa repugnância, coloca o índio e o branco em perfeita harmonia, entretanto, percebe-se um desnível entre as duas etnias, certa inferiorização do aborígene e a elevação do europeu. Neste sentido, para ele, o índio parece ser valorizado apenas na medida em que constitui uma das etnias que formarão o povo brasileiro.

Apesar das diferenças existentes entre as duas obras, pode-se perceber o seu objetivo comum: utilizar elementos, físicos e humanos, originários do Brasil. Ambos lutam, com suas estórias, pela afirmação da literatura brasileira: Denis, declarando sua existência,

unesp

diversa da portuguesa; Alencar, afirmando sua diversidade em relação aos *produtos* europeus, avidamente *consumidos* pela sociedade brasileira em detrimento de obras nacionais.

O Guarani é apresentado como uma obra tipicamente brasileira, utilizando como cenário a exuberante natureza tropical, e apresentando um herói indígena; elementos propiciadores da configuração da tão almejada *brasilidade*, mas possui em seu interior vários elementos afirmadores da ideologia européia, justificando, inclusive, as atrocidades cometidas contra os aborígenes, em nome da *civilização*.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

VI. CONCLUSÃO.

No movimento romântico os escritores brasileiros desenvolveram os elementos necessários para representar a *brasilidade*. Segundo Antonio Candido e José A. Castello,

> com o subjetivismo romântico, as suas cogitações morais, a sua religiosidade, ou com a interpretação do ser individual, cultivamos a visão total da nacionalidade, da nossa paisagem física e social, da nossa sensibilidade, valores e tradições, das lutas sociais e políticas do momento. E assim, ao mesmo tempo que se faz acentuadamente nacional, pelos temas e pelo estilo, o Romantismo no Brasil, progressivamente, também se preocupa com o sentido da sua universalidade (1968, p. 255).

Enquanto a Europa utilizava seus heróis medievais, para compor a figura do herói nacional, o Brasil procurava seu "passado heróico" no silvícola. Sendo os primeiros habitantes do Novo Mundo,

donos e senhores desta terra *descoberta* pelos europeus, estes seriam o equivalente perfeito do herói medieval. Para a representação da história, fez-se necessário encontrar, ou melhor, *recriar* todo um passado histórico e mesmo mítico, que pudesse equipará-lo ao passado europeu.

Cria-se, com a escolha do índio, um elo entre passado e futuro, porém, essa escolha acaba excluindo os demais habitantes do país: brancos, negros e mestiços. A figura do índio é *trabalhada* a fim de representar um elemento humano guarnecido de várias virtudes, praticamente um *super-homem*. Esse elemento associado à representação da natureza seria, na opinião de alguns escritores, *perfeito* para configurar o "espírito de nacionalidade" que deveria *contagiar* a nova nação. Esta se via espelhada em sua literatura, uma literatura "genuínamente brasileira".

Os primeiros brasileiros a se aventurarem pelo passado mítico, ainda o faziam timidamente, com receio de não serem aceitos pelas "nações civilizadas". Caminhavam no sentido da liberdade literária, mas ainda não possuíam condições de enfrentar a batalha pela *autonomia*. Com o incentivo de alguns europeus, essa árdua tarefa poderia ser facilitada. Ferdinand Denis aparece no cenário literário, oferecendo o apoio almejado para que a nação-criança, recém-independente, revisse sua história.

Denis prescreve e incentiva o uso dos *elementos nacionais*, como o índio, representando o herói nacional, e a majestosa natureza, como palco de atuação deste herói. Para Machado de Assis, em seu artigo *Noticia da atual literatura brasileira – Instinto de Nacionalidade* (1873), a teoria do francês não seria suficiente. Afirmava ele que para a literatura ser considerada nacional, não havia necessidade

apenas da presença da *cor local* nas obras literárias, e sim a posse e utilização, por parte do escritor, de um "certo sentimento íntimo, que o tornasse homem do seu tempo e do seu país, ainda quando tratasse de assuntos remotos no tempo e no espaço"(1879, p. 804). Machado contesta, neste mesmo artigo, a exclusividade do "patrimônio indiano" como o mais importante na literatura brasileira, segundo ele, apenas mais um "legado" brasileiro, e também universal. Ou seja, a figura do índio não poderia tornar-se garantia de brasilidade, pois poderia referir-se, por exemplo, aos índios da América do Norte (como os de Cooper e Chateaubriand), ou de outros países que também possuíam silvícolas entre seus habitantes originários.

Roberto Schwarz, em seu artigo *Nacional por subtração* (1989), afirma que os nacionalistas "esperavam achar o que buscavam através da eliminação do que não era nativo" (p. 33), e que "o resíduo, nesta operação de subtrair, seria a substância autêntica do país" (ibidem). Afirma que esse comportamento era uma "ilusão", uma vez que essa "nova cultura nacional", durante o século XIX, "se deveu muito mais à *diversificação* dos modelos europeus que à *exclusão* do modelo português" (ibidem).

Denis esperava dos autores brasileiros apenas a presença de elementos que pudessem ser considerados como característicos de um povo. Com a representação do herói nacional pelo índio, cria-se um passado histórico para uma jovem Nação, fornecendo o elemento constante caracterizador de uma *tradição literária*, segundo a opinião vigente à época.

Ele pregava que os brasileiros deveriam utilizar uma temática própria, sugerindo a indianista, como meio distintivo da

literatura portuguesa. N'*Os Maxacalis*, ele efetivamente faz uso desta temática, apresentando o índio como personagem principal de sua narrativa. Assim como o francês, Gonçalves Dias aderiu à temática indianista com *I-Juca Pirama*; José de Alencar também aderiu a ela, no entanto, de certa forma, ultrapassou-a, recriando a *origem mítica.*

A exaltação da exuberante natureza tropical também era sugerida pelo francês. N'*Os Machakalis*, essa natureza é ricamente descrita em sua flora e fauna. N'*O Guarani*, também é explorada em sua diversidade, representando a "grandeza nacional" em sua majestosa exuberância. No poema de Gonçalves Dias, ela também se apresenta, compondo todo o espaço no qual se desenrola a ação. Sua grandeza também é exibida.

Pregava Denis, entre suas sugestões, a rejeição das idéias mitológicas greco-latinas. Cumpriu ele, em sua pequena narrativa indianista, seu próprio preceito, limitando-se a "explorar" os elementos tropicais. Também se pode constatar essa "rejeição" nas obras indianistas de Alencar e Gonçalves Dias, existindo, no entanto, no último, um resquício da influência da temática clássica.

Dentre seus preceitos, o francês apregoava não só a utilização de elementos humanos originários desta nova realidade encontrada no Novo Mundo, mas também das coisas que os cercavam e de seus costumes. Pode-se perceber em sua narrativa, o aproveitamento de tudo isso. Alencar realiza essa "exploração" dos elementos circundantes e dos costumes; no entanto, o romancista não se restringe aos hábitos indígenas apenas, mas estende suas observações aos costumes dos demais habitantes deste novo país como os brancos e os mestiços. Gonçalves Dias, por sua vez, limita-se em seu poema, à

utilização dos elementos indígenas e seu mais "abominável" costume: o ritual antropofágico. Mais tarde, o Movimento Modernista utilizaria simbolicamente a antropofagia, propondo a devoração ritual dos valores europeus, com a finalidade de superá-los. *Digerir* o estranho, aproveitando o que consideravam bom e transformando aquilo que era inadequado em algo compatível com a nossa realidade. Esse processo de transformação daria origem à obras superiores aos seus modelos. Gonçalves Dias misturou normas clássicas com outras inovadoras, criando novas formas que chegaram a ser confundidas com possíveis "erros" por críticos de sua época. Porém, ele apresentou as inovações tão almejadas pelo francês, cumprindo portanto, os preceitos de Denis.

Nas obras de Denis e Alencar, pode-se encontrar certo apoio à imposição do cristianismo aos índios. Seus heróis, apesar de não convertidos, submetem-se ao batismo cristão, com a finalidade de possibilitar sua união com as amadas donzelas. Essas são confundidas com imagens das santas católicas, tática da qual lançam mão os autores para demonstrar sua ascendência sobre os aborígenes, que as atendem como se obedecessem a uma divindade. Esse comportamento reforça a posição de destaque da religião católica na época, servindo como justificativa à conversão dos indígenas.

Ferdinand Denis, de uma certa forma, mostrou o *caminho* do que seria conhecido mais tarde como movimento indianista brasileiro, apoiando e incentivando os escritores brasileiros a aproveitarem o que o Novo Mundo podia lhes oferecer. Gonçalves Dias e José de Alencar, ao trilhar o mesmo caminho, ou seja, explorando a temática indianista, ofereceram ao povo brasileiro mais elementos para a construção de sua *identidade nacional*, elegendo o índio brasileiro como

unesp

representante do passado de um povo bravo, forte e corajoso, e de sua adequação literária a um século XIX plenamente europeizado.

VII. REFERÊNCIAS.

ALENCAR, J. de. *O Guarani*. São Paulo: Ática, 1998.

_____. *Como e porque sou romancista.* Salvador: s.n., 1955.

_____. *Obra completa.* Rio de Janeiro: José Aguilar, 1960 4 v.

ASSIS, M. de. Notícia da atual literatura brasileira: instinto de nacionalidade, *Novo Mundo*. Nova Iorque, v. 24, n. 3, p. 801-809, 1873.

BANDEIRA, M. (ed.) *Obras poéticas de Antônio Gonçalves Dias.* São Paulo: Nacional, 1944 2 v.

BRUYAS, J. P. *Os Maxacalis,* de Ferdinand Denis. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1979.

BRZOZOWSKI, J. *Rêve exotique:* images du Brésil dans la littérature française – 1822 – 1888. Kraków: ABRYS, 2001.

CANDIDO, A. *Formação da literatura brasileira:* (momentos decisivos). 2. ed. São Paulo: Martins, 1964 2 v.

CANDIDO, A.; CASTELLO, J. A. *Presença da literatura brasileira* – I : das origens ao romantismo. 3. ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1968.

CESAR, G. *Historiadores e críticos do romantismo.* 1. A contribuição européia: crítica e história literária. São Paulo: EDUSP, 1978.

CHAVES, V. P. *O Uraguai e a fundação da literatura brasileira.* Campinas: Ed. da UNICAMP, 1997.

COUTINHO, A. *A literatura no Brasil:* estilos de época: era romântica. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986, v. 3.

_____. *A literatura no Brasil:* romantismo. 2. ed. Rio de Janeiro: Sul Americana, 1969 6 v.

_____. *Panorama da literatura brasileira.* 2. ed. São Paulo: Nacional, 1947, vol. 2.

DENIS, F. *Resumo da história literária do Brasil.* Porto Alegre: Livraria Lima, 1968.

_____. *Scènes de la nature sous les tropiques et de leur influence sur la poèsie, suivies de Camões et Jozé Índio.* Paris: Louis Janet, 1824.

KOTHE, F. R. *O cânone imperial.* Brasília: Ed. da UNB, 2000.

MÉTRAUX, A. *A religião dos tupinambás:* e suas relações com a das demais tribos tupi-guaranis. 2. ed. São Paulo: Ed. Nacional : EDUSP, 1979.

PEREIRA, M. C .A. *Ritmo na poesia indianista de Gonçalves Dias.* 1984. 109f. Dissertação (Mestrado em Letras – Área de Concentração de Literatura Brasileira) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 1984.

ROUANET, M. H. *Eternamente em berço esplêndido:* a fundação de uma literatura nacional. São Paulo: Siciliano, 1991.

TODOROV, T. *Nous et les autres:* la refléxion française sur la diversité humaine. Paris: Seuil, 1989.

WIMMER, N. Brasil / França: intercâmbios. *Stylos,* São José do Rio Preto, v. 1, p. 119-134, 2000.

VIII. BIBLIOGRAFIA CONSULTADA.

ABREU, M. M.de. O caráter verossímil dos romances indianistas de Alencar. *Letras de Hoje,* Porto Alegre, v. 37, n. 2, p. 267-273, jun., 2001.

AGUIAR E SILVA, V. M. de. *Teoria da literatura.* 2. ed. Coimbra: Almedina, 1968.

ALENCAR, J. *Sonhos d'ouro.* 5. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1956.

AMORA, A. S. *História da literatura brasileira.* São Paulo: Saraiva, 1960.

_____. *A literatura brasileira:* o romantismo (1933-1838/1878-1881). 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1969 v. 2.

BERGEZ, D. et al. *Introductions aux méthodes critiques pour l'analyse littéraire.* Paris: DUNOD, 1990.

BLOOM, H. *A angústia da influência:* uma teoria da poesia. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

BOSI, A. *Dialética da colonização.* 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOSI, A. *História concisa da literatura brasileira.* São Paulo: Cultrix, 1970.

BOURNEUF, R; OUELLET, R. *O universo do romance.* Coimbra: Almedina, 1976.

BROCA, B. *Românticos, pré-românticos, ultra-românticos:* vida literária e romantismo brasileiro. São Paulo: Polis, 1979 v. 1.

BUENO, A. (Org.). *Gonçalves Dias* : poesia e prosa completas. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1998.

CARVALHAL, T. F. *Literatura comparada.* São Paulo: Ática, 2001.

CHATEAUBRIAND, F. R. de. *Atala.* Paris: Garnier-Flammarion, 1964.

CHKLOVSKI, V. A arte como procedimento. In: EIKHENBAUM, B. *Teoria da literatura:* formalistas russos. 2. ed. Porto Alegre: Globo, 1976 p. 39-56.

COOPER, J. F. *O último dos moicanos.* São Paulo: Ed. Nacional, 2002.

COUTINHO, A. (Org.). *A polêmica Alencar-Nabuco.* Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1965.

DUCHET, C. (D.). *Sociocritique.* Paris: Nathan, 1979.

DURÃO, F. J. de; S. R. *Caramuru.* São Paulo: Cultura, 1945.

FRANCO, A. A. de M. *O índio brasileiro e a revolução francesa:* as origens brasileiras da teoria da bondade natural. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976.

GAMA, J. B. *O Uraguai.* Rio de Janeiro: Academia Brasileira, 1941.

JAUSS, H. R. A estética da recepção: colocações gerais. In. COSTA LIMA, L. (Org.). *A literatura e o leitor:* textos de estética da recepção. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, p. 43-61.

_____. *Pour une esthétique de la réception.* Paris: Gallimard, 1978.

JOBIM, J. L. O indianismo literário na cultura do romantismo. In: BERND, Z.; UTÉZA, F. (Org.). *Produção literária e identidades culturais:* Estudos de literatura comparada. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 1997 p. 91-106.

LAGARDE, A.; MICHARD, L. *XIXe. Siècle*: les grands auteurs français du programme. Paris: Bordas, 1968.

LIMA, A. A. *Introdução à literatura brasileira.* 3. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1964.

LOBO, L. *Teorias poéticas do romantismo.* Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

MARTINS, W. *História da inteligência brasileira.* (1794-1855). São Paulo: Cultrix, 1977 v. 2.

MOISÉS, M. *A criação literária.* 7. ed. São Paulo: EDUSP, 1975.

_____. *História da literatura brasileira:* romantismo, realismo. São Paulo: Cutrix, 1984 v. 2.

NUNES, B. *O tempo na narrativa.* São Paulo: Ática, 1988.

PEDROSA, C. Nacionalismo literário. In: JOBIM, J. L. (Org.). *Palavras da crítica.* Rio de Janeiro: Imago, 1992 p. 277-306.

PEIXOTO, A. *Noções de história da literatura brasileira.* Rio de Janeiro: Livraria Alves, 1931.

PINTO, M. C. de M. *A vida selvagem:* paralelo entre Chateaubriand e Alencar. São Paulo: Annablume editora, 1995.

RAYMUNDO, M. A. U. *Gonçalves Dias:* antologia. São Paulo: Melhoramentos, 1966.

RIVAS, P. *Encontro entre literaturas.* São Paulo: Hucitec, 1995.

RONCARI, L. *Literatura brasileira:* dos primeiros cronistas aos últimos românticos. São Paulo: EDUSP, 1995.

ROMERO, S. *História da literatura brasileira.* Rio de Janeiro: José Olympio, 1980.

ROUGEMONT, D. de. *História do amor no ocidente.* São Paulo: Ediouro, 2002.

SAINT-PIERRE, B. *Paul et Virginie.* Paris: Librio, 2004.

SANTOS, Y. L. *Imagem do índio.* São Paulo: Ibrasa, 2000.

SCHWARZ, R. Nacional por subtração. In: ___. *Que horas são?* São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

_____. *Ao vencedor as batatas.* São Paulo: Duas Cidades, 1977.

SODRÉ, N. W. *História da literatura brasileira.* 6. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

SOUZA JÚNIOR, J. L. F. de. Nacionalidade como metáfora: fronteiras (possíveis?) entre literatura e história. *Letras de Hoje,* Porto Alegre, v. 35, n. 2, p. 105-128, jun., 2000.

VAN TIEGHEM, P. *Le romantisme français.* Paris: Presses Universitaires de France, 1972.

VENTURA, R. *Estilo tropical:* história cultural e polêmicas literárias no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

VERÍSSIMO, J. *História da literatura brasileira:* de Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1908). São Paulo: Letras & Letras, 1998.

WELLEK, R. *História da crítica moderna:* o romantismo. São Paulo: Herder, 1967 v. 2.

WIMMER, N. O visconde viajante: considerações acerca da natureza e do índio na obra de Alfredo D'Escragnolle Taunay. In: LEMOS, M. T. T. B.; BAHIA, L. H. N. (Org.). *Percursos da memória:* construções do imaginário nacional. Rio de Janeiro: Ed. da UERJ, 2000, p.67-72.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

ZILBERMAN, R. *Estética da recepção e história da literatura.* São Paulo: Ática, 1989.

IX. ANEXO I [90] : *OS MAXACALIS.*

[90] Cópia do episódio "Os Maxacalis", extraída do exemplar de Jean-Paul Bruyas, *Os Maxacalis*, de Ferdinand Denis, São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1979, traduzido por Maria Cecília de Moraes Pinto.

Os Maxacalis

Ninguém desconhece os povos que outrora habitavam o Canadá e a Flórida e lembramos ainda com assombro a coragem que eles tantas vezes mostraram contra os inimigos de sua independência. As diversas nações brasileiras fixaram menos a atenção do viajante: ainda hoje, são mal conhecidos os guaicurus (1), os maxacalis (2), e os ferozes aimorés (3), que os portugueses tiveram tanta dificuldade em vencer, quando quiseram apoderar-se do belo país por eles ocupado.

Vi os restos dessas tribos infelizes a errarem pela terra de seus antepassados (n). Elas se debilitam dia a dia e logo terão desaparecido dos lugares onde eram temidas, e seus gritos de guerra não mais farão ressoar as imensas florestas do São Francisco e do Belmonte que, por sua vez, começam a cair sob o machado do infeliz africano.

A história desses povos ofereceria sem dúvida tristes lições à Europa. Nela se poderia ver a felicidade de cem nações, ainda no estado de inocência, sacrificadas ao amor das riquezas, e a verdadeira coragem vencida pelos mais negros artifícios. Mas não me imporei uma tarefa tão difícil, desejo apenas relatar a história que um jovem chefe contou há tempos nessas terras longíquas. Ele percorrera quase todo o Brasil e falava das diferentes nações que cobrem aquele vasto território, de modo a excitar vivamente a curiosidade. Fez também uma ingênua pintura dos costumes de sua tribo e provou, pelo relato de seus infortúnios, que o poder nem sempre é a garantia da felicidade, mesmo entre os simples filhos da natureza.

Toda essa vasta extensão de costa que se encontra entre o Rio de Janeiro e São Salvador é quase deserta; se a história não o atestasse, seria difícil acreditar que foi essa a primeira parte do Brasil povoada pelos portugueses. A cadeia dos Aimóres, que nasce na capitania de Porto Seguro, dá-lhe o

mais pitoresco aspecto e sua fertilidade parece censurar os europeus por sua indiferença para com as riquezas agrícolas do Novo Mundo. Rios importantes banham essa bela porção da América Meridional. O Doce, o São Mateus, o Mucuri, o Pardo, o Belmonte se lançam no Oceano, a pouca distância um do outro, mas nem todos são igualmente navegáveis: grandes cascatas interrompem freqüentemente seus cursos e atemorizam o ousado navegador que desejar conhecer suas nascentes longínqüas. As imensas florestas, que cobrem suas margens, servem de abrigo a muitas tribos indígenas que ainda não se conseguiu levar para o cristianismo; vivem ali da caça, do mel e de frutos selvagens, e lamentam a sorte de seus antigos compatriotas que os portugueses seduziram com promesas vãs, para torná-los seus tributários e quase seus escravos.

Com efeito, o viajante pergunta dolorosamente a si mesmo o que ganharam esses índios infelizes ao abandonarem as tribos de seus pais e que conhecimentos os europeus lhes deram em troca da feliz despreocupação em que viviam; reunidos em aldeias miseráveis, desprezados pelos brancos e mesmo pelos africanos, atormentados por novas necessidades que não podem satisfazer, não os vemos, depois de alguns anos de civilização, integrarem-se à população do Brasil, mas desaparecem pouco a pouco, sem que se possa assinalar a verdadeira causa do aniquilamento de todo um povo.

Ao regressar do Brasil há vários anos, um jovem português narrou-me, a fim de dar encanto ao tédio de uma longa navegação, o que se vai ler; ele pareceu-me descrever os hábitos dos selvagens daquelas regiões retratando-lhes, aliás, os infortúnios. Ver-se-á que, sem dúvida, ele não permanece alheio ao nosso assunto.

Algum tempo após minha chegada da Europa, disse-me o companheiro de viagem, experimentei o vivo desejo de visitar algumas dessas aldeolas que os índios fundaram na costa oriental; queria também avançar terra adentro e nada negligenciar para conhecer a maneira como vivem as nações indígenas que escaparam, pela sua coragem, a três séculos de destruição e às horríveis doenças que se propagam entre elas com rapidez realmente assustadora.

Parti: a travessia foi penosa, mas tive, enfim, a felicidade de alcançar a embocadura do rio Salsa e foi com prazer que

meus olhos, cansados de só terem visto durante muito tempo a triste extensão do mar, repousaram na natureza rica e fecunda que conservava ainda a grandeza primitiva. Eu chegara a Canavieras, pequena povoação recém-fundada pelo governo para proteger o comércio de Minas Novas. Mal desembarcara, alguns índios vieram a meu encontro: uma tristeza profunda estampava-se em seus rostos e formava notável contraste com a risonha fertilidade do país que nos cercava. Cantos fúnebres logo chegaram aos meus ouvidos. Colonos, pretos, selvagens, reunidos pela dor, acompanhavam um caixão que seria depositado na igreja da aldeia. A maior parte vertia lágrimas, mas vi que os selvagens, sempre extremados naquilo que os afeta, lançavam os gritos mais sentidos. Juntei-me ao cortejo e soube por um velho índio que o capitão-mor da província fora encontrado, na véspera, agonizante numa floresta vizinha, para onde o amor a caçadas perigosas o conduzia amiúde. Atacado por um jaguar, defendera-se durante muito tempo, mas o feroz animal o ferira mortalmente mais de uma vez, antes de sucumbir. Protetor da colônia incipiente, amigo tanto do índio civilizado como do selvagem, ele levava consigo os lamentos de todos; pude convencer-me, nessa ocasião, de que, se o sentimento de dor é o mesmo no coração de todos os homens, há muitas diferenças na maneira de exprimi-lo. Os botocudos (4) e os maxacalis tinham vindo a esse cortejo; as duas tribos achavam-se reunidas provavelmente pela primeira vez e a dor silenciara a inimizade que reinava entre elas (5). Meu olhar deteve-se, a princípio, nos botocudos, outrora designados pelo nome de aimorés. Esses índios ainda estão em completa barbárie (6): pintam o corpo do modo mais extravagante (7) e só deixam crescer o cabelo bem acima das têmporas (8). Conservaram o costume de furar os lábios e as orelhas, para neles introduzir um pedaço de madeira leve, arredondada como uma moeda grande (9). Esse ornamento, que nos chefes adquire dimensão verdadeiramente extraordinária, dá às suas fisionomias o mais terrível aspecto e parece ser, entre eles, marca distintiva do poder.(*)

(*) Para a representação desse ornamento veja-se a **Viagem do Sr. Príncipe de Neuwied**, traduzido por Eyriès. Veja-se igualmente **Le Brésil ou moeurs, coutumes**, etc., t. 6.

Menos selvagens que seus companheiros, os maxacalis contentam-se em pintar o rosto com urucu e jenipapo (*): seus cabelos negros e brilhantes caem-lhes sobre os ombros e algumas roupas de pano grosso cobrem sua nudez. Quase todos têm presa à cintura uma rede de **ticu** (n) e nela conservam bolas de argila que lançam geralmente com um arco de duas cordas (11)

Durante a caminhada, as mulheres, sobretudo, manifestavam sua dor do modo mais ruidoso e os soluços cessavam apenas para dar lugar a mil práticas singulares (12). Os homens levavam na mão um maracá (**), fazendo-as ouvir os sons desse instrumento selvagem e induzindo-as a cantarem ainda mais alto as virtudes daquele que lamentavam.

Entretanto, não tardamos a chegar à capela onde devia ser depositado o caixão. Era uma cabana um pouco menor do que as outras, situada às margens do rio e cercada pela natureza mais risonha e fértil; palmeiras elegantes, grandes sapucaias, cobertas de lianas e balançando no ar a folhagem de um rosa brilhante, limitavam a vista a uma distância pequena; mas do lado oposto nada a detinha até a altura do mar costeado por florestas imensas e rochedos cobertos de soberbos aloés.

Eu nunca vira funerais parecidos e os lamentos conjuntos desses homens, tão diferentes pela cor, pelos costumes e pelo temperamento, eram a meu ver uma oração fúnebre muito comovente.

Os índios guardaram profundo silêncio, quando o pastor da aldeia pronunciou as palavras consagradas pela religião cristã; mas, logo depois, continuaram suas cerimônias fúnebres.

"Adeus, meu pai, exclamou um jovem índio que eu vira à frente dos maxacalis; se eu estivesse perto de ti na floresta, teria talvez deixado de existir, mas tu viverias ainda. Adeus, pois. Que teu espírito proteja os pobres índios, pois aqueles

(*) Quase todos os índios da América do Sul usam essas duas tintas: uma é vermelha e a outra é de um negro azulado: a última dura normalmente nove dias (10).

(**) Instrumento sagrado composto de uma colocíntida atravessada por um bastão e cheia de grãos secos. Era usado pelos tupinambás e todas as outras nações da costa. V. Léry, **Histoire d'un Voyage fait au Brésil.** V. Staddi **Navigatio.** (13)

que chamavas de teus filhos estão agora sem guia e o maligno (*) Anhangá deve inspirar-lhes a crueldade e o amor da pilhagem, de que só tu podias desviá-los.

O chefe dos botocudos não sabia exprimir-se em português: começou um canto sentido, no qual lembrou as virtudes do capitão-mor e disse, chorando: "Era um grande caçador, um amigo sincero dos índios". Os maxacalis responderam-lhe por três vezes: "Ele está morto e nós estamos de luto; agora só o veremos atrás das montanhas negras onde ele se regozija com nossos pais" (15); depois ordenaram às mulheres que, antes de se retirarem, trouxessem flores, frutos e caça, para depositar no túmulo, como um dom expiatório oferecido ao espírito maligno (16).

Esse encontro de duas tribos, reunidas para chorar um homem que sempre as protegera, obteve um efeito dos mais felizes: as palavras de amizade foram ditas de parte a parte e entoaram-se cantos de paz, após os abraços.

A figura do jovem chefe dos maxacalis impressionara-me: sua estatura era mais elevada do que a dos outros índios, o andar altivo; os olhos fulgurantes anunciavam coragem e, entretanto, um ar de profunda melancolia dava-lhe uma expressão que não se poderia descrever bem. Os cabelos negros estavam alisados com cuidado e caíam em tranças sobre os ombros; um simples calção de pano branco, uma camisa de algodão azul, amarrada em volta dos rins por um cinto de pele, era toda sua roupa; e ele segurava na mão um arco menor do que aqueles que habitualmente usam os homens das outras nações indígenas (17).

"Generoso guerreiro, disse-lhe eu, aproximando-me, o espírito de seu pai aconselhava a paz, e ele foi ouvido; agora não haverá mais inimigos e as caçadas serão felizes". "Amo ainda a guerra, respondeu o jovem chefe, mas tu o vês, minha tribo está-se aniquilando e as vitórias me foram funestas. Vou voltar para nossas florestas pois, segundo nossas convenções, a costa não deve pertencer-me. Que faria eu aqui? Sua imensidão me fatiga, ela é sem limites como minha dor. Amanhã embrenhar-me-ei pelo interior e ignoro onde hei de parar, pois agora meu protetor está morto e seus conselhos não me guiam mais". Compreendi, entretanto, pelo resto de suas palavras,

(*) O gênio do mal para as nações brasileiras. (14)



que ele queria subir novamente o Belmonte e vi com prazer que o teria por companheiro de viagem nos desertos aonde devia ir.

No dia seguinte, fui procurá-lo; logo ele ia pôr-se a caminho; os guerreiros estavam armados com arcos; as mulheres levavam as crianças. Disse, ao ver-me, que estava satisfeito por ter a mim como companheiro de viagem e que eu podia considerar seus caçadores como se fossem meus. Não tardamos, pois, a caminhar pela beira do mar para chegar à embocadura do rio; os pretos, que carregavam nossas bagagens, andavam à frente e o eco repetia seus gritos cadenciados; mas os índios, mais calmos, só cuidavam da sua nova viagem e dos prazeres que os esperavam nas florestas. Após duas horas de marcha penosa pelas areias, a natureza que até então oferecera cenas alegres, mudou de repente e só apresentou a imagem da desolação. Enormes blocos de rochedos, despojados de toda vegetação, estavam amontados na praia e aí vinham as ondas quebrar-se com estrondo. Algumas palmeiras espinhosas, algumas mimosas queimadas pelo sol atestavam, entretanto, que nem tudo estava morto naquele triste deserto onde os olhos espantados observavam, com pavor, uma vasta porção de floresta atingida por horrível esterilidade e apresentando apenas troncos enormes despojados de qualquer folhagem(*).

Transpusemos rapidamente aqueles lugares selvagens cujo horror era ainda aumentado pelo grito das águias e dos abutres e procurei dissipar, na conversa com o jovem chefe, a tristeza que me inspirara a região que acabávamos de atravessar.

"Verás, disse-me ele sorrindo, campos menos selvagens e sobretudo mais férteis. Meus rochedos são desertos, mas não são assustadores. Neles ressoam os cantos da patativa e do azulão (n). Serei bastante feliz se tornar a encontrar minha cabana: quis mostrar aos meus guerreiros que a felicidade não se encontra nas viagens longínquas". Depois ele calou-se e caiu em profundo devaneio.

Entretanto, o cenário não tardou a adquirir outro aspecto: a natureza animava-se à medida que nos aproximávamos do Belmonte e logo perdemos de vista as florestas estéreis do litoral. Evitamos a aldeia e ficou decidido que acamparíamos a

(*) Essa floresta seca existe realmente e sua esterilidade vem talvez da passagem subterrânea das águas do mar. (18)

pouca distância do rio, porque os índios fogem daquilo que possa lembrar-lhes a escravidão de seus irmãos e procuram lugares solitários, dos quais se sentem donos. Num instante, as cabanas foram construídas, as fogueiras acesas, as redes penduradas; o bambu selvagem, a palmeira forneciam material para nossas habitações humildes, em forma de cones arredondados e impenetráveis tanto à chuva mais violenta, como aos raios do sol mais ardente (19).

Nossos índios, entretanto, trocaram diversos objetos por aguardente de cana; começaram a beber e logo o acampamento tornou-se palco da mais ruidosa orgia. A todo instante, as mulheres traziam enormes cabaças, cheias de vinho de mandioca; nós as víamos brigar entre si, para decidir quem as ofereceria aos guerreiros; e ouvíamos suas vozes esganiçadas confundirem-se com os sons roucos do maracá. As danças organizavam-se de todos os lados, os cantos animavam-se e o chefe pedia, em vão, um pouco de calma na alegria. Sou o maior caçador da tribo, dizia um índio jovem, sou mais terrível do que o jaguar: minhas forças se igualam à minha coragem, sou temido por todos os guerreiros. Um ancião quis avançar para reprimir seu orgulho, mas tropeçou, balbuciando algumas palavras e as mulheres que o ajudavam a andar, caíram a seu lado, sem forças para segurá-lo.

Finalmente, tudo se acalmou e o sono devolveu ao acampamento a tranqüilidade perdida; mas o jovem chefe, insensível à alegria de seus guerreiros, afastara-se. Vi-o sentado à margem do rio. Às vezes, parecia agitado por lembranças penosas e caía, de repente, numa calma assustadora. Aproximei-me, ele não se afastou; seu olhar, ao contrário, cravou-se em mim, com dolorosa tranqüilidade, parecendo pedir-me algumas palavras de consolo.

A dor não pode ser contínua, disse-lhe eu, um guerreiro deve vencê-la. Sim, respondeu-me, não existirei para sempre e meus males morrerão comigo; porque o deus de minha nova religião é justo o bastante para me punir por alguns erros com o desespero eterno. Vendo, pois, que era cristão, eu quis saber onde recebera o batismo e compreendi que a perda do capitão-mor não era o único motivo de suas mágoas. Ele contou-me, então, a série de sofrimentos que o trouxeram até o litoral.

Nem sempre fui nômade no deserto, disse-me, e gostaria de nunca ter deixado minhas florestas. Tu não ouvirias minhas queixas; eu gostaria da vida de caçador e participaria dos festins dos guerreiros. Mas, tu o vês, sou insensível à alegria e meus lamentos vão a terras que não percorrerei jamais.

Minha tribo foi poderosa, por muito tempo habitou a vasta província de Mato Grosso (*); nesse tempo, meu pai, Vapubaçu (21), a comandava e, como sua coragem igualava a prudência, ele a fazia temível até mesmo para os europeus, dos quais gostaria de ser aliado, mas não escravo. Naquele tempo, nossa religião era simples como nossos costumes e, todas as manhãs, nós nos contentávamos em entoar à divindade um hino de agradecimento, que era cantado primeiramente pelos anciãos e repetido por nós em seguida; os gênios benfazejos nos davam coragem e desse modo éramos temidos pelos outros índios (22).

Ora, meu pai cansou-se da vida errante e quis cultivar as florestas e as planícies que tantas vezes percorrera. Nunca serei escravo, disse ele, uma vez que, como os mambarés e os bucuris (23), os maxacalis acostumaram-se a uma série de coisas estranhas a seus pais, derrubarão as florestas e farão com que a terra produza. Atravessamos, então, vastas regiões e só nos decidimos a parar nas Mantiqueiras, não longe dos estabelecimentos portugueses, dos quais esperávamos obter ajuda para o novo tipo de vida que iríamos adotar.

Mas meu pai enganara-se singularmente nos seus planos: nossos caçadores não quiseram trabalhar, preferiram perseguir o jaguar nas florestas e deixavam às mulheres o trabalho de cultivar a terra (24). A vizinhança dos portugueses não tardou também a ser funesta; trocavam, com eles, peles de tapir e de veado por licores inebriantes que bebiam em excesso. Então, perdiam a cabeça e lutavam cruelmente entre si; os enfeites de que se envaideciam, até então, pareceram-lhes ridículos e eles arrancaram a pena brilhante que outrora usavam no lábio. Vapubaçu propunha-lhes, entretanto, o exemplo dos guaicurus(**), nossos antigos inimigos, que adotaram os costumes estrangeiros, sem mudar os de seus pais. Sim, respondiam aqueles insensatos, os guaicurus criam animais para que estes lhes sirvam de alimento; percorrem nossos vastos desertos em cavalos que souberam domar, mas não os obrigam a cultivar uma terra sempre ingrata para os índios.

(*) Imensa província do interior, que confina com o Peru e que é maior que toda a Germânia. V. **Corografia Brasílica**, t. 2. (20)

A dor não tardou a apoderar-se do coração de meu velho pai e ele arrependeu-se amargamente de ter abandonado a bela região que é banhada pelo Sambabaia. Dizia-me, às vezes, chorando: — Escutei, durante a noite, o canto plangente do acauã; o mensageiro dos espíritos falava-me de meus pais e pressagiava muitos males. Vai, não levarás a vida miserável do índio; os estrangeiros são poderosos e felizes, irás viver entre eles, nas cidades que excitam nosso espanto. Eu era muito jovem, entretanto suas palavras me faziam chorar; não previa a infelicidade, mas já lamentava nossas florestas.

Até aquele momento tínhamos vivido em paz com nossos vizinhos, mas um dia, em nossos campos, ecoaram gritos de guerra dos aimorés e dos capoxos (26); desejavam apoderar-se de nossas plantações e esperavam fazer um medonho festim com os corpos de nossos guerreiros (27). Esses povos são temidos por sua ferocidade e a coragem não pôde preservar-nos das flechas que lançam com tanto vigor quanto habilidade. Fomos felizes o bastante para poupar as mulheres e as crianças de sua raiva; mas tivemos de errar durante muito tempo no deserto e só paramos para nos instalarmos no Capibaribe, a meio dia de jornada da vila de São Simão; nossa tribo estava agora reduzida a quinhentos caçadores, dos quais um grande número pereceu em conseqüência de doenças.

Meu pai ia sempre à cidade; levava para lá animais vivos, grãos de ouro que eu apanhara às margens do rio, sapucaias, jabuticabas e todo tipo de frutos de nossas florestas; em toda parte o acolhiam, pois sabiam que ainda era um chefe poderoso.

Um dia, fui com ele e ele apresentou-me ao chefe ao qual se obedecia na cidade. Eis meu filho, disse-lhe, será um dia um

(**) Os guaicurus ou índios cavaleiros formam ainda uma nação poderosa nos confins do Paraguai. São pastores, mas dedicam-se ainda muito pouco à agricultura. V. **Corografia Brasílica**, t. 2. (25)

bravo guerreiro, mas não quero para ele a felicidade dos índios, porque agora eles só a encontram nas bebidas de fogo que tiram a razão. Darei ouro, irei procurar pedras preciosas, e ele viverá perto de ti e tu o olharás como a um filho.

Então ele afastou-se e deixou-me com os portugueses. Os hábitos dos estrangeiros não me agradavam; não podia acostumar-me a um repouso contínuo e a lembrança de nossas florestas arrastava-me, por vezes, para bem longe de uma cidade onde tudo me lembrava a escravidão. Nos primeiros tempos, não ousava, entretanto, voltar para meu pai pois, um dia, em que ele viera ver-me e abraçar, dissera: Não te aproximes de nossa infeliz aldeia, o espírito destruidor a abateu com um terrível flagelo e nossos guerreiros enlanguescem com doenças que eram outrora desconhecidas.

Aprendi logo a domar um cavalo e a servir-me das armas; foi tudo o que desejei saber. Percorria, algumas vezes, por semanas inteiras, as margens desertas do Mucuri e gostava de trazer cristais brilhantes e pepitas de ouro, porque o chefe da cidade, acolhia-me, então, com alegria, ou dava-me em troca belas vestimentas.

Vários anos transcorreram assim. Via reinar nas cidades muita traição para querer adquirir os costumes de seus habitantes; conservei toda a minha rudeza, tornei-me apenas um bravo caçador e livrei as florestas vizinhas dos animais ferozes que o viajante temia; assim todos me amavam. Não quis, entretanto, a piedade que me testemunharam, quando meu protetor voltou à morada das almas e conservei minha independência em meio a um povo de escravos.

Visitava sempre a tribo, muito diminuída pelas doenças (n), e levava a meu pai presentes de toda a espécie; então ele ficava feliz e dizia-me: Serás a glória dos meus índios; os aimorés não terão flagelo mais terrível do que tu.

Não obstante não tardou a se espalhar entre os portugueses a notícia de que um novo ouvidor (*), enviado da capital, viria para o lugar daquele que ainda era lamentado e que muitos infelizes pensavam não poder ser jamais substituído.

(*) O título corresponde mais ou menos ao de "préfet".

Foi também nessa época que meu pai abandonou para sempre a morada dos homens. Ofereci-lhe funerais magníficos; seus arcos e suas flechas foram depositados a seu lado e trinta guerreiros lamentaram-se durante três dias sobre sua sepultura; no quarto dia, ergueram no lugar uma cúpula de verdura; e as penas brilhantes da arara e do canindé (n) ornaram a última morada do velho Vapubaçu. (28)

Foi a minha vez de ser proclamado chefe, como meu pai o fora após a morte de meu avô (29), e a minha tribo começou a prosperar, pois eu fizera aliança com os portugueses contra meus inimigos e meus guerreiros tinham decidido cultivar a terra.

Caçava um dia na floresta e perseguia um tapir quando escutei o ruído de muitos cavalos que avançavam em direção à cidade. Deveria ter ficado junto a meus caçadores e não correr ao encontro de todos os males. Mas, vencido pela curiosidade, fui ver os viajantes. Jamais encontrara nas solidões um cortejo tão brilhante e tão numeroso; chamei meus guerreiros, eles juntaram-se a mim e compartilhavam meu espanto, quando vi uma jovem senhora transportada por pretos numa bela rede. (*) Seus olhos fixaram-se em mim com doçura, depois ela se pôs subitamente a sorrir vendo um pobre selvagem admirá-la como a uma divindade; eu a segui sem pronunciar uma palavra, seu olhar me atraía, já não podia mais fugir dela. Ouvi-a subitamente dizer aos escravos: A sede devora-me e ignoro ainda quando iremos parar, pois meu pai deseja chegar hoje à cidade. Os pretos apressaram-se logo a colher alguns frutos de caju para oferecer-lhe, mas eu desapareci imediatamente e fui procurar na floresta um desses cálices naturais que a bromélia forma com suas folhas grandes e que o orvalho enche todos os dias de água fresca e límpida. Essa previdência da natureza pareceu-lhe uma maravilha; bebeu apressadamente e deu-me, como recompensa de meu esforço, um belo colar de pérolas azuis. Ah! disse-lhe eu, apertando-o contra o peito, ele vale a meus olhos todas as riquezas das cidades; não o deixarei mais um só instante. Seus olhos exprimiram então a surpresa de me

(*) Ainda se viaja desse modo na capitania de Pernambuco e no interior. Ver Koster, **Voyage au Brésil.** (30)

ouvir falar a língua dos portugueses, e ela respondeu-me: Adeus, jovem caçador, tua gratidão vale bem mais do que meu presente.

Eu a segui ainda até São Simão; queria ser testemunha das honras que prestariam a seu pai, novo comandante em lugar de meu antigo protetor; mas foi necessário retornar às nossas florestas e foi aí que senti a espantosa revolução que se fizera em meu coração com a visão da jovem estrangeira.

Qual é, pois, seu poder, exclamei, escalando um rochedo de onde ainda podia ver a cidade; e o que tem ela, pois, de arrebatador que me força sempre a lembrar seu doce sorriso? Meus guerreiros cantam a beleza de suas mulheres; mas elas nunca me fizeram experimentar algo semelhante; não, o que sinto, minha alma o revela pela primeira vez; ela me faz conhecer prazeres que receio e penas que têm sua doçura. Florestas que habitei em minha infância, vales que tantas vezes percorri, mudaram de aspecto, a ponto de meu coração não mais lhes achar encantos e meus olhos não mais saberem admirá-los! A cidade está mais bela, a ponto de eu agora desejá-la para morada? Estou, enfim, tão mudado que o amor à liberdade me abandona?

Reuni no dia seguinte todos os nossos caçadores, percorremos as vastas solidões que nos circundavam e animais de toda a espécie caíram sob nossos golpes. As mulheres, empenhadas em me agradar, tinham enchido cestas de flores, de frutos e grãos de diversas cores. No dia seguinte, dirigimo-nos a São Simão, para ver o novo ouvidor. Ah! dizia a mim mesmo, aproximando-me, possa a beleza conceder-me ainda um doce olhar e possam meus presentes simples lhe serem agradáveis! Um de meus guerreiros quis vestir-me, antes de entrar na cidade, com um rico manto tecido pelos europeus, mas desdenhei aqueles vãos enfeites. Não, disse-lhe, é coberto com nossos antigos ornamentos (31) que desejo aparecer aqui; quando eu entrar no palácio, quero que reconheçam um chefe indígena; se queremos imitá-los, eles parecem olhar-nos como se fôssemos os últimos dentre eles, quando somos verdadeiros filhos das florestas, eles nos temem. Esses guerreiros, esse aparato, essa nobre segurança que brilha ainda em nossas frontes a comoverão talvez, dizia a mim mesmo. Oh! se eu pudesse

manifestar a seus olhos o que eles chamam de minha força selvagem, ela desdenharia as humildes homenagens que eles vêm-lhe prestar: ela verá tanto amor no meu orgulho! Pobre de mim! cheguei, não vi a jovem portuguesa e meus presentes foram desprezados, pois não eram ouro.

Voltei ainda uma vez à floresta, reuni novamente meus caçadores; vagamos ao longo dos rios, cruzamos a terra e consegui juntar uma grande quantidade de pepitas de ouro e de pedras brilhantes; a fadiga me era doce, eu devia ver aquela cujo sorriso me pagaria um século de sofrimentos.

Dessa vez, a acolhida que recebi foi igual à riqueza de meus presentes; um festim esplêndido estava preparado para os guerreiros e o governador fez-me falsos agrados, como o olhar da jararaca que atrai a zabelê (*)

Nem todos os meus presentes foram oferecidos, disse eu, vendo surgir a filha do ouvidor, a doçura deve unir-se à doçura, e apresentei-lhe duas rolinhas com manchas de um azul brilhante. Obrigada, bondoso caçador, disse-me ela, cobrindo de beijos os inocentes pássaros, serei para eles uma mãe terna, meus carinhos hão de fazê-los esquecer a perda da liberdade. Quanto a mim, olhava-a em silêncio e sentia-me feliz com sua alegria.

A partir desse momento, vi-a quase todos os dias e seu pai recebia-me favoravelmente, porque o ouro era o que ele mais amava no mundo; quanto a ela, jamais consentia em receber algo que não fossem as simples produções de nossas florestas. Mas também tudo que existia naquelas solidões, eu teria desejado consagrar-lhe para obter uma flor que ela amava. Não temia transpor os rios ou confiar nos galhos frágeis das árvores mais altas; minhas mãos dilaceradas pelos espinhos ficavam algumas vezes ensangüentadas; os braços machucados mal sustentavam meu corpo dilacerado; mas eu desdenhava esses sofrimentos, ainda que isso me custasse a vida; se eu respirava o perfume com o qual me embriagava perto dela, meu cansaço era esquecido. Quando conseguia arrancar a encantadora flor que desabrochava longe de todos os olhares, dizia: quero enfeitá-la com algo que outras não poderiam possuir.

(*) Todos conhecem esse tipo de influência que a cobra exerce sobre os pássaros. Estes deixam-se atrair pelo brilho do olhar.

Sim, eis os únicos instantes de minha vida que eu não gostaria de esquecer; eram eles de alegrias rápidas, é verdade, mas que não me deixavam prever mágoas. Ainda encontrava prazeres longe dela, e perto nada os alterava. Feliz quem prolonga os doces instantes quando ainda se acham encantamentos num deserto.

Aqui o jovem chefe parou. A noite estava avançada e ele convidou-me para irmos repousar na cabana que as mulheres tinham construído (32).

No dia seguinte, os cantos dos guerreiros nos acordaram: entoavam o hino da manhã. Conservavam o costume de seus antepassados e dir-se-ia estarem celebrando o sol que se livrava lentamente das nuvens que o cercavam, para derramar suas ondas de luz sobre as vastas florestas do Belmonte.

Alguns maxacalis que não tinham assistido aos funerais do capitão-mor, vieram apanhar-nos em canoas que tinham preparado e não tardamos a navegar pelo rio. À medida que avançávamos, desfrutavámos de um espetáculo cada vez mais magnífico. De todos os lados, árvores velhas como o mundo limitavam nossos olhares, mas suas flores eram tão variadas quanto sua folhagem e os olhos não se cansavam de admirar as formas que ostentavam. Algumas vezes, uma trepadeira de flores azuis coroava um palmital elegante e copaíbas imensas, juntando em cima seus galhos enormes, formavam uma arcada natural, sob a qual se via brilhar uma multidão de colibris cintilantes das mais vivas cores.

Há na natureza uma harmonia que as palavras não conseguiriam exprimir. O animal feroz deserta quase sempre as paisagens alegres e a águia prefere os rochedos estéreis aos campos cultivados; assim os jaguares não apareciam, mas amiúde um veado tímido saía de repente da folhagem e fugia, antes que a flecha pudesse atingi-lo.

Paramos só à noite e ergueu-se o acampamento perto do Uhubu (33), pequeno rio tributário do Belmonte. Dessa vez, nossos índios ficaram sóbrios; estavam tranqüilamente sentados em volta de um fogo, cujo clarão agonizante derramava-se sobre todos os objetos ao redor, e lembravam a história de seus amores ou de suas caçadas. Algumas vezes um deles, movido por

súbita inspiração, levantava-se e contava com entusiasmo a história de seus pais, as vitórias obtidas contra os pérfidos estrangeiros, a felicidade que lhe prometia o canto longínquo do acauã.

Quanto a mim, não tardei a reunir-me ao jovem chefe; um sentimento mais vivo do que a piedade atraía-me e ele dizia sentir-se menos infeliz quando me falava de suas mágoas. Sentamos, pois, ao pé de um jacarandá e assim ele retomou o relato de suas aventuras.

Aos poucos, minha paixão cresceu e meus desejos não conheceram limites. Quis ser amado. Um olhar bondoso não mais satisfazia a meu coração e eu teria dado a vida por uma palavra de ternura. Ai de mim! Tinha refletido, pensado na diferença que havia entre o destino dela e o meu. O senhor ignora o tormento de saber que, por imposição da sorte, está longe daquela que não pode deixar de amar. Eu teria dado o poder para não ser mais um estrangeiro perante as leis da civilização; creio que teria visto, sem estremecer, minhas florestas abatidas e cobertas por suas colheitas. Entreguei minha cabana às chamas, de tal modo ela me pareceu desprezível ao lado dos palácios; recolhi-me a uma gruta selvagem, porque os rochedos onde mandei escavá-la eram mais altos do que edifícios e porque nas obras da natureza encontrava ainda grandeza e superioridade.

Foi-me impossível ocultar dela por mais tempo o fogo que me devorava; um dia ela notou minha agitação e eu disse-lhe: Porque sou apenas um pobre índio, pensas que não sei distinguir entre a doçura e a beleza? Eu te amo, Helena, porque o som de tua voz me faz estremecer de felicidade e meus guerreiros dizem, em seus cantos, que só são felizes quando ouvem a voz de suas amadas. Tua imagem me persegue sempre; ontem, verti lágrimas amargas na solidão; essas lágrimas talvez sejam as primeiras que um índio jamais derramou. Helena, acreditas que possas ser mais amada?

Essa confissão não a surpreendeu. Sorriu e fechou-me a boca com a mão mais branca do que a flor do mangará: "Kumuraí, disse-me ela, se queres conservar a amizade, evita falar em amor." Mas eu era um insensato que a razão não podia convencer, não tinha mais o poder de obedecê-la. Vem visitar minha tribo, dizia-lhe eu algumas vezes, meus índios te

contemplam como uma divindade benfazeja; se quisesses que eu fosse teu esposo, eu reuniria riquezas imensas e tu mandarias em tudo o que me rodeia, eu mesmo não teria outra vontade senão a tua. Então, ela afastava-se como se minha temeridade a tivesse assustado, ou dizia-me: "Preciso morar nas cidades, essa felicidade que se experimenta no deserto não foi feita para mim; nunca me verás em tua cabana."

Entretanto, negra melancolia não tardou a apossar-se de meu coração; invejava mesmo o destino do infeliz africano e não desdenharia uma condição ainda mais triste, se ela me devolvesse a tranqüilidade.

Ah! dizia eu, percorrendo nossos campos, reencontro por toda parte esse sentimento funesto, mas o pássaro o revela num canto mais doce e isso exprime sua felicidade. Se o habitante selvagem dessas florestas o proclama por toda a região com seus gritos majestosos, um grito atravessa a solidão e responde-lhe. Que vantagens não têm sobre mim os estrangeiros, exclamava eu com mais raiva, e que devo pretender com todo meu amor? Uma triste compaixão pode satisfazer-me? Não, quero ser amado. Depois lembrava-me de repente, para minha infelicidade, que muitas vezes meus lamentos tinham sido escutados e, então, palavras mais doces do que aquelas de simples piedade tinham reanimado minha esperança.

O amor que me devorava tornou-se, por fim, tão violento que todos os obstáculos desapareceram aos meus olhos; concebi um projeto que devia dar-me a felicidade ou livrar-me de todos os meus males e fui procurar o ouvidor para que ele decidisse de minha sorte. Peço tua filha para esposa, disse-lhe eu. Minha tribo é ainda poderosa e minha coragem conhecida. Mas, antes que me concedas semelhante favor, quero dar-te mais riquezas do que aquelas contidas na cidade poderosa que governas. Tradições velhas como nossos anciãos ensinaram-me onde estão reunidos esses tesouros que todos procuram com tanto ardor. Dá-me tua palavra e os perigos não me assustarão mais.

Meu discurso o surpreendeu, mas não hesitou em me prometer o que eu exigia com tanto ardor. Muito decidido a me lançar nos desertos desconhecidos onde talvez fosse encontrar a morte, não desejei afastar-me sem rever Helena, cuja imagem devia sustentar-me em meio aos sofrimentos cruéis a que ia submeter-me.

Uma tristeza súbita recobriu-lhe os traços, ao saber da intenção que me animava. Tentou deter-me e descreveu com força todas as penas que eu teria de superar, todos os perigos que devia temer; mas seu pavor deu-me nova coragem. Embriagado por um amor sem limites, prosternei-me a seus pés: "Não, disse-lhe eu, não tentes mais enfraquecer minha resolução; nesse olhar onde se esboça a inquietude, encontrei força nova; ao ver tua dor, pela primeira vez, tive esperança.

Algumas lágrimas caíram sobre minha fronte ardente, pareceu-me que tudo estava mudado, um fogo ativo circulou em minhas veias, uma alegria rápida emocionou todo meu ser. Vi que era amado, o plano que eu tinha feito pareceu-me muito humilde ainda para valer tão grande felicidade e havia instantes em que me sentia tentado a adotar projetos mais vastos e mais gloriosos.

Retornei à tribo, reuni todos os anciãos e disse-lhes: Lembrem-se da juventude; que os lugares outrora percorridos apresentem-se à memória, pois prometi riquezas aos estrangeiros e quero conhecer os lugares para onde eu poderia levar meus caçadores. Helena será o prêmio de meu trabalho e inúmeros presentes tornarão minha tribo mais poderosa do que a de outros índios.

O mais velho dos guerreiros tomou a palavra. O olhar era severo, uma pena brilhante enfeitava-lhe ainda os lábios (n) e, fiel aos nossos antigos costumes, tinha o corpo pintado de diversas cores. Por que, jovem chefe, deixas-te enganar por uma vã esperança e por que tens necessidade de reunir tesouros inúteis? Não conheces a perfídia do estrangeiro? Se a ignoras, os anciãos ainda não a esqueceram e um grande desgosto foi tudo o que receberam pela antiga confiança. Não desposarás Helena, digo-te eu, as pessoas se regozijarão com teu infortúnio e tuas riquezas só encontrarão ingratos. A sorte reservou o litoral para os portugueses. O que vêm eles procurar em nossas florestas? que querem de nós? que pedem eles, enfim? Outros indicarão os lugares onde podes encontrar a morte. Meus conselhos jamais te serão funestos, sempre desprezei os falsos agrados dos europeus. Por que não escutei, então, aquelas palavras de sabedoria! Talvez me restasse ainda a esperança e eu não teria apressado o momento de minhas dores. Todos os guerreiros não foram igualmente inflexíveis; guardaram silêncio

por algum tempo, mas um dele, que se debilitara com longos sofrimentos, falou nestes termos: "Não desfrutei muitas vezes a felicidade de estar entre meus irmãos; minha velha companheira não me via sempre na tribo e meus mais belos anos foram passados longe de nossas florestas. Numa guerra longa que tivemos de sustentar contra os poderosos guaicurus, fui feito prisioneiro e segui rumo à nascente do Iguaraçu, com a tribo errante de meus novos senhores. Estes tinham-se tornado temíveis às outras tribos de Mato Grosso (*), mas nunca servem os prisioneiros como alimento. Vangloriam-se de ter domado, como os portugueses, esses animais soberbos que os transportam rapidamente aos lugares mais distantes. Menos sábios talvez do que nós, vêmo-los procurar com ardor grãos de ouro e de prata com que fazem ornamentos para usar nos lábios e nas orelhas. Cobrem também, com penas brilhantes, os braços e as pernas pintadas de urucu e jenipapo. Os adivinhos que os dirigem em seus trajetos, depois de consultarem o canto do acauã (**), decidiram que nós abandonaríamos os lugares onde estávamos e transportaríamos nossas cabanas para as margens de um outro rio. Nosso grupo avançou no deserto como uma torrente devastadora e atravessamos aldeias abandonadas pelos caiabavas (36), que fugiram com nossa aproximação para se esconderem nas florestas.

Os algodoeiros, que esse povo cultiva para fazer suas vestimentas, foram inteiramente arrasados e fez-se a colheita dos campos de Arachis (37), que constituem sua principal alimentação.

Vi alguns desses infelizes índios. Usam nos lábios um pedaço de resina brilhante; os corpos são pintados com urucu e vestem-se com uma roupa longa, fiada por suas mulheres. (***)

Continuamos nosso caminho e passamos em frente do monumento que atesta o poder de estrangeiros, pois que divide entre duas nações todas as terras de nossos antepassados. (****)

(*) Apenas os paiaguás não os temiam e, nos rios, eram mesmo mais poderosos do que eles. Os espanhóis e os portugueses quase os exterminaram. (34)

(**) Confiam, mais ainda do que os tupinambás, no canto desses pássaros de que já falei. V. **Corografia**. (35)

(***) **Corografia Brasílica**. (38)

(****) É a pilastra de mármore que separa as possessões das duas coroas. Ver **Corografia Brasílica**. (39)

Decidimos entrar nas montanhas dos Pariris (40), onde nasce o Paraguai para dirigir-se ao vale dos Sete Lagos, onde logo se ergueram as cabanas dos conquistadores. Vi nesse lugar mais riquezas do que jamais poderias encontrar. Os rios que saíam da montanha rolavam em seu curso o ouro, a prata e as pedras brilhantes; mas não paramos aí muito tempo e ignoro se os estrangeiros já o descobriram.

Um outro ancião continuou assim: Quando teu pai vivia, eu era seu companheiro mais fiel e sustentava-lhe a coragem nas aflições cruéis. Lembro-me de que, durante uma dessas longas viagens que fizemos juntos, chegamos ao país dos antigos goiás onde vivem ainda os caiapós (*), que se tornaram temíveis aos portugueses por causa de seu tacape pesado (42). Fomos encontrá-los para nos aliarmos a eles. Estavam acampados nas montanhas Douradas, que são visíveis a pouca distância das Tabocas; (**) ao nos oferecerem hospitalidade, incitaram-nos a desprezar, como eles, as riquezas que os cercavam e pelas quais queriam escravizá-los.

Um terceiro aconselhou-me a ir à terra dos araris (43), subir o rio Negro e depois de entrar nas Mantiqueiras, procurar um lugar deserto, rodeado de rochedos inacessíveis onde a natureza tinha reunido, dizia ele, toda espécie de metais.

Ele mal acabava, quando um jovem caçador, chamado Keroê, que já se tornara temível pela coragem e destreza, levantou-se de repente e disse-me com uma espécie de irritação: Que necessidade temos de ir procurar em terras longínquas aquilo que temos perto de nós? Não conheces os desertos dos Americanos? (***) Se te lembras das falas de teu pai, os tesouros do universo lá estão reunidos. Que os perigos não te assustem, saberemos vencê-los; a amizade sabe também desprezar o perigo. Irias acreditar? Vinte vezes pensei em visitar essa região tão temível e já estarias de posse dessas riquezas, se as tivesses desejado diante de mim.

(*) Antes da publicação da obra do Sr. Aires de Casal, não se tinha a menor noção do estado atual dessas tribos e de muitas outras. (41)

(**) As doradas (sic). Ver **Corografia Brasílica**.

(***) Os habitantes do interior do Brasil contam histórias extraordinárias dessas regiões. Segundo eles, é uma espécie de Eldorado. (44)

Apoderei-me imediatamente dessa idéia em que ainda não tinha pensado. Afastei mesmo da lembrança tudo o que meu pai dissera daquelas horríveis solidões nas quais propunham que eu penetrasse. Foi em vão que os anciãos esforçaram-se por reter-me; Keroê, inflamado por nova coragem, reunia nossos caçadores. Falava-lhes com entusiasmo das vantagens que iríamos conquistar na longínqua incursão e logo eu próprio fui obrigado a moderar-lhes a impaciência. Partimos, enfim: apenas ao cabo de 5 dias de caminhada contínua, começamos a entrar em terras desconhecidas. Somente o curso do rio Negro podia orientar-nos. Eu sabia que o rio dos Americanos (*) se unia ao rio Negro a longa distância; assim tinha resolvido não deixar suas margens, mas rochedos inacessíveis as escondiam algumas vezes de nossas vistas durante dias inteiros e, então, só éramos guiados pelo ruído distante das cascatas. Cerca do nono dia, encontramos uma tribo de patachos (46), que disputou conosco a passagem. O combate foi terrível. Atacaram-nos aos gritos e não começaram a fugir senão quando nossas flechas acabaram. Mais rápido do que o raio, eu os perseguia e imolava ao meu furor. Meus guerreiros, conduzidos por Keroê, disputavam comigo a primazia de abatê-los e todos pereceram antes que estivéssemos cansados de feri-los.

Um dia depois, começamos a penetrar numa floresta profunda onde continuava seu curso o rio cuja nascente eu procurava. Novos perigos nos esperavam; as onças e os jaguares faziam ressoar a cada instante o eco de seus terríveis rugidos. Nossos arcos eram insuficientes para nos defender contra sua raiva e foi somente à arma fulminante dos estrangeiros que devemos nossa salvação.

Todavia, não conhecíamos ainda os horríveis sofrimentos que era preciso suportar, antes de conquistar os vãos tesouros que procurávamos. Saímos da floresta, mas tivemos de entrar num pântano onde não se via uma única árvore que nos abrigasse dos raios ardentes do sol; só se escutava o ronco da serpente boa saindo de seu refúgio lamacento. A fome surpreendeu-nos no deserto medonho e os répteis mais repugnantes serviram a nossa alimentação. Só Keroê não se deixava abater; suas palavras animavam os outros caçadores e dir-se-ia que ele era insensível à fadiga. Entretanto, eu só o olhava dolorosamente. Meu coração dilacerava-se ao ouvir os infelizes companheiros soltarem tristes gemidos e pararem com pavor para observar as planícies que nos cercavam. Vinte vezes lastimei não me ter exposto sozinho a todos os perigos e amaldiçoei com raiva meu funesto desígnio. Contudo, após três dias de marcha, chegamos ao fim de nossa viagem e vimos que não estávamos enganados. Nas torrentes que desciam pelo vale, rolavam mais tesouros do que jamais os portugueses poderiam reunir. Apareciam à superfície da terra, no fundo das águas, no cimo dos rochedos. Percorri aqueles lugares desconhecidos; pensei que as montanhas coroadas de densas florestas eram mais ricas do que as planícies que tínhamos visitado primeiro; chegamos a escalá-las, mas nuvens sombrias acumulavam-se continuamente sobre nossas cabeças e era sob o fragor prolongado do raio que arrancávamos o ouro da terra.

(*) Ver a **Corografia Brasilica.** (45)

Não me cansei senão quando senti que a avareza seria saciada. Acumulei tantas riquezas que, ao lembrar, encho-me de espanto. Estrangeiros, exclamei, se essa sede de ouro que os consome puder ser um dia apaziguada, seus desejos serão, enfim, satisfeitos. Fora preciso a mais doce das esperanças para que os tesouros, outrora desdenhados, tivessem valor para mim. Mas quase louco, confesso, eu os olhava com avidez e parecia-me encontrar neles a felicidade. Ai de mim! Não estavam na minha pátria. Pusemo-nos em marcha, já extenuados pelo cansaço. Ainda não tínhamos chegado à metade de nossa viagem e já os guerreiros jogavam o ouro com desprezo no meio do deserto; era preciso que um olhar de seu infeliz chefe os reanimasse ainda e eles retomavam uma parte do fardo, mas eu os ouvia dizerem suspirando: Se pudéssemos rever nossas florestas! Se pudesses também não estar enganado como predisseram nossos anciãos! Oh! dizia-me Keroê, estes homens não têm nem força nem coragem, pois que dizem tais coisas; os anciãos só vêem a perfídia, mas eu sei puni-la; este arco vinga minhas injúrias e as de meus amigos.

Depois de mil perigos, chegamos enfim a terras habitadas, com o resto de nossos tesouros. A tribo recebeu-me com alegria e eu próprio não fui insensível à felicidade de revê-la. O senhor, que está agora longe de seu país, em breve o saberá; o retorno

é uma nova existência, as felicitações de nossos amigos fazem-nos esquecer as penas da viagem e ninguém entre nós ousaria simular as doces lágrimas da alegria (47).

No dia seguinte, encaminhei-me cheio de temores à cidade. Tendo chegado ao instante que deveria decidir minha sorte, estremecia ao pensamento de tornar-me o joguete dos homens como já o era de minhas paixões; mas se algumas vezes sentia que me entregara a uma esperança excessiva, em outros momentos essa esperança estava já realizada. Como dizer-lhe? Apresentei-me, enfim, ao governador; seus olhos foram ofuscados pela quantidade de ouro que eu lhe trazia. Distribuiu presentes a meus guerreiros; quis também oferecer-me armas, cavalos, escravos, mas recusei os bens que ele me dava. Havia um outro que eu tinha direito de exigir e pedi a mão de sua filha, que minha coragem conquistara. Ele hesitou muito tempo antes de responder e não ousou recusá-la a princípio. Todavia, acabou por dizer que eu devia deixar os deuses de meus pais antes de pretender uma aliança. Para me decidir ao sacrifício, bastou rever Helena. Desprezei de novo a voz dos anciãos e, em breve, adotava a religião cristã. Foi, então, que só me restou a esperança de felicidade que ela promete para o futuro, pois tive de renunciar à felicidade que eu podia desfrutar na terra; meus sofrimentos, minha coragem de nada valeram e enganaram-me com perfídia, no momento em que os ministros de Deus prescreviam sobretudo a fidelidade a meu juramento. Eu acreditava que meu desespero não podia aumentar e enganava-me; não tardei a saber que aquela que devia ser feliz vertia, na solidão, lágrimas amargas pela minha sorte. A partir daquele instante, não quis mais viver; desprezei o poder que tinha sobre os guerreiros e pensei que podia pôr um fim a meus sofrimentos, entrando no deserto onde a morte não tardaria a alcançar-me. Escolham um outro chefe, disse eu um dia aos anciãos; minha dor só pode acarretar-lhes desgraças funestas. Não é aquele que não mais conhece a si mesmo quem pode governar os outros e de um insensato não se deve esperar a felicidade. Não me prendam à vida por vãos pesares; a amizade compassiva é um tormento a mais na minha aflição e não é sem um pungente desgosto que posso abandonar meus amigos e a cabana de meu velho pai. Mas um murmúrio queixoso partiu do seio da

assembléia e senti esvanecer-se minha triste resolução antes que as censuras viessem advertir-me do que eu devia à minha tribo.

Kumuraí, disse-me o ancião cuja sabedoria quisera sempre preservar-me de projetos insensatos, não tentarei consolar-te, pois não são as palavras vãs que silenciam a dor, mas escuta um instante meus conselhos. Se a coragem renascer no teu coração, tu te afastarás dos estrangeiros, fugirás com teus índios dos lugares que eles habitam. Não viste alguma vez um pássaro de nossas florestas regressar ao ninho deserto? ele procura aí, meu filho, a felicidade que desfrutou em outros tempos. Acredita-me, vai rever nossas antigas florestas.

As torrentes podem parar? disse um outro ancião. Percorremos de novo os inúmeros anos que se passaram desde nossa infância? Que nosso jovem chefe fique nos lugares aonde o conduziu seu pai. O céu não é sempre tempestuoso; o vento quando derruba as florestas, acalma seu furor; se a infelicidade perseguiu-me durante muito tempo, desfruto agora o repouso e fico perto de minha fiel companheira.

Alguns dias se passaram ainda sem que eu pudesse decidir-me a tomar um partido. Se tivesse escutado os conselhos de Keroê, vinte vezes teria levado a guerra aos estabelecimentos dos arredores e meu furor teria imolado tudo. Ai de mim! parecia-me ver Helena suplicante e todos meus projetos de vingança eram abandonados. Algumas vezes, é verdade, a lembrança de sua terna compaixão reanimava em meu coração a tênue luz de uma esperança, mas ela esvanecia-se como a luz desses insetos alados que brilham na escuridão e desaparecem imediatamente aos olhos do viajante.



Continuação d'OS MAXACALIS

Aqui os gritos dos índios advertiram que o dia ia surgir e era preciso preparar-se para uma dessas grandes caçadas que eles fazem sempre durante as viagens. As mulheres já tinham apresentado as armas aos guerreiros; os cachorros ladravam com impaciência e só se esperava o chefe que devia decidir a que parte da floresta se dirigiriam eles. Vamos para o grande lago, disse ele, as florestas imensas que o cercam prometem caça abundante. Imediatamente os gritos recomeçaram e todos lançaram-se à floresta. Mas então um profundo silêncio sucedeu aos ruidosos sons das vozes dos caçadores e, em breve, não se ouviu nada além do canto pungente e compassado do serrador. Depois de transpor mil obstáculos, alcançamos enfim o grande lago Juparanã (48). Mal tínhamos chegado e já os cães começaram a caçar. Por toda parte, viam-se índios a correr com ligeireza, parar, escutar, esticar o arco e disparar na folhagem uma flecha rápida que o animal não podia evitar. Em breve, latidos terríveis informaram que um jaguar tinha sido desentocado. Os ecos repetiam seus horríveis rugidos e os gritos dolorosos dos cachorros que imolava à sua raiva. De repente, ele aparece, sem dúvida irritado por ver o homem: quer fazer um último esforço, joga-se contra uma árvore, ameaça ainda os inimigos numerosos e cai em seguida atravessado por vinte flechas que o atingem na espádua e o privam da vida, tirando-lhe a força para se defender.

Os inocentes pássaros não são mais felizes do que esse animal temível; guiado pelo canto, o índio consegue surpreendê-los; armado então com um arco de duas cordas, lança com força uma bola de argila e tira-lhes a vida sem que um grito de dor anuncie aos outros a sorte que os espera.

Entretanto, um sol ardente avisa-nos que é preciso repousar. As mulheres, instruídas pelos maridos, vão procurar os animais

que eles mataram; guiadas por fracos vestígios, elas conseguem encontrá-los e logo as vemos chegar com os cachorros ofegantes, que pulam em volta, pedindo a recompensa de seus esforços. Todo o dia transcorreu na mais ruidosa alegria. Uma caçada feliz fizera esquecer muitas fadigas e, em toda parte, só se ouvia cantar a felicidade dos índios. Estranha inconstância! disse-me Kumuraí, dentro de alguns dias vão querer cultivar a terra e exaltarão a antiga tranqüilidade.

No dia seguinte, subimos o rio e fui testemunha de um novo espetáculo. Uma espécie de canal natural, inteiramente seco naquela época, apresentava aos nossos olhos uma estrada sem fim, plantada com árvores majestosas: lianas que a elas se enlaçavam até o cume tornavam a cair em longas guirlandas de verdura e vinham cobrir de flores as colocíntidas selvagens que atapetavam a areia; jacutingas de patas escarlates, taquaras de caudas compridas(n), uma multidão de rolas animavam ainda essa risonha paisagem e fugiam ao verem os macacos que vinham despojar o jambeiro de seus pomos rosados. Lamentei não poder parar nossos barcos ligeiros e só tive um instante para admirar essas belas solidões que as águas deviam em breve invadir.

O sol ia desaparecer quando decidimos desembarcar; os raios moribundos douravam ainda o cimo das florestas; milhares de insetos brincavam na superfície das águas e o barulho da rã mugidora tinha substituído o canto dos pássaros. Em breve, só era visível no horizonte uma barra brilhante que se confundia entre as nuvens de fogo, mas esse espetáculo durou apenas alguns instantes; tonalidades alaranjadas, cinzentas e lilases apareceram pouco a pouco num céu azul, avisando que tudo na natureza ia entregar-se ao repouso.

Então, senti que é no deserto que a harmonia exerce seu poder e um canto selvagem cria emoções profundas. As vozes de nossos índios misturando-se ao murmúrio das águas; o grito de alguns aléctores que pareciam responder à distância; os acentos pungentes dos guaribas chamando os companheiros na hora em que o dia se vai; tudo me fazia cair numa melancolia que não se consegue evitar e que se experimenta apenas na solidão.

Mal a noite tinha chegado e já os guerreiros, extenuados de cansaço, adormeceram em redes suspensas a estacas, às margens do rio. Kumuraí veio sentar-se perto do fogo de minha cabana e continuou assim:

"Decidi não me afastar e continuar a dirigir minha tribo fraca; mas eu acreditava que os sofrimentos eram suficientes para trazer o fim de meus males, pois não me sentia mais com bastante coragem para suportá-los por longo tempo. Meus guerreiros não tinham, entretanto, deixado de ir a São Simão e um deles trouxe-me um dia três flores misteriosas, (*) cuja linguagem os estrangeiros tinham-me ensinado. Significavam piedade, dor e resignação. Helena as mandara. O triste presente arrancou-me lágrimas ardentes, mas uma dor mais calma sucedeu aos meus funestos transportes e senti-me ligado à vida por um novo sentimento de gratidão.

Soube pouco tempo depois que aquela que sabia compartilhar meus sofrimentos devia em breve deixar São Simão para ir a uma cidade mais afastada, perto de uma irmã de quem era muito querida. Meu coração deveria estar acostumado a não esperar mais nada e, contudo, não pude ver sem um novo desgosto que Helena ia morar numa cidade brilhante. Parecia-me que longe da solidão nada lhe recordaria meu amor e novos prazeres iriam fazer com que esquecesse a perfídia que recompensara minha constância."

Mal acabara ele de dizer essas palavras, quando ouvimos um barulho repentino, semelhante ao prolongado estrondo do raio; mas o céu estava sereno e a calma mais profunda sucedeu a esse gemido da natureza.

"Nunca viu, disse ele observando minha surpresa, um emboaba soberbo (49), tenuemente seguro por suas raízes, desprender-se lentamente da colina, rolar de repente e arrastar com estrépido as árvores que o cercavam. (**)? Assim derrubou-me a adversidade: as paixões minaram minha existência e só a dor conserva-me a vida."

(*) Sem dúvida, os portugueses herdaram dos árabes esse modo de comunicar os sentimentos. Nós o encontramos em todas as cidades do Brasil.

(**) Esses desmoronamentos ocorrem amiúde nas florestas primitivas e muitas vezes encontra-se grande número de árvores abatidas, nos lugares onde o homem ainda não penetrara.

Terminando essas palavras, caiu em profundo devaneio e não pareceu mais se aperceber de tudo o que o rodeava. Respeitei-lhe o silêncio, mas não tardou que ele próprio o rompesse e continuasse assim:

"Uma noite, quando deixava o pensamento vaguear pelo futuro cruel que se apresentava diante de mim e já diversas vezes o rugir do jacaré tinha anunciado a borrasca, saí de minha cabana. A natureza estava agitada e tudo parecia pressagiar uma horrível tormenta: nuvens espessas rolavam ao redor de nossos rochedos, o vento fazia estremecer as florestas. Logo fez-se ouvir o raio e suas descargas sucediam-se com estrondo, quando vozes tumultuosas, acompanhadas da trompa, chegaram de repente aos meus ouvidos. Não tardei a reconhecer o canto de meus caçadores. Avanço e percebo, ao clarão dos relâmpagos, Helena carregada no meio deles. Contemplo-a com olhar desvairado e procuro, tocando suas vestes, assegurar-me de que não é uma dessas vãs ilusões que tantas vezes me oferece o sono. Anjo de bondade, quem a traz, disse-lhe enfim, caindo a seus pés, e o que vem procurar no meio dessas florestas? Kumuraí, disse-me ela, é a confiança que me trouxe aqui, pois a morte poderia ter-me subtraído à violência e só te teriam entregue um corpo inanimado, se eu não conhecesse tua alma generosa.

A essas palavras, levantei-me. A cólera mais terrível apoderou-se de meus sentidos; ia mostrar a meus guerreiros o que um chefe irritado tinha de temível, mas uma voz adorada interpôs-se e fui desarmado. Oh! exclamou ela com bondade, não os castigues pela falta de um só. Ele já encontrou a morte no meio dos meus e foi a sua audácia que dirigiu estes infelizes, que agora te imploram.

Keroê não existe mais, disse-me então um caçador, na língua de nossos pais, os estrangeiros o massacraram. Ele notara teu sofrimento e seu coração não podia mais suportá-lo. Venham, disse-nos ele um dia, e que nosso chefe não se sinta mais infeliz. Havemos de vê-lo impiedosamente entregue ao desespero; ouviremos seus gemidos sem nos comovermos? Vamos dar-lhe o prêmio que recusam a sua coragem. A bela Helena atravessa nossas florestas para se dirigir a uma cidade afastada: levemo-la para nossa solidão, só nosso chefe é digno de possuí-la. Pois bem, ele te deu a felicidade e reservou para si a morte.

Minha cólera acalmara-se. Não pude conter minhas lágrimas à lembrança de meu infeliz amigo e enderecei a Helena um olhar que pedia a recompensa de tantos males. Ela compreendeu-me, sem dúvida, e disse com amargura: Sou a causa de muitas infelicidades, mas não se pode nem mesmo encontrar a esperança junto de mim.

A tormenta aumentava sempre: logo meus guerreiros afastaram-se e supliquei-lhe que entrasse em minha gruta. Não temas, disse eu, meu respeito é mais forte do que meu amor e com uma única palavra podes afastar-me. Fiz com que sentasse num leito de folhagem e coloquei-me a seus pés, pedindo-lhe para mandar no que a cercava. Não mandarei, disse ela, espero tudo de tua generosidade; leva-me de volta à cidade e verás o que pode minha gratidão. Tuas mínimas vontades, se meu coração adivinhá-las, serão imediatamente cumpridas. Mas a uma única dessas vontades não posso submeter-me. Qual! eu ficaria isolado nesses lugares que embelezas com tua presença; quando te chamasse para trazer algum consolo a este coração dilacerado, ninguém responderia a minha voz; a mais nobre dedicação de um amigo enfim se tornaria inútil? Não, não, um índio não é capaz de tão grande sacrifício! Nas cidades, alguém o faria?

Ela caiu, então, em profunda aflição e disse que meu coração endurecido nunca a amara; prodigalizou-me mil nomes cruéis, verteu lágrimas e não fui bastante forte para resistir-lhe. Sua dor ao lembrar-se do pai venceu minha resolução. Pois bem, disse-lhe eu, privo-me de todas as esperanças de felicidade; para agradá-la é preciso elevar-se acima dos homens. Mas só se reservam tormentos aos que podem ainda amá-la. Seu olhar cheio de doçura tinha encontrado o meu, confesso, e quase esqueci o penoso sacrifício que acabava de fazer; senti-me desarmado. Sim, acrescentei, minha única felicidade será a de ter obedecido a teus menores desejos. Todavia, se não quisesses abandonar um infeliz, teu pai, com todo seu poder, jamais te obteria de mim. Estas florestas, sob minhas ordens, se eriçariam de flechas, nenhum dos seus homens nela poderia penetrar. Mas, tu o vês, minha bem amada, a noite é profunda, a chuva cai em torrentes

e o trovão ribombeia na floresta. Amanhã retornarás a São Simão, antes, por que não repousar entre nós? Poderás ver que os índios desfrutam a felicidade junto de suas companheiras, mesmo no meio das tempestades.

Ela consentiu, então, em ficar na minha simples habitação e disse-me com o sorriso da bondade: Quero trazer aqui a felicidade, quero que estes campos férteis comecem a ser cultivados. Mas, vendo uma alegria inquieta brilhar de repente em meu olhar, pareceu arrepender-se das palavras que lhe tinham escapado e seus olhos fixaram-se em mim com dolorosa compaixão.

Tu te enganas, compreendi teu pensamento, exclamei, não me fujas, não retornes jamais à cidade. Onde encontrarás a felicidade, se deixares nossas florestas? A idéia de que eu podia perdê-la para sempre apresentou-se ainda a meu espírito com tudo o que ela tinha de horroroso; eu quisera esquecer minhas promessas. Caí no desvario e supliquei, apertando-a ao peito, que não me abandonasse. Não, disse eu, jamais acreditaria que semelhantes tormentos me estavam reservados. Se fugires, esse será apenas o começo de um suplício ainda mais cruel. Meu amigo, respondeu ela, livrando-se de meus braços, seremos infelizes se não escutares a razão. Talvez um dia eu seja tua companheira, talvez meu pai abençoe nossa união, há acontecimentos na vida que suavizam os corações mais duros; e uma felicidade inesperada muda muito nossas resoluções. As últimas palavras lembraram-me pensamentos mais tranqüilos; eu estava perto dela e todas as ilusões da esperança começavam a renascer no meu coração.

Naquele momento, o raio ribombava ainda a distância e os cantos dos índios confundiam-se ao fraco rugir da floresta. Vê, disse-me ela, a calma sucede à tormenta; como a natureza, teu coração reencontrará a tranqüilidade. Ela acrescentou: Talvez também como a tempestade, teu amor se dissipará. Mas perguntei-lhe se o amor de que dependia toda nossa existência podia extinguir-se; ela respondeu-me apenas com um sorriso cheio de ternura.

A noite não estava ainda avançada e os caçadores vieram suplicar-lhe que participasse do festim que tinham preparado. Como uma divindade, ela espalhava a alegria sobre tudo o que a cercava; também meus guerreiros diziam-lhe numa linguagem simples: Fica entre os índios; a aldeia tornar-se-á uma poderosa cidade e apenas cantos de felicidade hão de ressoar nas nossas florestas.

As mulheres desvelavam-se a seu redor e pediam-lhe também para que não as deixasse. Como se ela as tivesse compreendido, trançaram um risonho quadro da vida das índias e dissiparam, por alguns instantes, com inocentes carícias, o desgosto profundo que parecia agitá-la.

Algumas horas ainda e o dia ia trazer para a tribo a tristeza e o desânimo. Abatida pelo cansaço, Helena adormecera num leito de folhagem, no meio de suas novas companheiras, e eu a contemplava no silêncio da noite. Não podia persuadir-me de que tinha prometido levá-la de volta para seu pai mas, aos primeiros raios do sol, quando seus belos olhos se abriram, e seu olhar encontrou o meu, tive de lembrar minha triste promessa e senti desvanecer-se a felicidade como um sonho.

Tentei novamente persuadi-la a não deixar nossas florestas. Foi inútil. Ela conjurou-me a não retê-la por muito tempo e levá-la a São Simão; mas nada pode igualar o desgosto e o espanto de meus caçadores quando souberam que íamos afastar-nos. Eu lhes parecia um verdadeiro insensato que recusava a felicidade para buscar novos sofrimentos e não concebiam que o amor pudesse tornar-me capaz de um sacrifício que devia excluir até a esperança; todavia impus silêncio aos murmúrios e escolhi vinte dentre eles para me acompanhar.

Não tardamos a nos encaminhar para a cidade. Helena era carregada numa rede e eu andava a seu lado. Dessa vez estava feliz pelos obstáculos que amiúde retardavam nossos passos e, se lianas agitadas pela brisa da manhã vinham balançar suas flores sobre a fronte virginal, eu me inclinava para ela com embriaguez e as afastava lentamente. O sabiá, o bem-te-vi, o feiticeiro, a araponga pareciam chegar de todos os lados para encantar nossa viagem e meus tristes pressentimentos eram dissipados por seus cantos de amor. Antes da metade do dia, atingimos as vizinhanças de São Simão: tropas que, sem dúvida, tinham sido enviadas à procura da filha do ouvidor, deram gritos de alegria quando nos viram. Várias pessoas juntaram-se a nós e outras correram diligentemente para a cidade, a fim de anunciar a feliz notícia de nosso regresso. Aí chegamos logo,

acompanhados por um cortejo numeroso de portugueses. A alegria espalhou-se em todos os traços do ouvidor ao rever Helena, mas, quando seu olhar voltou-se para mim, não pôde dissimular o embaraço que sentia em manifestar uma gratidão, a que era forçado, e que só podia provar concedendo-me a mão de sua filha. Eu esperava minha sorte com ansiedade, quando Helena encorajada pelas carícias do pai, abraçou seus joelhos e disse-lhe com a mais viva ternura: Oh! meu pai! Fiz esforços inúteis para vencer meus sentimentos e sinto que meu coração só poderia pertencer ao jovem chefe dos maxacalis. O senhor não quer minha infelicidade, não posso duvidar disso; o que oferecerá, pois, a ele em troca de tanto amor e como recompensará tanta generosidade? Dando-lhe riquezas? Nisso sua terra natal é pródiga. Fazendo com que obtenha honrarias? Ele prefere a nobre independência. Não rejeite meu pedido, talvez não esteja longe o tempo em que o senhor não lembrará, sem derramar lágrimas, de que poderia ter feito minha felicidade.

Essas últimas palavras enterneceram, por um momento, o ouvidor, mas seu natural triunfou e, após balbuciar algumas palavras insignificantes, pediu tempo para refletir sobre uma coisa, dizia ele, tão importante. Então, não me iludi mais com uma vã esperança e ia entregar-me a toda indignação que me inspirava sua perfídia; mas um olhar de Helena conteve meu furor. Kumuraí, disse-me ela, volta sozinho para tuas florestas, já que não posso ir contigo; se o céu me tivesse feito nascer uma pobre índia, eu teria sido mais feliz sem dúvida, porém não estava destinada a ser tua companheira. Entretanto, não pude deixar de te amar. Escuta ainda meu pedido: promete que vencerás tua dor, promete que tentarás afastar-te. Vai, tua aflição despedaça-me o coração, continuou ela chorando, não acrescenta a todas as minhas penas a idéia horrível de que pude privar-te para sempre de tua feliz tranqüilidade. Mas contemplei-a em silêncio e fiquei como que insensível a suas palavras. O pai, então, fez novo esforço para arrastá-la dali: caí a seus pés soltando fundos gemidos e ela já se afastara quando meus braços ainda a procuravam. Saí daquele lugar e errei pela cidade como um insensato; meu espírito engendrava mil projetos de desespero, não sei que força prendia-me à vida, quando a morte teria sido para mim o fim de tantos males.

Afastei-me, contudo, e voltei com os caçadores a nossos campos solitários. Vários dias se passaram sem que eu recebesse notícias de São Simão e, finalmente, soube que o ouvidor, escoltado por um cortejo numeroso, fora com a filha para a capital de Minas e que tomara a decisão de ficar lá por vários anos. Essa última circunstância aumentou ainda mais meus sofrimentos; senti que fazia esforços vãos para trazer resignação a minha alma, pois que estava destinado a conhecer sempre novas mágoas.

Oito dias depois, vi chegar ao meu refúgio um dos mais respeitáveis habitantes da cidade, que sempre me tinha demonstrado a maior afeição. Ele ficou horrorizado com a mudança que se operara em mim, mas a princípio ofereceu o consolo vago que cansa mais do que alivia a dor; ao ouvi-lo, sentia crescer meu abatimento, ficava insensível a suas falas e pronunciava o nome de Helena. Terá forças para ouvir-me? disse ele. Fui encarregado de transmitir-lhe palavras que lhe darão a resignação que parece desdenhar. Como! disse eu, podem ainda fazer-me desfrutar um momento de felicidade sobre a terra e demoram! Fale, oh! fale! Cada instante a mais agrava meu tormento. As ciências que seu orgulho despreza e que desejei ensinar-lhe vão mostrar-lhe como sofrer. É a própria Helena quem vai falar-lhe e minha voz não passará de um intérprete. Tirou então do seio uma carta que guardei depois. Embora os caracteres traçados sejam mudos para mim, minha memória reteve o que exprimem. Tu, que tanto mereces minha confiança por te interessares por meus sofrimentos, possuis o talento, entre nós ignorado, de recordar os pensamentos de um outro tempo; repete-me o que tantas vezes ouvi. Há nessas palavras, quando me chegam aos ouvidos, um encanto de que não posso cansar-me; os conselhos, ditados pela lembrança de minhas penas, parecem vir do alto; gostaria de ouvir sempre os acentos de piedade; enfim, ao ouvi-los não sei mais se ainda sou infeliz". Entregou-me a carta e eu li:

"Parto, Kumuraí; antes de afastar-me destes lugares, meu coração quer ainda falar-lhe. É muito infeliz, mas o que me disseram de seu desespero sombrio mostra-me que não sabe suportar seus males. Entretanto, nada o obriga a conter-se sempre; é uma vantagem que possui e que as mulheres, nas nossas cidades, não têm. Imagine nossos tormentos: sofremos sem queixa; somos forçadas a suportar as dores da alma com

a coragem que os guerreiros se envergonhariam de não mostrar em meio aos sofrimentos com que, às vezes, a morte os cerca. Escute, pois, aquela que não está alheia a seus males; apenas ela os conhece, apenas ela pode consolá-lo. É nas lembranças que estão suas penas, é nelas também que poderá encontrar a resignação. Se, ouvindo apenas o sentimento cego das paixões, não lhe tivesse resistido, sua alma, cuja nobreza eu vi, estaria gemendo muito mais. É horrível não poder dizer em voz alta porque somos infelizes: que teria para confessar a quem o lastimasse? Acaso diria que, vencido por um amor funesto, ultrajou aquela a quem amava e que a lembrança dela em lágrimas o persegue sempre, que chorou também sem ser digno de consolo? Acaso diria que prendeu nas florestas uma mulher indefesa que chamava pelo pai e a quem a dor teria matado? Ousaria mostrar-me como uma suplicante diante de sua inflexibilidade? Ousaria dizer que uma alegria odiosa respondia aos gritos que me arrancavam continuamente os tormentos? Diga ao contrário: arrastada por uma violência em que não tomei parte, ela veio até mim, sua confiança a trouxe e, se a expressão de um amor ardente procurou mudar sua resolução, descrever-lhe a felicidade com que eu desejaria envolvê-la, não suportei sem horror a vista de suas lágrimas e essas lágrimas bastaram para me decidir. Descreva minha gratidão, amigo; não tema descrever minha ternura, ela é sua e, para mim, ela é mesmo um dever; não tema que o tempo suavize um sentimento que não depende, nem de nossos usos, nem de nossos costumes, nem de minha vontade. Para mim, meu amigo é um ser diferente de todos os homens, o filho da natureza que a civilização não pôde corromper. Desprezo esta civilização de que tanto nos orgulhamos, porque o amo. O tempo não concede longos dias àqueles que o fizeram mais rápido pelo ardor funesto de seus sentimentos; hei de precedê-lo talvez no túmulo, mas lá chegarei menos dolorosamente, se pensar que é para revê-lo. Quando nos quiseram desunir, eu o aproximei de nossa religião para associá-lo a uma felicidade eterna. Não esqueça, Kumuraí: em seus últimos momentos, as preces deste coração aflito serão suas e, se a fraqueza apagá-las em meus lábios, nem por isso deixarão de ir ao trono da divindade. Os últimos desejos de uma alma pura devem ser os mais poderosos."

Durante a leitura, eu não ousara olhar o jovem chefe. Há instantes em que tememos a própria emoção. Quando as desgraças já vão longe, a dor que manifestamos pode reanimá-las e ela mostra o que há de terrível nos males sofridos, pois eles comovem tão fortemente o coração de um estrangeiro. Suspiros abafados avisaram-me do que se passava na alma de Kumuraí. "Sim, disse-me ele, jogando-se em meus braços, sim, devo enfim resignar-me; a esperança que ela me dá é bastante bela, mas já pudeste julgar se os queixumes que me acabrunham devem ser perdoados.

Há mais ou menos dois anos, continuou ele após guardar silêncio por algum tempo, os anciãos fizeram-me levar a tribo para as bordas do mar onde outrora eles tinham feito muitas trocas com os portugueses. Esperei que as viagens pudessem distrair a melancolia e decidi deixar nossas florestas por vários anos. Mais felizes do que eu, muitos de nossos guerreiros pereceram em diversos embates que tivemos com os botocudos, antes de atingir Canavieras. Quando de minha chegada, o capitão-mor da província estava nessa vila; acolheu-me com bondade, contei-lhe minhas desgraças e ele com seus conselhos prudentes procurou afastar as tristes lembranças que cobriam de sombras meu coração. Não repetirei aqui todas as falas que lhe inspirou a inquietude quanto à minha sorte. Seus esforços foram inúteis, eu as esqueci, mas guardei duradoura lembrança de sua terna compaixão e darei ainda muitas lágrimas a sua memória."

Kumuraí parou, então, de falar e guardamos, por longo tempo, um profundo silêncio. Eu teria desejado dar-lhe alguma esperança. Não ousava fazê-lo, entretanto, e via com mágoa que só era possível lastimá-lo, sem tentar despertar em sua alma um sentimento que devia ser afastado para sempre. Lembrei-lhe, porém, as palavras que Helena lhe dirigira, ao deixá-lo, e esforcei-me por persuadi-lo de que podia ainda experimentar alguma felicidade na terra, se procurasse realizar a de seus índios que logo estariam dispersos como os de outras tribos, caso ele não os convencesse de novo a cultivar as terras que tinham abandonado. Minhas últimas palavras causaram-lhe profunda impressão e ele prometeu que tentaria afastar os pensamentos que incessantemente o ocupavam. Mas eu mesmo sentia com pena que só o tempo poderia dar-lhe coragem.

Depois de viajarmos ainda vários dias, a natureza começou a apresentar outras paisagens. Já tínhamos ultrapassado os

morros de Cachoeirinha (50) cujos cimos, sempre cobertos de florestas, ainda se ofereciam aos nossos olhares, no meio das nuvens. As colinas que nos cercavam desciam em suave inclinação até a margem e o pau-d'arco de flores amarelas desdobrava para todos os lados seus ricos enfeites. Uma planta trepadeira, semelhante à convulvulácea, cobria com os braços flexíveis uma multidão de pequenos arbustos pouco elevados; ela lhes dava mil formas regulares e dir-se-ia, a alguma distância, que um gênio se teria deleitado em erguer às margens do Belmonte, magníficos jardins onde se viam, de todos os lados, como que berços elegantes, assentos de relva e pirâmides de verdura. Várias canoas que vinham de Minas Novas passavam naquele momento, em direção a Belmonte, e apenas o barulho dos remos rompia o silêncio da solidão. Entretanto, quase ao fim do dia, começamos a ver blocos de granito que suspendiam suas massas enormes acima das águas; alguns rochedos estranhamente talhados elevavam-se no meio do rio e pareciam querer detê-lo em seu curso. Mas as vagas impetuosas transpunham rugindo os obstáculos que a natureza opunha e arrastavam com rapidez as pirogas dos habitantes de Minas, que não receavam confiar as frágeis embarcações à habilidade dos índios. Víamos que eles batiam com o remo, ao mesmo tempo, em vinte rochas diferentes e arremetiam como um raio rumo às férteis praias que acabávamos de deixar.

Subimos penosamente algumas cascatas, ora empurrando as canoas, algumas vezes puxando-as por cordagens, e cheguei enfim ao lugar onde os maxacalis deviam tomar um caminho diferente. Ia deixar Kumuraí para não mais revê-lo: percebia com sofrimento quanto seu coração ainda estava agitado e esforcei-me de novo para trazer-lhe resignação. Mas, no dia seguinte, ao amanhecer, quando tivemos de nos afastar, vi o que lhe custava a separação. Adeus, disse ele apertando-me a mão, regressarei aos nossos desertos e não encontrarei um amigo; estarei só com minhas lembranças; todas as minhas dores renascerão e ninguém jamais saberá quanto sou infeliz. Mas tu, não me esqueças pelo menos e, quando de volta à pátria, tua alma se transportar a nossas terras distantes, olha-me na cabana isolada; nossos pensamentos hão de se encontrar, vencendo os mares. Prometi-lhe que nunca o esqueceria; abracei-o e separamo-nos para seguir novos caminhos.

X. ANEXO II [91]: *I-JUCA PIRAMA.*

[91] Cópia do poema *I-Juca Pirama*, de Gonçalves Dias, extraída do livro *Obras Poéticas de Antônio Gonçalves Dias*, editada por Manuel Bandeira. São Paulo: Nacional, 1944, 2 vol.

I - JUCA - PIRAMA

I

No meio das tabas de amenos verdores,
Cercadas de troncos — cobertos de flores,
Alteiam-se os tetos d'altiva nação;
São muitos seus filhos, nos ânimos fortes,

Temíveis na guerra, que em densas coortes
Assombram das matas a imensa extensão.

São rudos, severos, sedentos de glória,
Já prélios incitam, já cantam vitória,
Já meigos atendem à voz do cantor:
São todos Timbiras, guerreiros valentes!
Seu nome lá voa na bôca das gentes,
Condão de prodígios, de glória e terror!

As tribos vizinhas, sem fôrças, sem brio,
As armas quebrando, lançando-as ao rio,
O incenso aspiraram dos seus maracás:
Medrosos das guerras que os fortes acendem,
Custosos tributos ignavos lá rendem,
Aos duros guerreiros sujeitos na paz.

No centro da taba se estende um terreiro,
Onde ora se aduna o concílio guerreiro
Da tribo senhora, das tribos servis:
Os velhos sentados praticam doutrora,
E os moços inquietos, que a festa enamora,
Derramam-se em tôrno dum índio infeliz.

Quem é? — ninguém sabe: seu nome é ignoto,
Sua tribo não diz: — de um povo remoto[1]
Descende por certo — dum povo gentil;
Assim lá na Grécia ao escravo insulano
Tornavam distinto do vil muçulmano
As linhas corretas do nobre perfil.

1. Na edição Garnier das *Poesias*, organizada e revista por Joaquim Norberto, aparece sem justificação a variante: «Sua tribo não diz: — mas de um povo remoto».

Por casos de guerra caiu prisioneiro
Nas mãos dos Timbiras : — no extenso terreiro
Assola-se o teto, que o teve em prisão ;
Convidam-se as tribos dos seus arredores,
Cuidosos se incumbem do vaso das côres,
Dos vários aprestos da honrosa função.

Acerva-se a lenha da vasta fogueira,
Entesa-se a corda da embira ligeira,
Adorna-se a maça com penas gentis :
A custo, entre as vagas do povo da aldeia
Caminha o Timbira, que a turba rodeia,
Garboso nas plumas de vário matiz.

Entanto as mulheres com lêda trigança,
Afeitas ao rito da bárbara usança,
O índio já querem cativo acabar :
A coma lhe cortam, os membros lhe tingem,
Brilhante enduape no corpo lhe cingem,
Sombreia-lhe a fronte gentil canitar.

II

Em fundos vasos d'alvacenta argila
Ferve o cauim ;
Enchem-se as copas, o prazer começa,
Reina o festim.

O prisioneiro, cuja morte anseiam,
Sentado está,
O prisioneiro, que outro sol no ocaso
Jamais verá !

A dura corda, que lhe enlaça o colo,
Mostra-lhe o fim
Da vida escura, que será mais breve
Do que o festim !

Contudo os olhos d'ignóbil[1] pranto
Secos estão ;
Mudos os lábios não descerram queixas
Do coração.

Mas um martírio, que encobrir não pode,
Em rugas faz
A mentirosa placidez do rosto
Na fronte audaz !

Que tens, guerreiro ? Que temor te assalta
No passo horrendo ?.
Honra das tabas que nascer te viram,
Folga morrendo.

Folga morrendo ; porque além dos Andes
Revive o forte,
Que soube ufano contrastar os mêdos
Da fria morte.

Rasteira grama, exposta ao sol, à chuva,[2]
Lá murcha e pende :
Sòmente ao tronco, que devassa os ares,
O raio ofende !

1. O poeta contou quatro silabas em «ignóbil», pronunciando «iguinóbil».

2. Na edição Paula Brito está «e chuva».

Que foi? Tupã mandou que êle caísse,
Como viveu;
E o caçador que o avistou prostrado
Esmoreceu!

Que temes, ó guerreiro? Além dos Andes
Revive o forte,
Que soube ufano contrastar os mêdos
Da fria morte.

III

Em larga roda de novéis guerreiros
Ledo caminha o festival Timbira,
A quem do sacrifício cabe as honras.[1]
Na fronte o canitar sacode em ondas,
O enduape na cinta se embalança,
Na destra mão sopesa a iverapeme,
Orgulhoso e pujante. — Ao menor passo
Colar d'alvo marfim, insígnia d'honra,
Que lhe orna o colo e o peito, ruge e freme,
Como que por feitiço não sabido
Encantadas ali as almas grandes
Dos vencidos Tapuias, inda chorem[2]
Serem glória e brasão d'imigos feros.

«Eis-me aqui», diz ao índio prisioneiro;
«Pois que fraco, e sem tribo, e sem família.
As nossas matas devassaste ousado,
Morrerás morte vil da mão de um forte.»

1. Na edição Garnier está «a honra».
2. Na edição Garnier está, sem justificação, «choram».

Vem a terreiro o mísero contrário;
Do colo à cinta a muçurana desce:
«Dize-nos quem és, teus feitos canta,[1]
Ou se mais te apraz, defende-te.» Começa[2]
O índio, que ao redor derrama os olhos,
Com triste voz que os ânimos comove.

IV

«Meu canto de morte,
Guerreiros, ouvi:
Sou filho das selvas,
Nas selvas cresci;
Guerreiros, descendo
Da tribo tupi.

«Da tribo pujante,
Que agora anda errante
Por fado inconstante,
Guerreiros, nasci:
Sou bravo, sou forte,
Sou filho do Norte;
Meu canto de morte,
Guerreiros, ouvi.

1. Está assim também nas edições de Paula Brito e 4ª de Leipzig. Na ed. Garnier, J. Norberto corrigiu para: «Dize-nos tu quem és...» Como vai aqui, o verso tem nove sílabas, mas, relacionado com o precedente e o seguinte, cai bem no ritmo.

2. Está assim nas edições Paula Brito e 4ª de Leipzig. J. Norberto corrigiu para: «Ou se te apraz...» Como vai aqui, teria o poeta incorporado a conjunção «ou» ao verso precedente.

«Já vi cruas brigas,
De tribos imigas,
E as duras fadigas
Da guerra provei;
Nas ondas mendaces
Senti pelas faces
Os silvos fugaces
Dos ventos que amei.

«Andei longes terras,
Lidei cruas guerras,
Vaguei pelas serras
Dos vis Aimorés;
Vi lutas de bravos,
Vi fortes — escravos!
De estranhos ignavos
Calcados aos pés.

«E os campos talados,
E os arcos quebrados,
E os piagas coitados
Já sem maracás;[1]
E os meigos cantores,
Servindo a senhores,
Que vinham traidores,
Com mostras de paz.

1. Na edição Paula Brito está «Sem seus maracás».

«Aos golpes do imigo
Meu último amigo,
Sem lar, sem abrigo
Caiu junto a mi!
Com plácido rosto,
Sereno e composto,
O acerbo[1] desgôsto
Comigo sofri.

«Meu pai a meu lado
Já cego e quebrado,
De penas ralado,
Firmava-se em mi:
Nós ambos, mesquinhos,
Por ínvios caminhos,
Cobertos d'espinhos
Chegamos aqui!

«O velho no entanto
Sofrendo já tanto
De fome e quebranto,
Só qu'ria[2] morrer!
Não mais me contenho,
Nas matas me embrenho,
Das frechas que tenho
Me quero valer.

«Então, forasteiro,
Caí prisioneiro
De um trôço guerreiro
Com que me encontrei:

1. Paula Brito: «interno».
2. Paula Brito: «queria».

O cru dessossêgo
Do pai fraco e cego,
Enquanto não chego,
Qual seja, — dizei!

«Eu era o seu guia
Na noite sombria,
A só alegria
Que Deus lhe deixou:
Em mim se apoiava,
Em mim se afirmava,
Em mim descansava,
Que filho lhe sou.

«Ao velho coitado
De penas ralado,
Já cego e quebrado,
Que resta? — Morrer.
Enquanto descreve
O giro tão breve
Da vida que teve,
Deixai-me viver!

«Não vil, não ignavo,
Mas forte, mas bravo,
Serei vosso escravo:
Aqui virei ter.
Guerreiros, não coro
Do pranto que choro;
Se a vida deploro,
Também sei morrer.»

V

«Soltai-o!» — diz o chefe. Pasma a turba;
Os guerreiros murmuram: mal ouviram,
Nem pôde nunca um chefe dar tal ordem!
Brada segunda vez com voz mais alta,
Afrouxam-se as prisões, a embira cede,
A custo, sim; mas cede: o estranho é salvo.

— «Timbira», diz o índio enternecido,
Sôlto apenas dos nós que o seguravam:
«És um guerreiro ilustre, um grande chefe,
Tu que assim do meu mal te comoveste,
Nem sofres que, transposta a natureza,
Com olhos onde a luz já não cintila,
Chore a morte do filho o pai cansado,
Que sòmente por seu na voz conhece.»
— «És livre: parte.»
— «E voltarei.»
— «Debalde.»
— «Sim, voltarei, morto meu pai.»
— «Não voltes!
É[1] bem feliz, se existe, em que não veja,
Que filho tem, qual chora:[2] és livre; parte!»
— «Acaso tu supões que me acobardo,
Que receio morrer!»
— «És livre; parte!»

---

1. Está «E», sem dúvida descuido de revisão, na 3.ª edição dos *Cantos*, de Leipzig, 1857. Na edição Paula Brito está «É».

2. Paula Brito: «Como seu filho chora».

— «Ora não partirei ; quero provar-te
Que um filho dos Tupis vive com honra,
E com honra maior, se acaso o vencem,
Da morte o passo glorioso afronta.»

— «Mentiste, que um Tupi não chora nunca,
E tu choraste !... parte ; não queremos
Com carne vil enfraquecer os fortes.»

Sobresteve o Tupi : — arfando em ondas
O rebater do coração se ouvia
Precipite. — Do rosto afogueado
Gélidas bagas de suor corriam :
Talvez que o assaltava um pensamento...
Já não... que na enlutada fantasia,
Um pesar, um martírio ao mesmo tempo,
Do velho pai a moribunda imagem
Quase bradar-lhe ouvia : — «Ingrato ! ingrato !»
Curvado o colo, taciturno e frio,
Espectro d'homem, penetrou no bosque !

VI

— «Filho meu, onde estás ?»
— «Ao vosso lado ;
Aqui vos trago provisões : tomai-as,
As vossas fôrças restaurai perdidas,
E a caminho, e já !»
— «Tardaste muito !
Não era nado o sol, quando partiste,
E frouxo o seu calor já sinto agora !»

— «Sim, demorei-me a divagar sem rumo,
Perdi-me nestas matas intrincadas,
Reaviei-me e tornei ; mas urge o tempo ;
Convém partir, e já !»
— «Que novos males
Nos resta de sofrer ? — que novas dores,
Que outro fado pior Tupã nos guarda ?»
— «As setas da aflição já se esgotaram,
Nem para novo golpe espaço intacto
Em nossos corpos resta.»
— «Mas tu tremes !»
— «Talvez do afã da caça...»
— «Oh filho caro !
Um quê misterioso aqui me fala,
Aqui no coração ; piedosa fraude
Será por certo, que não mentes nunca !
Não conheces temor, e agora temes ?
Vejo e sei : é Tupã que nos aflige,
E contra o seu querer não valem brios.
Partamos !...» —
E com mão trêmula, incerta,
Procura o filho, tateando as trevas
Da sua noite lúgubre e medonha.
Sentindo o acre odor das frescas tintas,
Uma idéia fatal correu-lhe à mente...
Do filho os membros gélidos apalpa,
E a dolorosa maciez das plumas
Conhece estremecendo : — foge, volta,
Encontra sob as mãos o duro crânio,
Despido então do natural ornato !...
Recua aflito e pávido, cobrindo
Às mãos ambas os olhos fulminados.

Como que teme ainda o triste velho
De ver, não mais cruel, porém mais clara,
Daquele exício grande a imagem viva
Ante os olhos do corpo afigurada.

Não era que a verdade conhecesse
Inteira e tão cruel qual tinha sido;
Mas que funesto azar correra o filho,
Êle o via; êle o tinha ali presente;
E era de repetir-se a cada instante.
A dor passada, a previsão futura
E o presente tão negro, ali os tinha;
Ali no coração se concentrava,
Era num ponto só, mas era a morte!

— «Tu prisioneiro, tu?»
— «Vós o dissestes.»
— «Dos índios?»
— «Sim.»
— «De que nação?»
— «Timbiras.»
— «E a muçurana funeral rompeste,
Dos falsos manitôs quebraste a maça...»
— «Nada fiz... aqui estou.»
— «Nada!» —
Emudecem:
Curto instante depois prossegue o velho:
—«Tu és valente, bem o sei; confessa,
Fizeste-o, certo, ou já não fôras vivo!»

— «Nada fiz; mas souberam da existência
De um pobre velho, que em mim só vivia...»

— «E depois?...»
— «Eis-me aqui.»
— «Fica essa taba?»
— «Na direção do sol, quando transmonta.»
— «Longe?»
— «Não muito.»
— «Tens razão: partamos.»
— «E quereis ir?...»
— «Na direção do ocaso.»

VII

«Por amor de um triste velho,
Que ao têrmo fatal já chega,
Vós, guerreiros, concedestes
A vida a um prisioneiro.
Ação tão nobre vos honra,
Nem tão alta cortesia
Vi eu jamais praticada
Entre os Tupis, — e mas[1] foram
Senhores em gentileza.

«Eu, porém, nunca vencido,
Nem nos combates por armas,
Nem por nobreza nos atos;
Aqui venho, e o filho trago.
Vós o dizeis prisioneiro,
Seja assim como dizeis;
Mandai vir a lenha, o fogo,
A maça do sacrifício

1. Entenda-se: «e contudo».

E a muçurana ligeira :
Em tudo o rito se cumpra !
E quando eu fôr só na terra,
Certo acharei entre os vossos,
Que tão gentis se revelam,
Alguém que meus passos guie ;
Alguém, que vendo o meu peito
Coberto de cicatrizes,
Tomando a vez de meu filho,
De haver-me por pai se ufane !»

Mas o chefe dos Timbiras,
Os sobrolhos encrespando,
Ao velho Tupi guerreiro
Responde com tôrvo acento :

— «Nada farei do que dizes :
É teu filho imbele e fraco !
Aviltaria o triunfo
Da mais guerreira das tribos
Derramar seu ignóbil[1] sangue :
Êle chorou de cobarde ;
Nós outros, fortes Timbiras,
Só de heróis fazemos pasto.» —

Do velho Tupi guerreiro
A surda voz na garganta
Faz ouvir uns sons confusos,
Como os rugidos de um tigre,
Que pouco a pouco se assanha !

1. O poeta, que em II contara quatro sílabas em «ignóbil», aqui conta três e ainda faz a sinérese violenta da primeira sílaba com o adjetivo anterior, «seu».

VIII

— «Tu choraste em presença da morte ?
Na presença de estranhos choraste ?
Não descende o cobarde do forte ;
Pois choraste, meu filho não és !
Possas tu, descendente maldito
De uma tribo de nobres guerreiros,
Implorando cruéis forasteiros,
Sêres prêsa dos vis Aimorés.

«Possas tu, isolado na terra,
Sem arrimo e sem pátria vagando,
Rejeitado da morte na guerra,
Rejeitado dos homens na paz,
Ser das gentes o espectro execrado ;
Não encontres amor nas mulheres,
Teus amigos, se amigos tiveres,
Tenham alma inconstante e falaz !

«Não encontres doçura no dia,
Nem as côres da aurora te ameiguem,
E entre as larvas da noite sombria
Nunca possas descanso gozar :
Não encontres um tronco, uma pedra,
Posta ao sol, posta às chuvas e aos ventos,
Padecendo os maiores tormentos,
Onde possas a fronte pousar.

«Que a teus passos a relva se torre ;
Murchem prados, a flor desfaleça,
E o regato que límpido corre,
Mais te acenda o vesano furor ;

Suas águas depressa se tornem,
Ao contacto dos lábios sedentos,
Lago impuro de vermes nojentos,
Donde fujas com asco e terror!

«Sempre o céu, como um teto incendido,
Creste e punja teus membros malditos,
E oceano[1] de pó denegrido
Seja a terra ao ignavo tupi!
Miserável, faminto, sedento,
Manitôs lhe não falem nos sonhos,
E do horror os espectros medonhos
Traga sempre o cobarde após si.

«Um amigo não tenhas piedoso
Que o teu corpo na terra embalsame,
Pondo em vaso d'argila cuidoso
Arco e frecha e tacape a teus pés!
Sê maldito, e sòzinho na terra;
Pois que a tanta vileza chegaste,
Que em presença da morte choraste,
Tu, cobarde, meu filho não és.»

IX

Isto dizendo, o miserando velho
A quem Tupã tamanha dor, tal fado
Já nos confins da vida reservara,
Vai com trêmulo pé, com as mãos já frias
Da sua noite escura as densas trevas

1. Está «o oceano» em tôdas as edições. A correção é do Prof. Sousa da Silveira, em *Trechos Seletos*, 2ª ed., pág. 322.

Palpando. — Alarma! alarma! — O velho pára.
O grito que escutou é voz do filho,
Voz de guerra que ouviu já tantas vêzes
Noutra quadra melhor. — Alarma! alarma!
— Êsse momento só vale apagar-lhe
Os tão compridos transes, as angústias,
Que o frio coração lhe atormentaram
De guerreiro e de pai: — vale, e de sobra.
Êle que em tanta dor se contivera,
Tomado pelo súbito contraste,
Desfaz-se agora em pranto copioso,
Que o exaurido coração remoça.

A taba se alborota, os golpes descem,
Gritos, imprecações profundas soam,
Emaranhada a multidão braveja,
Revolve-se, enovela-se confusa,
E mais revôlta em mor furor se acende.
E os sons dos golpes que incessantes fervem,
Vozes, gemidos, estertor de morte
Vão longe pelas êrmas serranias
Da humana tempestade propagando
Quantas vagas de povo enfurecido
Contra um rochedo vivo se quebravam.

Era êle, o Tupi; nem fôra justo
Que a fama dos Tupis — o nome, a glória,
Aturado labor de tantos anos,
Derradeiro brasão da raça extinta,
De um jacto e por um só se aniquilasse.

— «Basta!» clama o chefe dos Timbiras,[1]
— «Basta, guerreiro ilustre! assaz lutaste,
E para o sacrifício é mister fôrças.» —

O guerreiro parou, caiu nos braços
Do velho pai, que o cinge contra o peito,
Com lágrimas de júbilo bradando:
«Êste, sim, que é meu filho muito amado!
E pois que o acho enfim, qual sempre o tive,
Corram livres as lágrimas que choro,
Estas lágrimas, sim, que não desonram.»

X

Um velho Timbira, coberto de glória,
Guardou a memória
Do moço guerreiro, do velho Tupi!
E à noite, nas tabas, se alguém duvidava
Do que êle contava,
Dizia prudente: — «Meninos, eu vi!

«Eu vi o brioso no largo terreiro
Cantar prisioneiro
Seu canto de morte, que nunca esqueci:
Valente, como era, chorou sem ter pejo;
Parece que o vejo,
Que o tenho nest'hora diante de mi.

1. Está assim também nas edições Paula Brito e 4ª de Leipzig. J. Norberto corrigiu para: «já clama...»

45.951/175

de Filosofia, Ciênc

«Eu disse comigo: Que infâmia d'escravo!
Pois não, era um bravo;
Valente e brioso, como êle, não vi!
E à fé que vos digo: parece-me encanto
Que quem chorou tanto,
Tivesse a coragem que tinha o Tupi!»

Assim o Timbira, coberto de glória,
Guardava a memória
Do moço guerreiro, do velho Tupi.
E à noite nas tabas, se alguém duvidava
Do que êle contava,
Tornava prudente: «Meninos, eu vi!»

(*Ibidem*, 2º tomo, págs. 18-35.)

XI. ANEXO III[92]: QUADRO FÔNICO DE *I-JUCA PIRAMA*.

Convenções:

_____ : sílaba métrica átona;

__/__: sílaba métrica com intensidade relevante;

__'__: sílaba com incidência de cume tonal;

__'/__: sílaba com incidência de cume tonal e com intensidade relevante;

__,/__: sílaba com intensidade relevante e com cume tonal debilitado;

| : pausa melódica interna;

⊥ : pausa melódica interna incidente sobre sinalefa da sílaba antecedente;

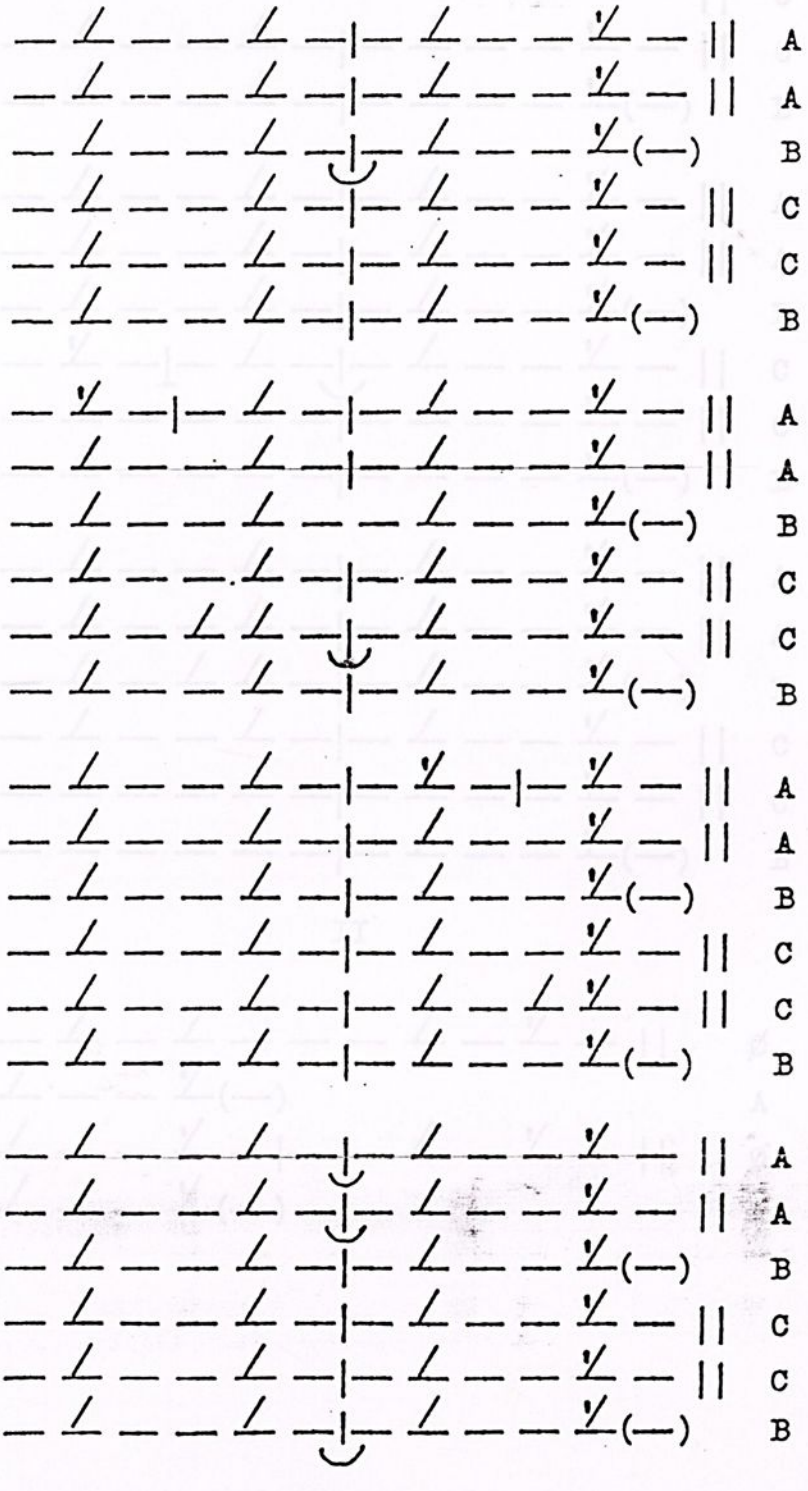
‖ : pausa axial ou formal;

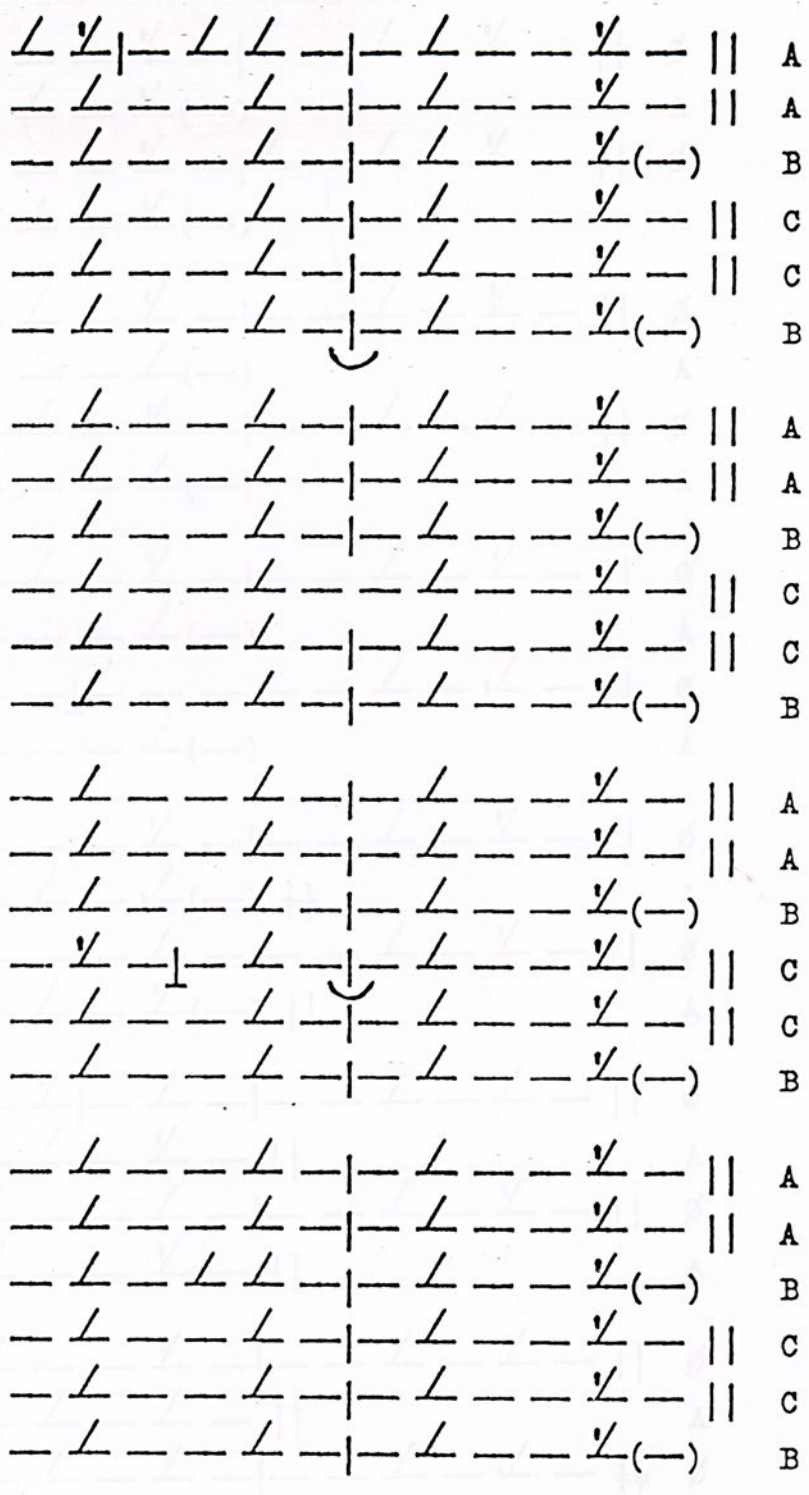
⋕ : encavalgamento.

---

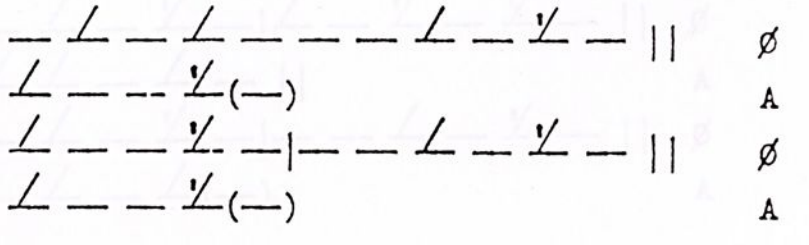
[92] Cópia do quadro fônico do poema *I-Juca Pirama*, de Gonçalves Dias, extraída da Dissertação de Mestrado de Maurício César Alves Pereira, intitulada *Ritmo na poesia indianista de Gonçalves Dias*, apresentada ao Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, da Universidade Estadual Paulista, em 1984.

QUADRO FÔNICO





II



— — — ½ —|∠ — ∠ — ½ — || ø
— ∠ — ½(—) A
— — — ½ —|∠ — ∠ — ½ — || ø
— ∠ — ½(—) A

— ∠ — ½ —|— — ∠ — ½ — || ø
∠ — — ∠(—) A
— ∠ — ½ —|— — ∠ — ∠ — ♯♯ ø
— — — ∠(—) A

— ∠ — ½ —|— — ∠ — ½ — || ø
∠ — — ∠(—) A
½ —⊥∠ — — — — ∠ — ∠ — ♯♯ ø
— — — ∠(—) A

— — — ½ —|— — ∠ — ½ — || ø
— ∠ — ∠(—) ♯♯ A
— — — ∠ — — — ∠ — ½ — || ø
— ∠ — ½(—) || A

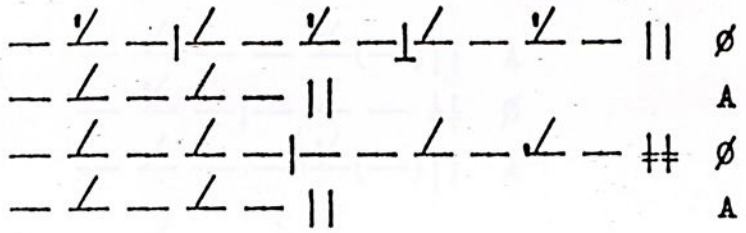
— ½|— ∠ —|— — ∠ — ½ — || ø
— ∠ — ½ — || A
∠ — — ∠ —|— — ∠ — ½ — || ø
∠ — — ½ — || A

∠ — — ½ —|— — ∠ — ½ — || ø
— ∠ — ∠ — || A
— ∠ — ½ —|— — ∠ — ∠ — ♯♯ ø
— ∠ — ∠ — || A

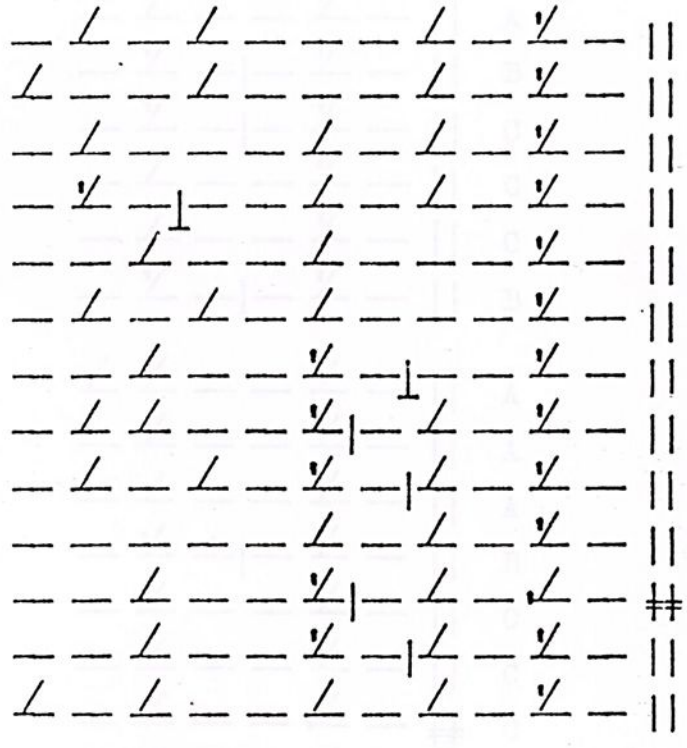
— ∠ — ½ —|∠ — ½|— ½ — || ø
∠ ∠ — ∠ — || A
— ∠ — ½ —|— — ∠ — ½ — || ø
— ∠ — ∠(—) A

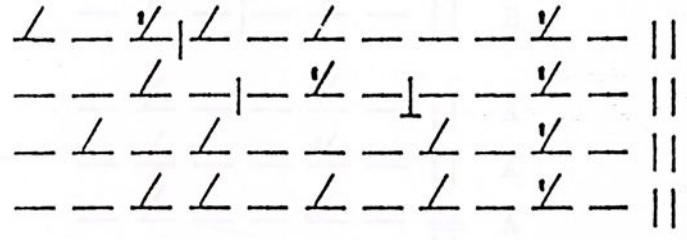
— ½|— ∠ — ∠ ∠ — — ½ — || ø
— — — ∠(—) A
— — — ½|— — — ∠ — ½ — || ø
— — — ∠(—) A

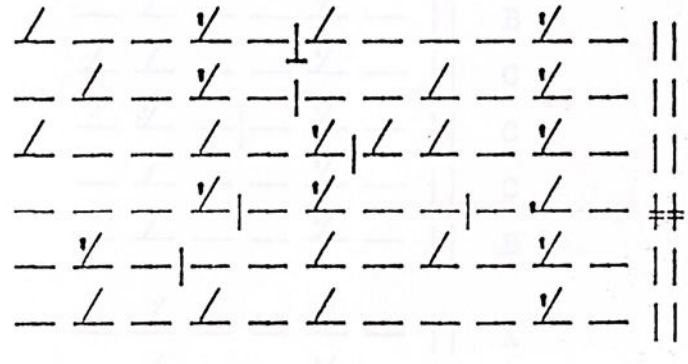
cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18



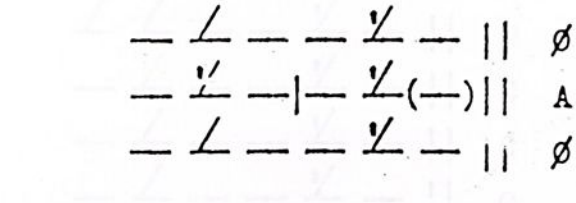
III

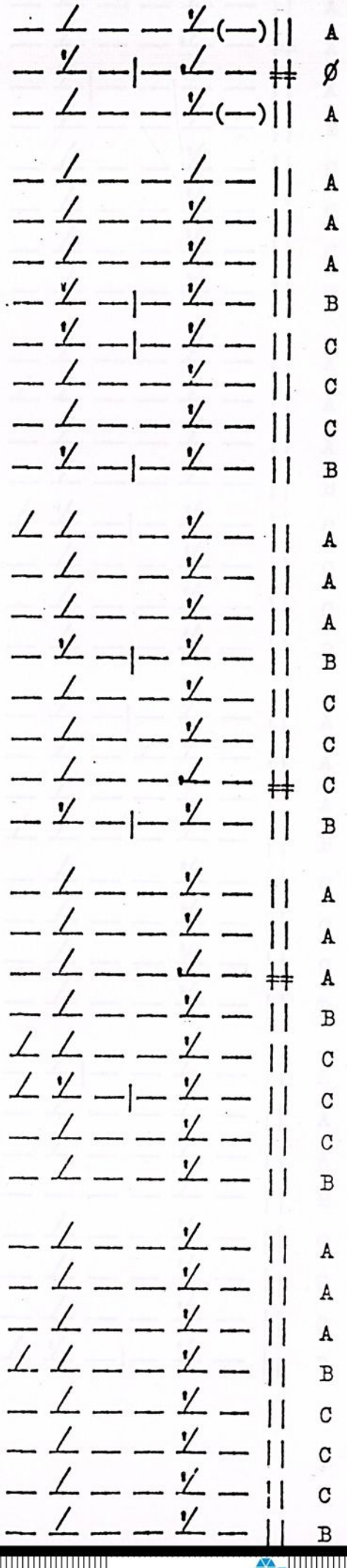


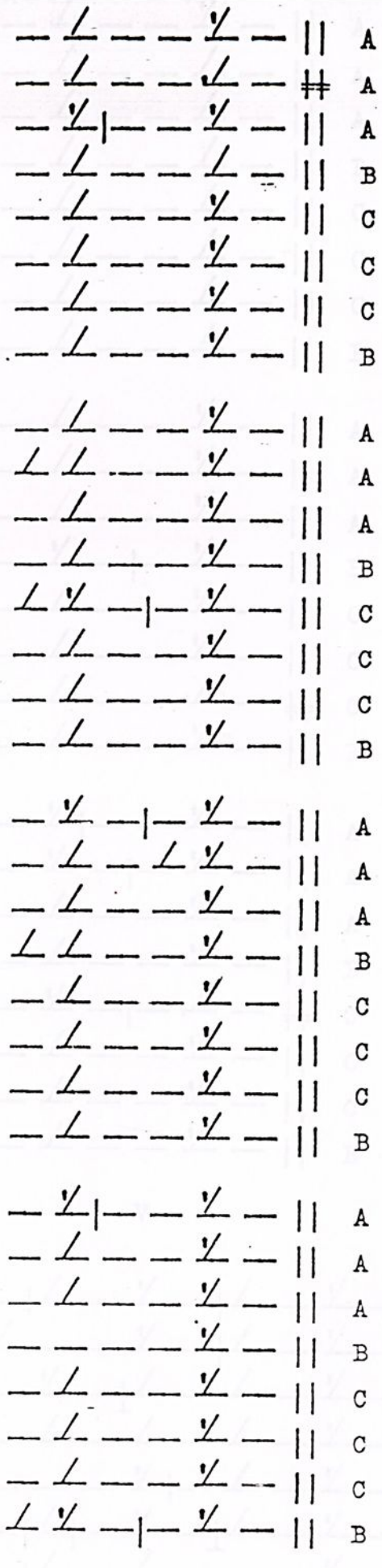


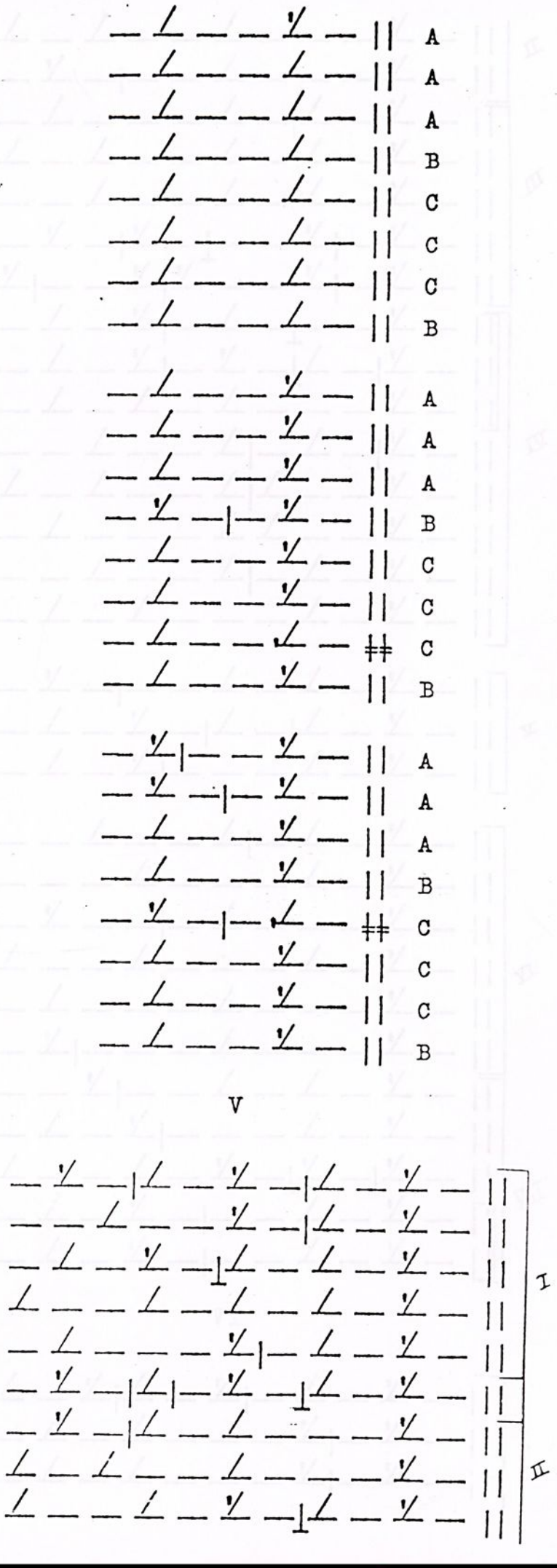


IV



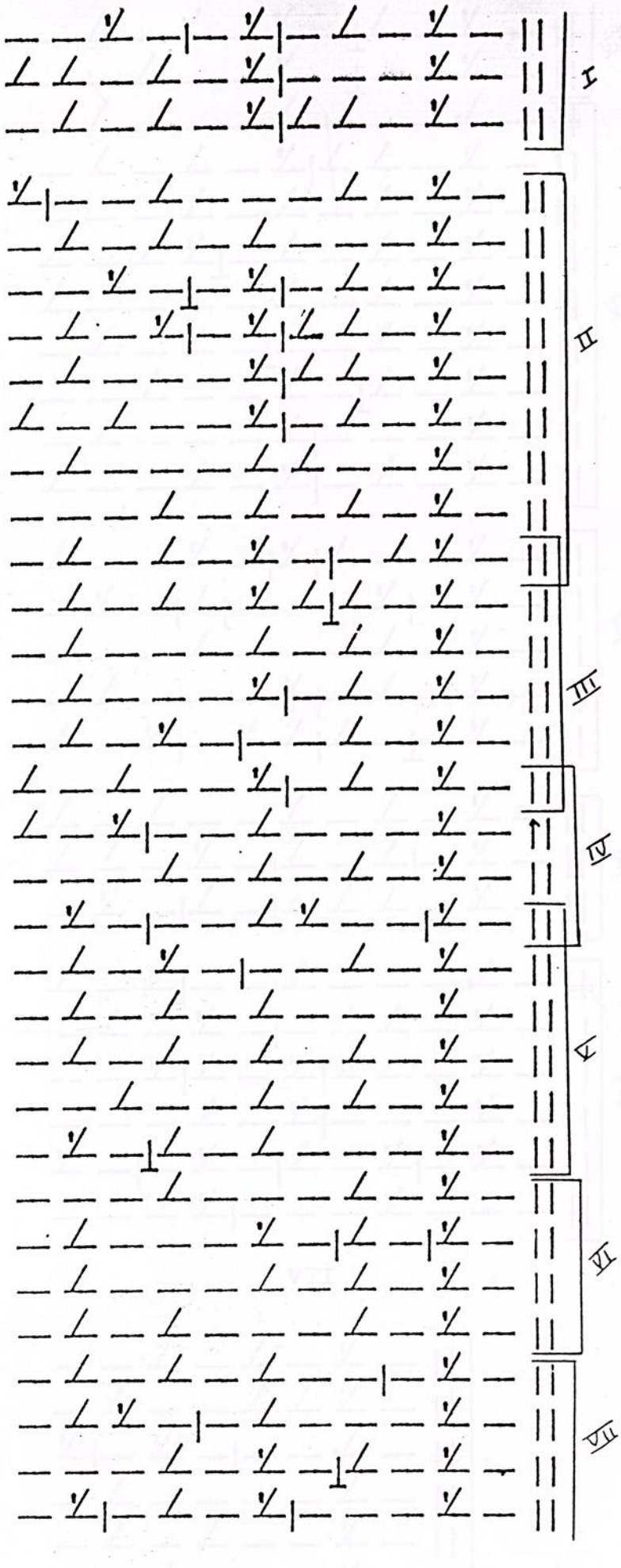

A
Ø
A
A
A
A
B
C
C
C
B
A
A
A
B
C
C
C
B
A
A
A
B
C
C
C
B
A
A
A
B
C
C
C
B

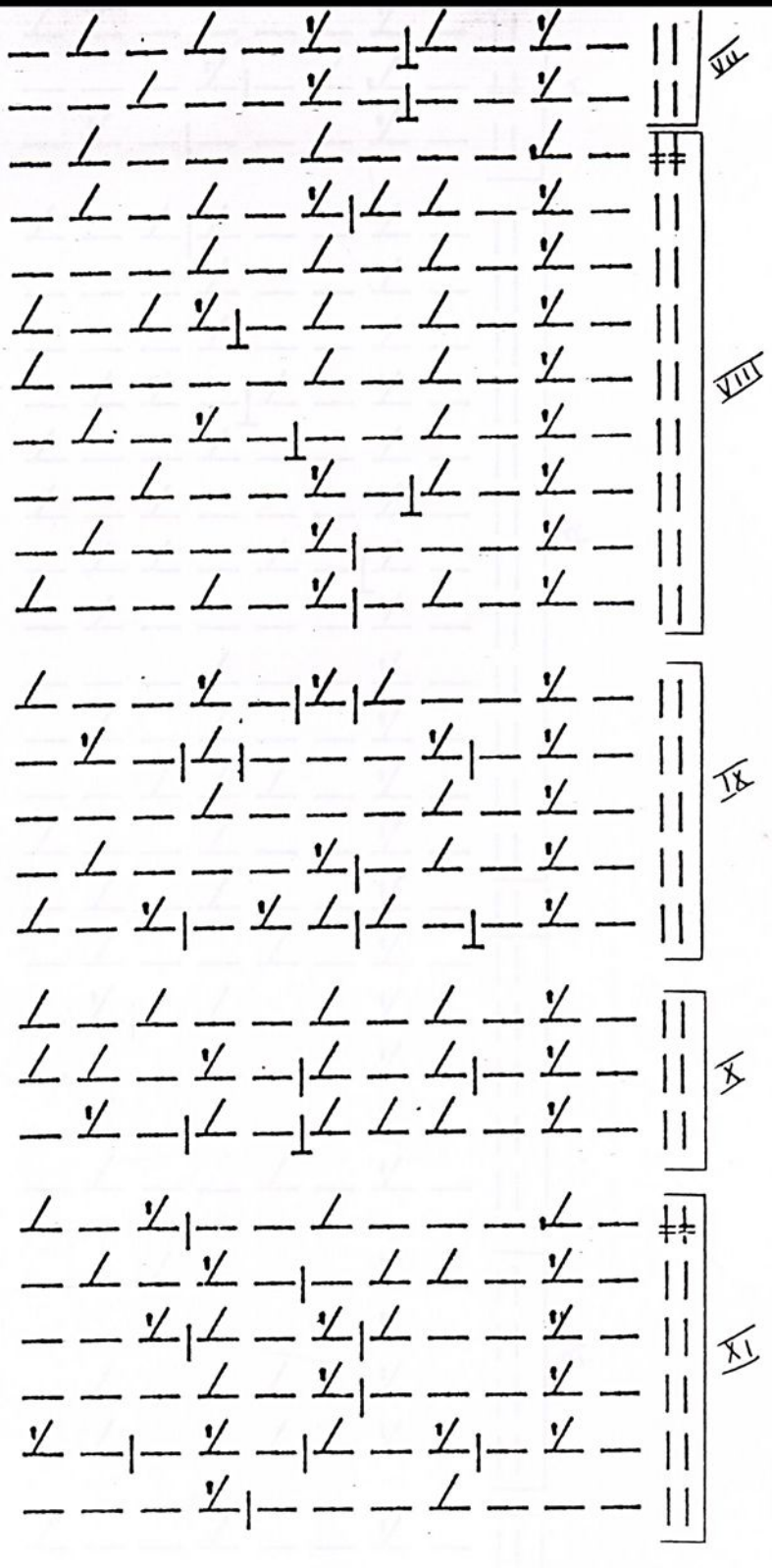

A
A
A
B
C
C
C
B
A
A
A
B
C
C
C
B
A
A
A
B
C
C
C
B
A
A
A
B
C
C
C
B



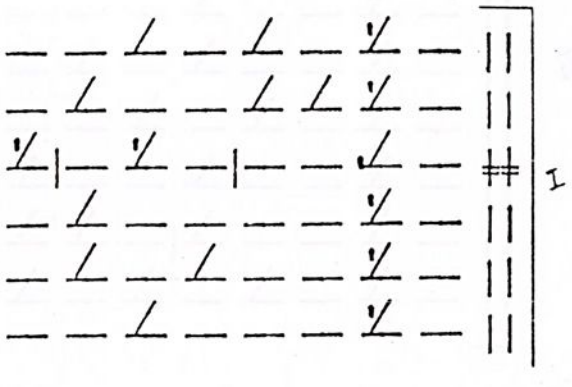
V

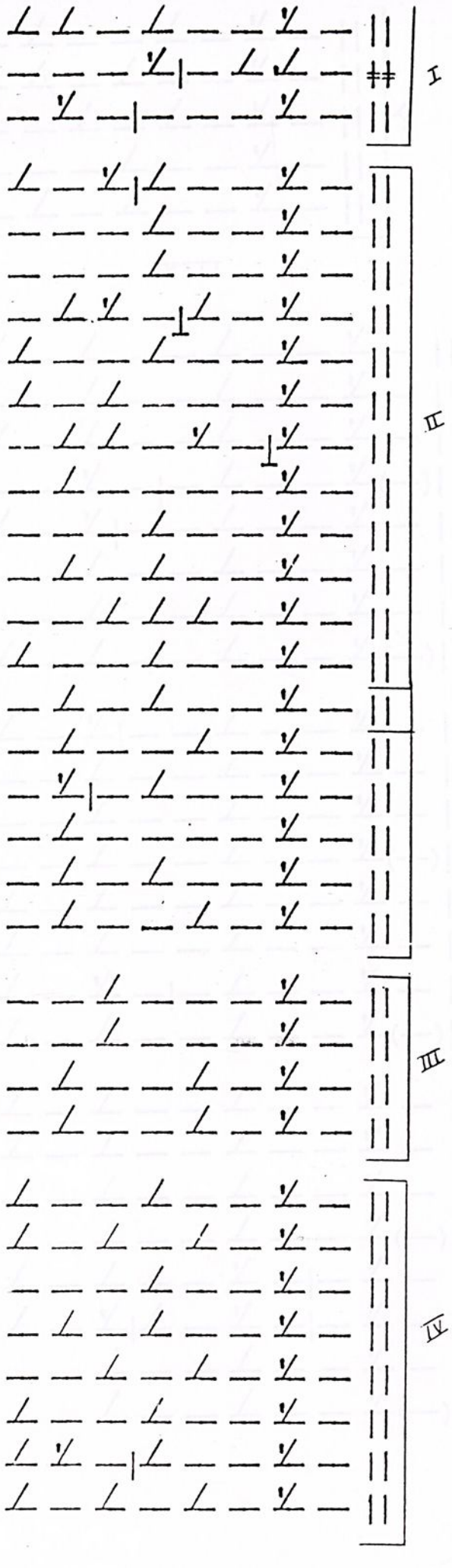
II
III
IV
V
VI
VII
VI
I

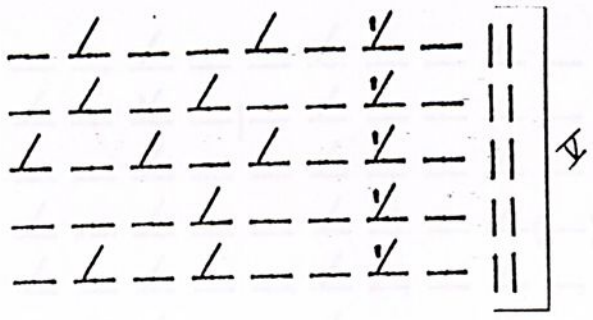

I
II
III
IV
V
VI
VII



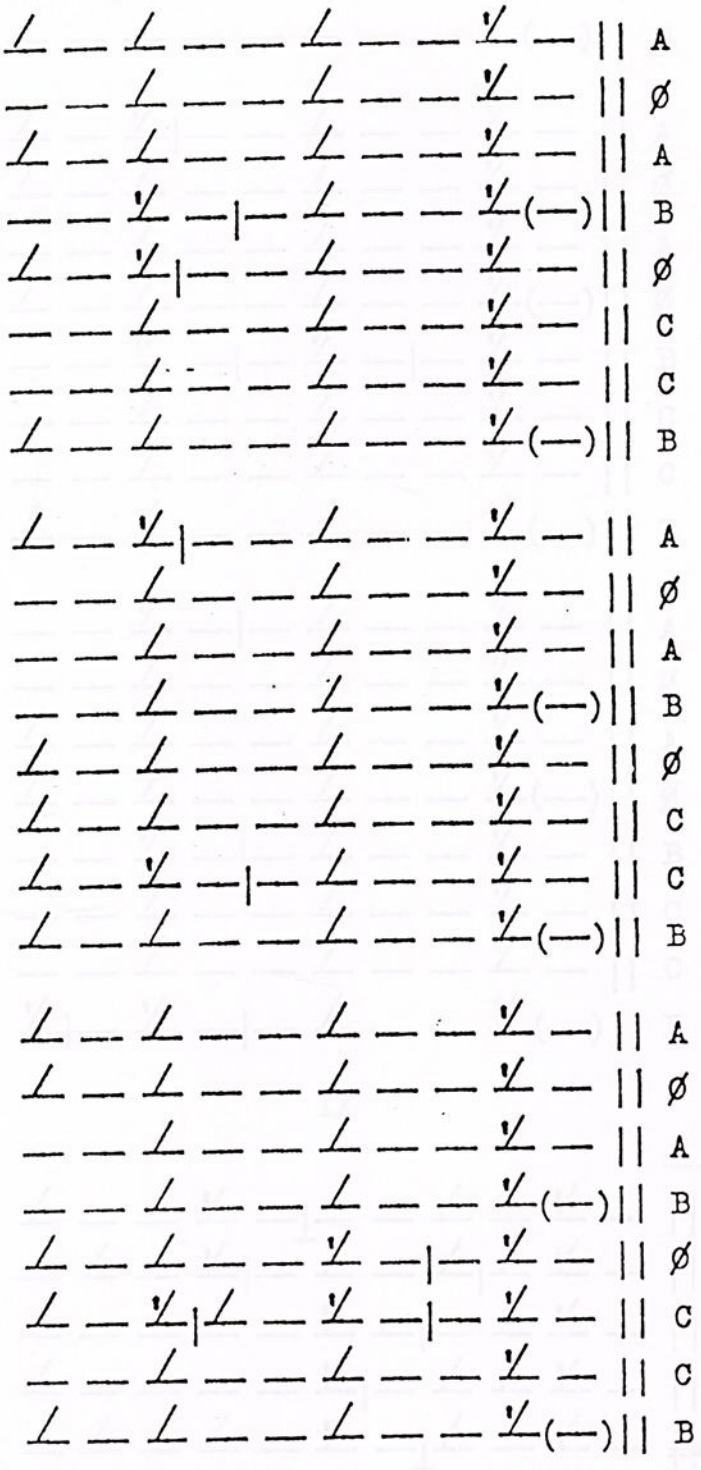
VII

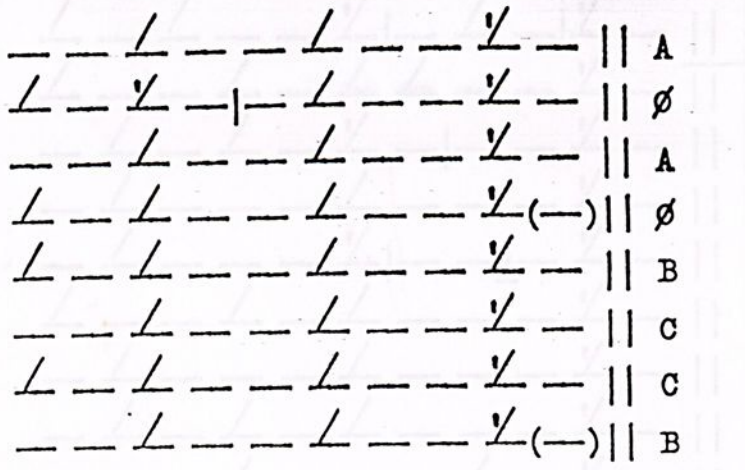


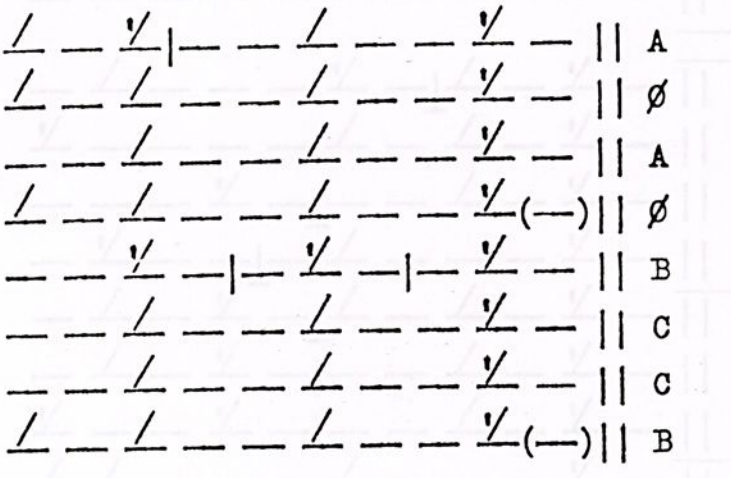

I
II
III
IV

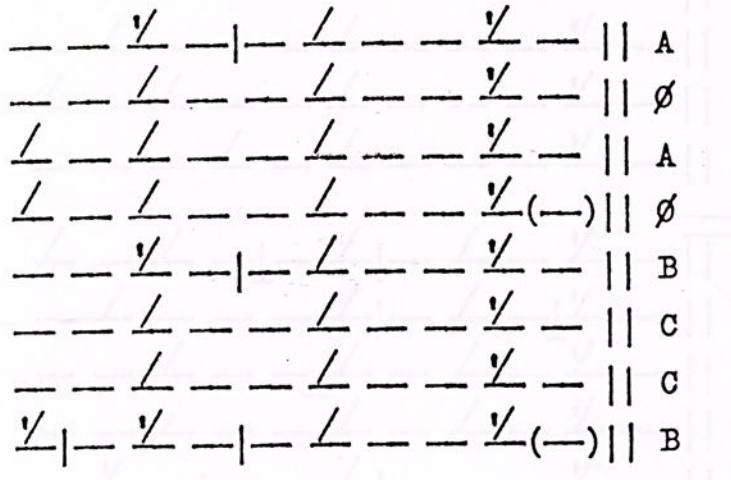


VIII

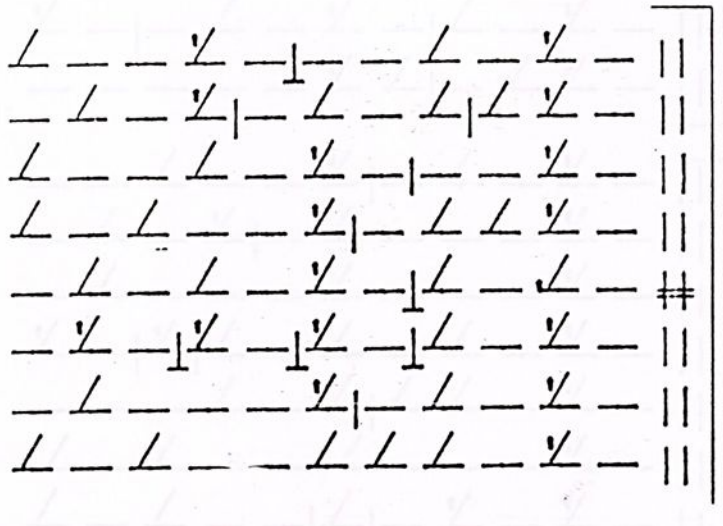


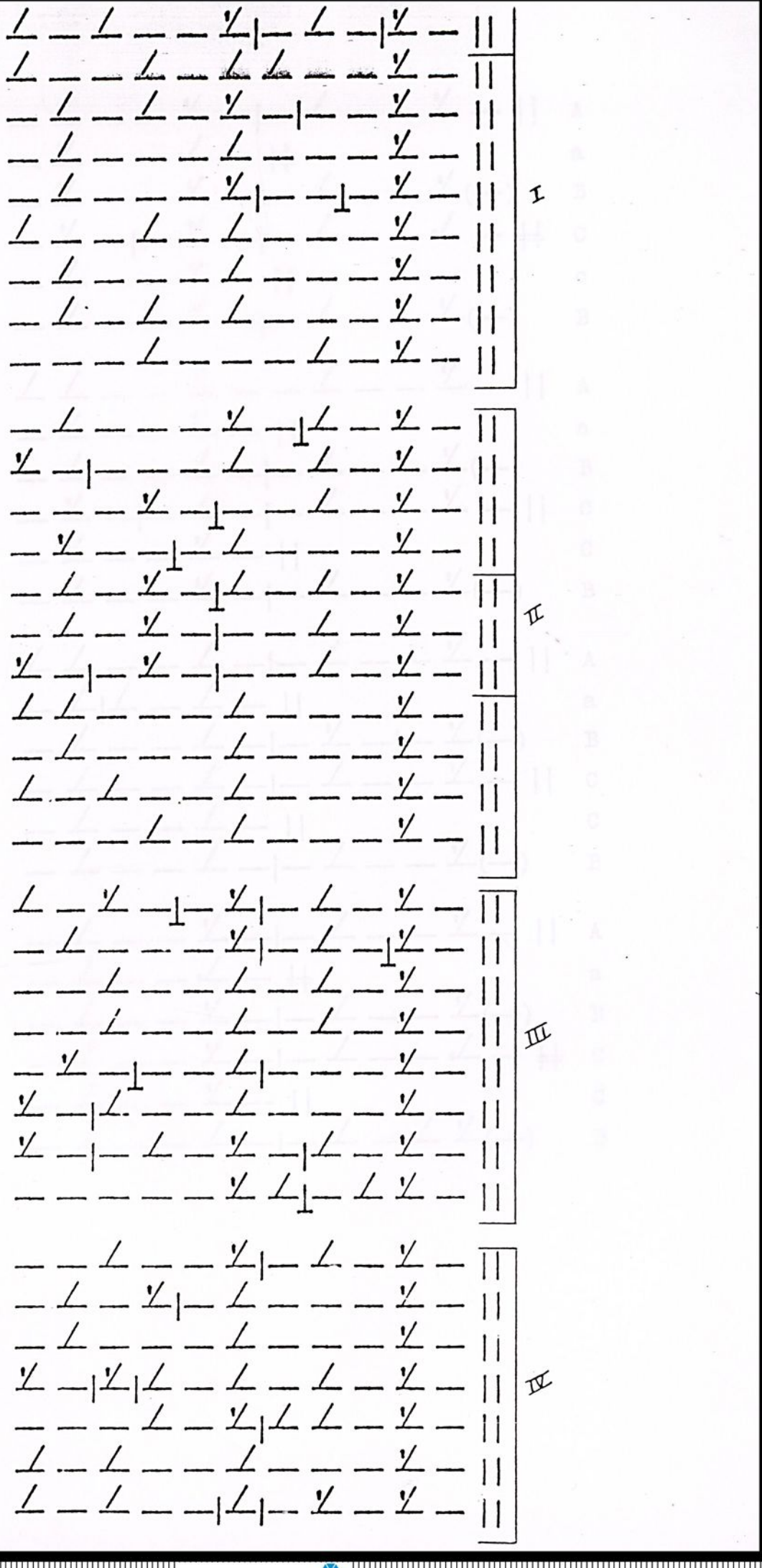


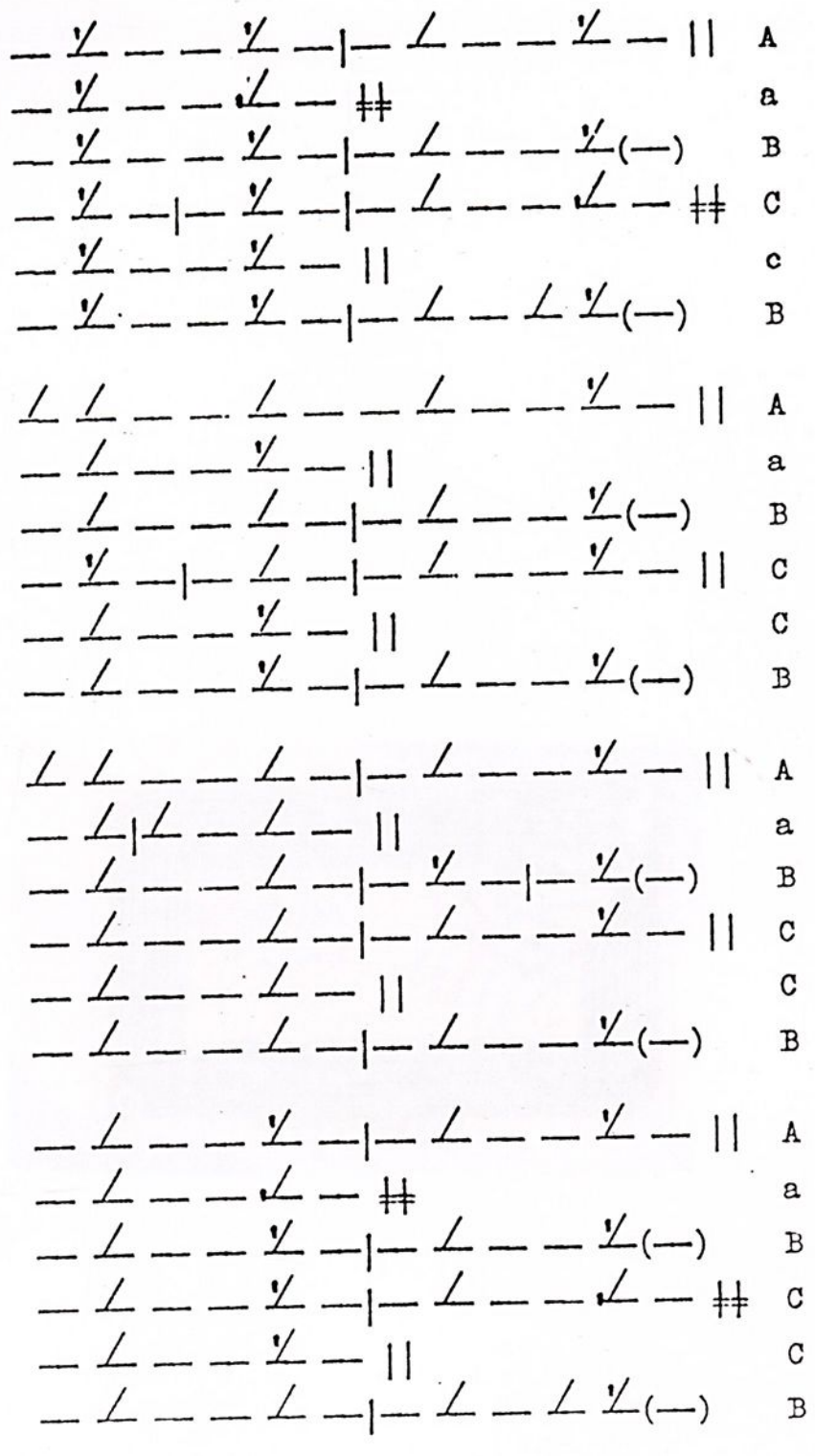




IX




I
II
III
IV


A
a
B
C
c
B
A
a
B
C
C
B
A
a
B
C
C
B
A
a
B
C
C
B